

REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINARIA



SUMÁRIO:

Proclamação do GENERAL EURICO DUTRA	3
O Serviço Veterinário Norte-Americano	5
CORONEL F. DE PAULA CIDADE — Cavalos ou Motor?	9
GENERAL JOSE' PESSOA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE — Arreamento para a Cavalaria Brasileira (Inspetoria da Arma de Cavalaria)	15
CORONEL DR. JUVENAL FELICIANO DOS SANTOS — Utilidade despercebida dos cavalos militares julgados imprestáveis	67
TEN. EURICO CORTES — O aumento do índice de natalidade do breião postier na Coudelaria de Pouso Alegre (continuação)	75
TENENTES ALDEMAR ALVES DE CARVALHO e JOSE' BORGES DE FIGUEIREDO — Carie dentária — Um caso clínico	83
TENENTE AYLTON CORDEIRO — O exame da alfafa	89
Instruções para o ferrageamento dos solípedes do exército	91
MAJOR ARISTIDES CORREA LEAL — O cavalo na moderna con- cepção da guerra (Tradução)	95
TENENTE JOSE' PACHECO — Em prol da criação de equinos	101
Manual do Ferrador (Reprodução)	105
Novos assinantes da Revista para 1942	119
TENENTE ERNESTO SILVA — Defesa contra os ataques químicos	123
CAPITÃO M. BERNARDINO COSTA — Vocabulário auxiliar da nomenclatura nosológica veterinária	129
TENENTE HILBERNON MAXIMIANO DA SILVA — Seleção de reprodutores puro-sangue Inglês	135
Falecimentos	139
Noticiário	143

A nossa capa é ilustrada por aspectos da vida diária dos reprodutores de tração da Coudelaria Pouso Alegre: 1) Eguas atreladas para o serviço; 2) Garanhão atrelado; 3) Eguas cheias no potreiro e 4) Egua com cria no potreiro individual. Eguas de tração, criadeiras, no serviço de atrelagem diário — Dep. Reprodutores de Avelar.

REPRESENTANTES AUTORIZADOS:

SAO PAULO — 2.º Ten. Dr. João Vicente de Araujo Silva — Rua Miguel Izara n.º 105 — Butantan.
PARANA' — 1.º Ten. Dr. Edson Paranhos Amazonas.
RIO GRANDE DO SUL — 1.º Ten. Dr. Antonio Nelson de Vasconcelos.

Revista Militar de Remontae Veterinária

ANO V

Agosto-Setembro-Outubro de 1942

N.º 40

*Milton King de
Rio - 18-11-42*

O GENERAL EURICO GASPAR DUTRA, MINISTRO DA GUERRA, ENDEREÇOU AO EXÉRCITO A SEGUINTE PROCLAMAÇÃO:

“Oficiais e praças do Exército.

O Brasil atravessa momentos de intensa gravidade.

O afundamento dos nossos navios, ato monstruosamente criminoso, perpetrado friamente dentro dos nossos próprios mares, acarretando-nos perdas inestimáveis, cobrem de luto os corações de todos os brasileiros, sangrando de dôr com o desaparecimento de indefesos patrícios arrastados à morte brutal e traiçoeiramente.

Aos nossos sentimentos de amargura juntam-se também os de revolta fremente, justa e insopitável.

Nesta hora grave de nossa nacionalidade, o Exército confunde-se com o povo, ambos partilhando as mesmas emoções, ambos arrebatados na mesma e pura vibração de um patriotismo sincero e profundo.

A atitude do Exército é firme e serena.

Diante do rude golpe, diante da trágica realidade, diante da ousadia inglória de destruir, à vista de nossas praias, embarcações costeiras que,

em despreocupado cruzeiro, ostentavam nos seus mastros a Bandeira do Brasil, — o Exército ergue-se, unido e confiante, disposto, como sempre, a todos os sacrifícios na defesa do nosso grandioso patrimônio moral e material, imperecível legado de nossos antepassados.

Nesta hora enlutada de nossa história, enfrentando os acontecimentos com coragem e segurança, não conhecemos indecisões! O Exército é um só bloco, uma força coesa, — e cada soldado saberá cumprir o seu dever, sacrificando-se até a morte pelo Brasil

Aceitamos os fatos como nos foram impostos, — e, em revide, empregaremos nossas forças, em sua totalidade, para repelir a agressão, com destemor e energia.

Nenhum filho do Brasil faltará ao seu dever nesta hora sombria que exige a união de todos na defesa das nossas tradições e dos nossos direitos. Só assim seremos dignos da grande Pátria Brasileira que, honrada e respeitada, recebemos de nossos maiores e que, honrada, respeitada havemos de transmitir aos nossos descendentes.

E bem na certeza de que o Exército e o Povo, como sempre estreitamente ligados por afeição e confiança, obedecerão fielmente a voz de mando do Chefe Supremo da Nação, o Exmo. Sr. Presidente da República, cujas decisões devemos aguardar com calma, serenidade e disciplina confio em que, segundo a trilha rígida do Dever, unidos e presos à mesma única e sagrada obrigação, não faltaremos à nossa, certamente rude, mas gloriosa, missão para com a Pátria, defendendo-a ciosamente e guardando-a, sem medida de sacrifícios, na integridade territorial e na sua honra impoluta!

Rio de Janeiro, 21 de Agosto de 1942.

(a) Gen. EURICO DUTRA".

O SERVIÇO VETERINÁRIO NORTE-AMERICANO

Ao iniciar-se a guerra atual, o corpo veterinário do Exército Norte-Americano era constituído por 126 oficiais e graduados, e por 500 praças especializadas. Hoje, compreende 700 veterinários e uns 2.500 praças. Quando começou a crise, o número de equinos e muares do Exército era aproximadamente de 2.000, ao passo que agora é de cerca de 500.000. Durante o ano de 1939 o corpo de veterinários militares examinou 75.000.000 de quilos de carne, produtos derivados e laticínios, além de 4.000.000 de quilos refugados. No primeiro semestre de 1941 as inspeções atingiram a cifra de 200.000.000 quilos de carne os refugos a 9.000.000 quilos. Uma importante função do corpo é o serviço de laboratório, que tem sua sede principal na Escola de Veterinária Militar, em Washington. Nele são aplicados vários processos de diagnóstico, realizados exames bromatológicos e fabricados produtos biológicos, entre os quais figura a vacina contra a encéfalo-mielite equina. Como é sabido, esta zoonose difundiu-se bastante nos últimos anos, afetando também os homens; e nos últimos meses houve uns 3.000 casos humanos, nos Estados de Dakota do Norte, Dakota do Sul, em Minnesota e no Canadá, com a mortalidade aproximada de 70 %. Considera-se que a enfermidade afeta de 20.000 a 25.000 animais, talvez mesmo muito mais, pois em 1938 foram reconhecidos 185.000 casos, com a mortalidade de 21 %.

Em 1941, foram vacinados contra o mal cerca de 500.000 animais. Há três anos foi organizado um bem *dotado laboratório em Fort Royal*, para pesquisas sobre enfermidades equinas.

A inspeção da forragem constitui outra importante

função do Serviço de Veterinária estadunidense. Na escola de Carlisle são mantidos cursos de veterinária; em Chicago, de inspeção de carnes.

A demasiada atenção concedida aos êxitos iniciais da "guerra relâmpago", mecanizada em grande proporção, da tirania nazista, fez crer ao vulgo que o cavalo e o muar tinham sido eliminados por completo das operações bélicas. Isto está muito longe da verdade. Na campanha da Polônia, Hitler empregou uns 200.000 animais; na Bélgica e França, uns 790.000.

(Traduzido do Boletim da Oficina Sanitária Panamericana, n.º 4, de Abril de 1942).





Major Vet. Aristides Corrêa Leal — novo chefe do D. C. M. V. E.

O NOVO CHEFE DO D. C. M. V. E.

Ao ser desligado da S. D. S. R. V. o Major Aristides Corrêa Leal, por motivo da sua classificação no D. C. M. V., o Exm.^o Snr. Gen. Silva Rocha externou-se com referência ao citado oficial nos seguintes termos:

"Louvo e agradeço ao Major Aristides Corrêa Leal pelos seus valiosos serviços a esta Sub-Diretoria onde, por mais de uma vez, tem passado e reafirmado seus dotes de caráter, inteligência e cultura geral.

Possuidor de bela inteligência, sabe manejar a pena com elegância e discórdio sobre os problemas equinotécnicos da Remonta: os quais sempre expôs com clareza, segurança e conhecimento próprio.

Propugnador do deslocamento paulatino da criação cavalar para o Centro, Nordeste e Norte do país, empenhou-se a fundo neste ideal de expandi-la para onde, no seu modo de pensar, está o cerne da nacionalidade e onde devemos formar as nossas reservas.

O Major Aristides, ao par de seus dotes intelectuais, possui não menor reserva de qualidades morais, que o caracterizam, sempre jovial e lhano no trato dos que têm o prazer de conviver com ele.

Em sua nova comissão muito podemos esperar do seu espírito construtivo e harmonioso".

CAVALO OU MOTOR?

Coronel F. DE PAULA CIDADE

O problema que serve de título a este estudo pode ser posto em equação por diversos modos.

No estado atual, toda mobilidade do corpo de batalha dos países sul-americanos repousa fundamentalmente no elemento hipomovel, pois as intervenções do motor só se verificam realmente nos transportes de retaguarda, e, assim mesmo, em parte desses transportes.

Para um futuro não remoto, duas modalidades podem surgir: 1) motorizar, isto é, empregar o motor para a totalidade dos transportes fora do campo de batalha; 2) mecanizar, isto é, levar o motor para o campo de batalha e para as minúcias da luta.

E' que para o motor, não obstante todas as dificuldades atuais, caminhamos todos, porque antes de tudo, este é o complemento de outras máquinas ou instrumentos de guerra usadas hoje e que se aperfeiçoarão continuamente.

Os tradicionalistas apegam-se ao argumento da falta de estradas, mas estas serão multiplicadas e melhoradas por toda parte.

Em tudo isso esquecem que o motor só aparentemente, em nossos dias, é mais exigente do que o cavalo. A verdade é que ambos não se deslocam desembaraçadamente fóra dos caminhos bem consolidados.

Já se vê que os povos da América, com exceção do norte-americano, estão a estas horas fazendo essa mesma pergunta: Cavalo ou motor? Hipomovel ou automovel?

No caso brasileiro, vamos por enquanto nos acomodando em grupos preferenciais, que oscilam entre esses dois extremos, à procura da solução definitiva.

Mas, o assunto é tão importante, que está a exigir um debate ordenado e em voz alta. Sem tomarmos partido entre os que querem motorizar ou mecanizar de qualquer modo, ou entre os que pensam contrariamente e continuam mesmo a falar de um possível combate a cavalo, passemos em revista o caso em foco, de um ponto de vista objetivo.

A questão comporta várias tonalidades: 1) ir às do cabo, eliminando o cavalo e o muar de todas as cogitações; 2) mecanizar a frente de batalha e motorizar a retaguarda; 3) mecanizar e motorizar parte da frente e conservar integralmente o elemento hipomovel à retaguarda; 4) mecanizar e motorizar todos os elementos da frente e conservar o elemento hipomovel à retaguarda; 5) mecanizar e motorizar a frente e constituir a retaguarda apenas em parte com elementos motorizados; 6) mecanizar a frente apenas em parte e constituir a retaguarda com elementos do mesmo modo associados; 7) enfim, não mecanizar nem motorizar coisa alguma, porque não temos indústria suficiente, nem petróleo. Veem-se aí, entre dois extremos afastados, multiplicidade de intermediários.

A primeira solução, que manda mecanizar e motorizar tudo, é tão absurdo como a última. Tão errônea será responder pelo motor, como ficar no cavalo.

Tão ingênuo há de ser decretar a mecanização do exército, num país que dá os seus primeiros passos no caminho da industrialização, como pretender abordar a cavalo um ninho de metralhadoras.

Esses raciocínios induzem a pensar em conjuntos equilibrados, em que o elemento mecânico se associe progressiva, mas seguramente, ao elemento hipo. Não condenar de um modo absoluto o cavalo, o muar e mesmo o boi arrastador, mas fazer com eles o que se faz com o próprio homem que já não se mostra senão excepcionalmente sobre o campo de batalha.

Uma divisão de cavalaria, por exemplo, com dois núcleos homogêneos a cavalo e um terceiro grupo mecanizado, com quasi todos os serviços motorizados, já seria uma solução prudente para o momento, desde que o cavalo seja apenas transportador de combatentes fóra do campo de batalha, e arrastador de viaturas, para certos órgãos de retaguarda.

Ao argumento de que alguns países sul-americanos ainda usam a lança, poder-se-á opor outro, também muito lógico: Se pretenderem em caso de guerra atacar-nos com armas primitivas, pior para eles!... Aliás, quem poderia assegurar que outros países, depois de nos terem deixado

na convicção de que pensam empregar a lança sobre o campo de batalha, não preparariam as cousas para substituir em caso de tensão política essa arma pelos modernos engenhos, mais rápidos, de maior raio de ação e de muito maiores efeitos do que o binômio cavalo-lança a que nos apegássemos?

E se, mas que um perigo sul-americano, outros perigos maiores se desenharem nos horizontes internacionais?

A tradição merece um culto, mas este deve ser rendido nos museus e não nos campos de batalha.

Haverá algo que razoavelmente se oponha que certas divisões de infantaria sejam em parte mecanizadas, que outras sejam, no todo ou em parte, motorizadas? Surgirão inconvenientes se certos órgãos não divisionários forem inteiramente ou parcialmente motorizados?

Não, maximé que, ao que se sabe, o gazogênio já é, entre nós, mais do que uma simples promessa e pode, no estado atual da questão, servir aos elementos cuja entrada em ação possa suportar algumas delongas.

Parece, pois, que uns poucos princípios estão a nortear nossa evolução, conservando paralelo o desenvolvimento do organismo militar brasileiro ao desenvolvimento industrial do país, o que serviria de base a uma operativa variável com as circunstâncias:

- A) Nada de criação de agrupamentos de armas novas, que viriam aumentar as dificuldades do comando, que proporcionariam, no momento, alegrias excessivas para alguns e no futuro, aborrecimentos injustificados para todos.
- B) Conservação do corpo de batalha brasileiro sob um *tipo médio*, capaz de adaptar-se às circunstâncias, isto é, a determinada guerra, a qualquer de nossos teatros de operações, aos recursos industriais disponíveis, etc.
- C) No que diz respeito aos transportes de qualquer gênero, aproveitamento de todos os recursos, tanto mecânicos como hipomóveis, cada qual na devida oportunidade.
- D) Encarar o mais amplo emprêgo do fogo, quaisquer que sejam os recursos disponíveis.
- E) Considerar o emprêgo das armas brancas, e notadamente do cavalo, como excepcional sobre o campo de luta; abolir consequentemente o ensino do emprêgo de armas que difficilmente hão de ser utilizadas.



Alegria

disposição, para o trabalho, memória prontamente alerta, são coisas impossíveis quando não se têm reguladas as funções digestivas.

O "Sal de Fructa" ENO é o regulador ideal do sistema intestinal. Não sendo em vidros, não é "Sal de Fructa".



ENO "SAL DE FRUCTA"



TIPO CAVALARIA Nº 1



TIPO CAVALARIA Nº 2

MINISTERIO DA GUERRA

Inspetoria da Arma de Cavalaria

Capital Federal

Do Gen. Inspetor da Arma de Cavalaria

Ao Exmo. Snr. General Ministro da Guerra

Ao apresentar a V. Excia. o relatório dos trabalhos da Comissão, nomeada nesta Inspetoria, para o estudo de um novo tipo de arreamento para a Cavalaria Brasileira, julguei de utilidade expender algumas considerações sobre o assunto, a guisa de introdução do referido trabalho. Ativemo-nos às prescrições regulamentares que estabelecem as características da Cavalaria e por elas orientamos o nosso trabalho.

Entre os fatores do movimento encontramos pois a duração que, dependendo da qualidade, resistência, peso transportado pelos animais, valor equestre da tropa, etc., vai permitir à Cavalaria cobrir suas etapas médias de 40 e excepcionalmente de 100 Kms.

A qualidade, isto é, o problema do cavalo está entregue à Sub-Diretoria de Remonta. Sei o quanto é ele complexo e, no trabalho — "Problema da Equinocultura no Brasil" — encaminhado a V. Excia. em 1940, esta Inspetoria firmou o seu ponto de vista a respeito de tão magno problema.

A resistência é uma questão de qualidade, nutrição e treinamento e pôde ser conseguida graças a uma instrução bem orientada. Bem assim o valor equestre está igualmente na dependência da boa instrução, coisa que não acontece com o peso transportado pelos animais o qual é função do material necessário ao soldado para viver e combater.

Com a evolução imposta pela guerra moderna a Cavalaria, viu crescer

grandemente o seu material. E como em organização, quem diz potência de fogo diz peso, o aumento deste implicou em diminuição da velocidade que é um dos elementos da Mobilidade.

Consoante ainda com as definições regulamentares o movimento deve ser possível em condições satisfatórias, através longas etapas, em todos os terrenos e por tempo considerável, na medida das circunstâncias imprevisíveis porquanto mesmo para a Cavalaria Moderna, a sua mobilidade em conjunto é a de seus elementos a cavalo pois que as possibilidades de deslocamentos destes, definem os esforços de marcha que lhes podem ser solicitados.

Deduzimos daí a imperiosa necessidade de mantermos, homens e animais, em condições de fornecerem o esforço que lhes fôr solicitado afim de que a arma conserve as características específicas que a fazem a arma das grandes crises, embora continue a ser "arma fragil que se gasta facilmente e dificilmente se refaz".

Frequentemente chamados a agir fóra da ação direta e da presença de seus chefes os quadros e soldados, desempenham missões individuais que exigem do cavaleiro forte espírito de iniciativa, audácia e decisão.

Utilizando um armamento moderno, a instrução técnica atingiu atualmente a um apreciável desenvolvimento. Quer utilize o motor quer o cavalo, ambos difíceis de substituir, exigindo cuidados especiais, a Cavalaria é arma de custo elevado, porém, indispensável aos exércitos. Decorre daí a necessidade de dispensarmos desvelo ao equipamento que lhe deve ser confiado. E já não me refiro apenas aos motores, de valor inestimável e que ainda não fabricamos, mas aos cavalos que é necessário conservar em boas condições, e cuja criação deve ser incentivada a todo custo, se a Cavalaria brasileira quizer desempenhar, com eficiência, as árduas missões que lhe serão atribuídas, através de variadas e vastíssimas regiões.

Como Inspetor da Cavalaria devotel-me com especial cuidado a tudo quanto diz respeito a esta arma. Há dois anos que inspeciono todos os Corpos de Cavalaria do Brasil, que tomo conhecimento direto das suas necessidades, as quais tenho procurado obviar, redigindo relatórios, apresentando sugestões, encarecendo pessoalmente providências, insistindo, procurando dentro do possível diminuir a escassês de material nos Corpos de tropa e melhorar os meios de que dispõem para a Instrução.

Durante esse período certos problemas técnicos da arma, que esperaram solução durante anos, foram considerados e, com auxilio dos órgãos competentes, satisfatoriamente resolvidos.

Há bastante tempo venho reunindo observações, colhendo elementos e dados, expondo-os em pedidos de providências, utilizando-os em sugestões apresentadas, no desejo de afastar, porventura o maior fator de desgaste da nossa Cavalaria — o atual arreamento. No relatório desta Inspetoria, de 1939, assim nos expressavamos: "O arreamento em uso é inadequado e constitue verdadeiro instrumento de tortura para os animais. Cumpre aliviar, quanto antes, a nossa Cavalaria da excessiva carga que é transportada pelos seus cavalos, si não quizermos expô-la ao insucesso, logo no começo de uma operação de guerra".

Princípio, aliás, que vem sendo confirmado pelas cavalarias beligerantes no decorrer da atual guerra.

Não há dúvida que o arreio constitui a causa mais frequente das baixas de animais às Formações Veterinárias e que esse fato vem obrigando a nossa Cavalaria a reduzir a extensão das suas etapas de marcha quasi às de uma Infantaria montada. Não oferecer adequada proteção ao dorso do animal, nem proporcionar uma cama para o cavalarião, no acampamento ou no bivaque, meios normais de seus estacionamentos, seria provocar o sacrifício de ambos e, numa ampliação de efeitos, da própria Cavalaria.

Problema complexo, que comporta as mais variadas soluções, estava a exigir uma investigação ampla e meticulosa, levando-me a pensar mesmo, que para sua feliz solução, seria necessária a colaboração de toda a Cavalaria Brasileira.

Em abril de 1941 enviei a todos os Corpos de Cavalaria a Circular n.º 60 contendo as diretivas que se seguem afim de obter uma uniformidade de orientação e evitar o aparecimento de sugestões que se afastassem inteiramente do objetivo visado.

Eis a Circular:

"I — Considerando ser geral a opinião contrária ao arreamento ora em uso na Cavalaria, por não preencher as condições impostas pela vida em Campanha;

Considerando que um arreamento para ser considerado bom, deve preencher as seguintes condições:

- a) — Não tornar indisponível o animal, apesar do peso transportado;
- b) — Permitir o transporte de todo material necessário ao homem e ao cavalo na guerra;
- c) — Oferecer possibilidades para que o soldado organize "Uma cama provisória" em qualquer modalidade de estacionamento;
- d) — Não ser pesado em demasia;
- e) — Ser simples;
- f) — Ser durável;
- g) — Ser fácil de confecção em qualquer Região do país;
- h) — Apresentar possibilidades de conserto, mesmo em Campanha;

Considerando que até o presente momento apareceram vários "sugestões" mas não houve ainda quem apresentasse um tipo satisfatório, afim de ser posto em experiências definitivas;

Considerando ser racional a procura da solução na *Perfeita* adaptação do "tipo" que, com pequenas alterações, é usado em qualquer região do território Nacional pelos homens que se servem do cavalo habitualmente;

Considerando ainda que nas diversas Unidades de Cavalaria, quasi todos os Officiais já tem idéa formada a este respeito e muitos já realizaram adaptações interessantes;

O General Inspetor da Arma de Cavalaria, desejando apresentar, o mais breve possível, à autoridade competente, a solução de tão importante problema, vem por meio deste solicitar a cooperação dos senhores Comandantes de Regimento e de seus oficiais no sentido de que cada unidade apresente o "tipo" que julgue satisfazer o de um perfeito arreamento para a Cavalaria.

Afim de orientar a execução dos trabalhos, esta Inspeção envia sugestões que poderão ser seguidas o que facilitará a coordenação posterior.

1.º) — Em cada Regimento poderá ser nomeada uma comissão constituída por oficiais que tenham prática da vida de Campanha, afim de que, uma vez assentado o "tipo" que julgam ideal, apresentem seus pedidos ao Comandante, caso este não faça parte da Comissão, afim de ser reunido o material necessário ou confeccionado no local;

2.º) — O arreamento apresentado deverá satisfazer às condições expressas nas letras a, b, c, d, e, f; g; h; das diretivas;

3.º) — Uma vez criado o "tipo" de arreio, deverá ser fotografado em conjunto (cavalo ensilhado, arreio com todo material, soldado montado e desmontado — Mosquetão sempre a tiracolo).

As peças componentes do arreio, serão também fotografadas isoladas, afim de que se possa ter idéia de sua forma e utilidade.

Para guardas de honra, paradas, etc.; lembramos o uso do "chaibrack";

4.º) — A's fotografias deverão ser coladas numa tira de papel, dando a nomenclatura suscinta da peça apresentada, peso absoluto, preço no local, matéria prima com que é fabricada, duração provavel, etc.

A's fotografias do conjunto (de frente e de perfil) serão também anexadas as explicações necessárias;

5.º) — Cada unidade deverá conservar o seu modelo em experiência, em condições tais que em qualquer época possa ser cedido, por empréstimo integralmente ou em parte, a esta Inspetoria. Todas as peças deverão ser lubrificadas seguidamente, para que no fim das provas estejam bem flexíveis e apresentem bom aspecto;

6.º) — Até o dia 1.º de Julho do corrente ano, toda a documentação (fotos, descrições, etc.) deverá ser remetida a esta Inspetoria;

7.º) — Por ocasião da Inspeção do corrente ano, o General Inspetor examinará pessoalmente os "tipos" que forem creados nos corpos de tropa e avaliará então o esforço de cada um na solução do que considera um dos mais importantes problemas para a nossa Cavalaria".

Simultaneamente, enviei a V. Excia. o officio n. 59, de 18-9-41 (que transcrevo abaixo) no qual solicitava providências que permitissem a todos colaborar no empreendimento, materializando o fruto de suas observações e experiências num tipo de arreio que julgassem ser o mais pratico ao serviço da Cavalaria.

"I — Tendo esta Inspetoria enviado um officio circular, cuja copia vai anexa a este, aos Comandantes de Unidades de Cavalaria, fazendo sugestão para que estes colaborem no estudo de um tipo de arreio que satisfaça nossas necessidades e que desejo apresentar, posteriormente, a V. Excia., e, como isto importará na realização de uma pequena despesa, por parte das Unidades, solicito a V. Excia. autorizar os respectivos Comandantes a dispenderem, por conta das Economias Administrativas, a importância de 600\$000 (seiscentos mil réis) na aquisição do material e experiências a serem feitas.

II — Lembro a V. Excia. que, em qualquer hipótese o material adquirido não ficará inativo, pois poderá ser utilizado em trabalhos nas Invernadas de que dispõem as Unidades".

Neste officio V. Excia. atendendo a minha solicitação exarou o despacho de 26-IV-41, que autorizava os Srs. Cmts. de Corpos a dispenderem a importância solicitada.

Imediatamente dei ciência do teor do despacho a todos os Regimentos e, pouco tempo depois, começou a chegar a documentação fotográfica solicitada no item 3º da circular n.º 60 enviada aos Corpos.

Posteriormente, por ocasião da minha Inspeção anual aos Regimentos de Cavalaria, tive oportunidade de examinar detalhadamente todos os trabalhos apresentados e, sempre que anotei alguma inovação de caráter utilitário, determinei que o material em questão fosse enviado à sede desta Inspeção onde se acha atualmente reunido tudo quanto de mais interessante e prático foi apresentado em matéria de arreamento.

Foi com verdadeira satisfação que verifiquei o interesse despertado nos corpos de tropa pelo estudo de um novo modelo de arreamento. Notável mesmo, poderemos dizer, foi o espírito de cooperação da oficialidade em busca da solução de tão marcante problema, o que torna ainda mais evidente a oportunidade da iniciativa desta Inspeção.

As comissões nomeadas pelos Snrs. Cmts. de Unidades, bem orientadas, contaram com facilidades para materializar suas idéias de modo que, por ocasião da minha Inspeção, já encontrei confeccionados vários "tipos" de arreamentos interessantes e merecedores de estudos mais detalhados. Como eu previa, ao distribuir a Circular n.º 60, todos trabalharam com proficiência e alto espírito de cooperação.

— Para dar parecer sobre os modelos de arreios apresentados e deles concluir e confeccionar o "tipo" que ora apresento a Vossa Excia., organizei uma comissão, sob a minha presidência, e escolhi como colaboradores os Snrs. Cap. Hugo Garrastazú e 1º Ten. Manoel Cavalcanti Proença coadjuvados pelo Sub-Tenente José Veloso Filho, todos desta Inspeção, que trabalharam e se desobrigaram com verdadeira dedicação da tarefa recebida, especialmente o Cap. Garrastazú que foi inextinguível nesse propósito.

A análise dos trabalhos apresentados pelas Unidades e as conclusões a que chegou a Comissão, constituem assunto do Relatório que submeto a consideração de V. Excia.

Capital Federal, 14 de Agosto de 1942.

(a) Gen. Div. José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque
Inspetor da Armada de Cavalaria.

RELATÓRIO APRESENTADO PELA COMISSÃO

I — Síntese dos trabalhos recebidos

Em número de 12 (doze) foram as Unidades que enviaram suas colaborações. Impunha-se pois uma primeira classificação que facilitasse não só a exposição sintética dos trabalhos como também, posteriormente, o exame detalhado por parte da comissão. Tomando-se como base a parte fundamental do arreio (Sela, Serigote ou Lombilho) foram os trabalhos repartidos pelos 4 grupos seguintes:

1.º GRUPO

Conservação do "Tipo Intendência" introduzindo ou não pequenas modificações

a) — 4.º R. C. D. — Trabalho assinado pelo seu Comandante, Ten. Cel. José Bonifácio da Silva Tavares em que este se mostra favorável à conservação do arreamento "Tipo Intendência" acrescentando-lhe apenas um *Pelego* duplo para ser usado sómente em Campanha e servir também de cama para o soldado.

b) — 4.º R. C. I. — A comissão, constituída pelo então Comandante Major Horácio dos Santos, tendo como membros o Cap. Oliveira Monteiro do Vale, e 1.º Ten. Arisé Pais Brasil, é de parecer que deve ser conservado o "Tipo Intendência" com as seguintes modificações:

1.ª — Emprego de material de melhor qualidade;

2.ª — *Reforçar o arção do cepilho*, para evitar que com pouco uso o mesmo se parta;

3.ª — *Substituir o atual porta-loros* por outro inteiriço, afim de evitar que os loros saiam com facilidade;

4.ª — Afim de contrabalançar o peso das cargas laterais com a saída do mosquetão, o alforge deverá ser conduzido do lado esquerdo da sela;

5.ª — Substituir a atual cobertura de pano alvadio, por manta de feltro grosso, presa à sela.

Consta do Relatório que o Regimento mandou confeccionar, no E. M. I., uma Sela com todas as modificações acima.

c) — 6.º R. C. I. — A comissão, nomeada pelo seu Comandante Cel. Heitor da Fonseca Rangel e constituída pelos 1.ªs. Tenentes Carlos Alberto da Fontoura e Oswaldo Castro, este Veterinário, é de parecer:

1.º — Manter a atual Sela "Tipo Intendência" *Reforçando o ferro do arção do cepilho e tornando-o mais alto* afim de evitar ruturas e consequentes ferimentos no garrote;

2.º — Mudar o alforge para o lado esquerdo e a espada para o direito em consequência da saída do Mosquetão;

3.º — Substituir a manta de pano alvadio, pelo xergão de lã e Carona de sóla afim de aumentar a proteção ao dorso do animal e proporcionar ao soldado uma cama, para que possa repousar quando em Campanha;

4.º — Confeccionar os lóros, a cabeçada com rédeas e o peitoral com gamarra — *tudo de lona* "Tipo Intendência" por ser esta muito durável e mais barata que o material atualmente em uso;

5.º — Usar um *Pelego* em Campanha para que, junto com a Carona (item 2.º) torne a cama macia e utilizável mesmo no Inverno. O pelego, com o carnal para cima, é muito fresco no verão;

6.º — *Buçal com redea de couro cru* grande durabilidade e segurança para atar o cavalo.

O relatório desce a detalhes de peso, preço, tempo de duração, etc., e termina dizendo julgar ter apresentado uma das soluções que comporta o problema arreamento.

OBS. — O material apresentado foi enviado à Inspetoria de Cavalaria e submetido a estudos.

d) — 8.º R. C. I. — A comissão nomeada, pelo seu Comandante, Coronel Edgard Soares Dutra e constituída pelo Cap. Emanuel Alves da Costa, 1.ºs. Tenentes Geraldo da Silva Rocha e João Batista de Figueiredo, é de parecer:

1.º — Que seja mantido o actual "Tipo Intendência" *modificando o arçã que deve ser inteiriço e de aço;*

2.º — que as selas sejam fabricadas com arção de 3 tipos — alto, médio e baixo;

3.º — que o *páu de barraca seja articulado e que as estacas sejam de ferro de 0,25 de comprimento terminando em argola;*

4.º — que seja obrigatório o uso da sobre-cilha com cela equipada.

e) — 11.º R. C. I. — A comissão, nomeada pelo seu Comandante Major Oswaldo Antonio Borba e constituída pelo Major Olimpio de Carvalho Borges, Capitães Cáo Mário de Noronha Miranda, Oscar Lopes da Silva, Clovis Bandeira Brasil e Jefferson Rocha Braune, é de parecer que o tipo usado actualmente no Exército deve ser mantido, *devendo sua confecção ser rigorosamente examinada afim de evitar defeitos comumente encontrados, tais como:*

1.º) — Grande abertura na armação do cepilho, vindo a ferir o animal na garroie;

2.º) — coxins pouco cheios e ocasionando, em pouco tempo de marcha, ferimentos no dorso;

A comissão diz ainda que deixa de apresentar uma sela "Tipo", por haver grande falta de seleiros, correeiros, quer na unidade, quer na região onde está sediado o Regimento.

2.º GRUPO

Selas que diferem do "Tipo Intendência" mas que conduzem o equipamento de maneira idêntica ou semelhante

15.º R. C. I. — Trabalho assinado pelo seu Comandante Ten. Cel. Otavio Mariath da Costa em que este apresenta a "Sela Marjú" de sua criação e que tem como características principais:

a) — "Armação de aço e madeira nacional (munjolo) a mais comum e de resistência férrea, travada com cadarsos de linha, o que muito concorrerá para conservar a fôrma do assento, e bem afastado da coluna vertebral do animal".

b) — Suadores de feltro semelhantes aos da Madsen.

c) — "Caronas de sóla adaptáveis à parte superior da madeira dos bas-teiros, sob as abas, destinadas a receber o apoio de algumas peças de equipamento".

d) — Equipamento idêntico ao da sela "Tipo Intendência".

e) — *Pelego* para ser usado em Campanha afim de servir de cama ao soldado.

O relatório desce a detalhes de fabricação, peso, preço, etc., e contém ótimas fotografias elucidativas.

OBS. — O material apresentado foi enviado à Inspetoria de Cavalaria e submetido a estudos.

2.º R. C. D. — A comissão, nomeada pelo então Comandante Cel. Armando Nestor Cavalcanti e constituída pelos Capitães Theofilo Ottoni da Fonseca, João Cardoso Guimarães e 1.ºs. Tenentes Augusto Prudencio de Lima Moraes e Heros Lima, apresentou um tipo de sela semelhante à usada atualmente mas com as seguintes características:

- 1 — Comprimento total 0,m55;
- 2 — Sobre-aba mais larga 0,m175;
- 3 — Aba 0,m49 x 0,m39;
- 4 — Assento mais amplo e mais fundo;
- 5 — Patilha com pequena rampa, mais alta que no "Tipo Intendência";
- 6 — Suadores maiores (0,m13) com duas meias argolas destinadas a fixar o saco de lona, emalado, por meio de dois malotes curtos".

Alforjes — A comissão opina que devem ser em número de 2 e confeccionados em lona verde oliva tendo cada um 0,m29 x 0,m33 x 0,m09. O alforje do lado direito tem, na sua face externa, a bolsa de ferraduras.

Sacolas de frente com correia para cepilho também de lona verde oliva.

Abrigo individual de lona verde oliva como cama provisória. Trata-se de uma peça criada pela comissão, cuja descrição é a seguinte: "Saco de lona verde oliva, medindo de ponta à boca 1m80 de comprimento, com 0,m12 de altura e 0,m82 de largura, forrado de flanela de algodão acrescido de uma aba de 0,m40 onde se prendem 4 malotes".

Destina-se não só a servir de cama provisória e de abrigo nos bivouacs, dispensando a barraca, como também, cheio de capim, suporta o peso de 50 Kgs., permitindo sua utilização na travessia de cursos d'água. O arreamento e equipamento sobre o saco, o homem apoia-se a ele por uma argola e pôde guiá-lo de uma margem a outra, embora sem saber nadar.

O relatório desce a detalhes de fabricação, peso, preço, etc. e contém ótimas fotografias elucidativas.

OBS. — O material apresentado foi enviado à Inspeção de Cavalaria e submetido a estudos.

3.º GRUPO

Serigote-Sela — "Tipo Gaucho"

a) — *Regimento Andrade Neves* — A comissão nomeada pelo então Comandante Ten. Cel. Alberto Dias dos Santos e constituída pelo Cap. Lucidio de Andrade, 1.º Ten. Jayme Dantas e 2.º Ten. Darci de Siqueira Vilaça, é de parecer que:

- 1.º — Deve-se adotar o Lombinho (tipo Gaucho) o mais simples;
- 2.º — Xergão de lã e Carona (ambos do tipo Gaucho);
- 3.º — Lóros de couro cru ou couro de anta; estribos de aço; barrigueira um pouco mais larga que a atual, com boa amarração da corda nos espelhos;
- 4.º — O alforje e a bolsa de ferraduras devem ser ambos de couro com costuras feitas à mão. Deve-se manter o atual saco de distribuição;
- 5.º — A cabeçada-buçal, o peitoral etc., devem ser de couro cru

6.º — Deve-se adotar a manêla de *couro crú*, o *pelego* e a *badana* sendo esta para proteger o cobertor e o *pelego* e deve ser fixado o sistema por uma sobre-cilha. Deve-se substituir o atual *cobertor* pela *manta de pano alvadio*.

b) — 7.º R. C. I. — A comissão, presidida pelo então Comandante, Ten. Cel. José Carlos de Sena Vasconcelos, tendo como membros o Major Helio de Castro e o 1.º Ten. Francisco Guedes Machado, é de parecer que deve ser adotado:

1 — *Serigote-sela* "Tipo Gaúcho" lategos, travessão, lóros, redeas, cabeçada-buçal, com cabresto etc., tudo confeccionado com couro crú;

2 — *Rabicho* — a comissão acha que esta peça é indispensável nos terrenos acidentados;

3 — *Cilha* — em duas argolas de metal e 37 fios de corda parda, isto é mais larga do que a adotada (22 fios);

4 — Sacolas de frente, alforge e bolsa de ferradura, em lona grossa;

5 — *Mantem o porta-mosquetão* porém de vaqueta fina e "preso por duas correias de sóla ao lado direito do serigote, de fôrma a permanecer obliquo ao corpo do cavalo, com a coronha para cima; fica por baixo do pelego;

6 — *Pelego* para amaciar o assento e permitir ao soldado confeccionar a cama em Campanha juntamente com a

7 — *Carona* que deve ser de sóla e muito auxilia também na proteção do dorso;

8 — *Chalbrack* — para ser usado nas paradas;

O material não especificado acima (freio, marmitta, etc.) é idêntico ao, usado atualmente.

A comissão desce a detalhes de peso, preço e acompanham o relatório 4 fotografias elucidativas.

OBS. — O material apresentado foi enviado à Inspetoria de Cavalaria e submetido a estudo.

c) — 12.º R. C. I. — A comissão nomeada pelo então comandante do Regimento e constituída pelos Capitães Artur Oscar Loureiro de Souza, Manoel Luiz Palma e 2.º Ten. José Oswaldo Jardim é de parecer que deve ser adotado o arreamento "campeiro" para que sejam satisfeitas as exigências da circular n. 60 da Inspetoria de Cavalaria: e apresenta:

1.º) — O *Serigote* — sela "Tipo Gaúcho";

2.º) — A *carona* de sóla para aumentar a proteção do dorso e contribuir para que o soldado disponha de uma cama em campanha;

3.º) — O *pelego* para proteger o assento e, com a *carona*, completar a cama do soldado;

4.º) — *Cilha*, mais larga, *travessão* com lategos de couro crú ou sóla, sobre cilha do tipo atualmente em uso, porém mais reforçada;

5.º) — *Badana* de vaqueta que poderá servir como *chalbrack*.

No arreamento apresentado a comissão aproveitou o modelo da cabeçada, a manta de pano alvadio, estribos com lóros, peltoral com gamarra, malotes, bolsas de frente alforge balde para água, etc.,... tudo tipo Intendência e atualmente em uso.

O relatório desce a detalhes de peso, preço, etc., e está acompanhado por fotografias elucidativas.

4.º GRUPO

Adaptação do Serigote-sela usado pelo Gaúcho ao tipo atualmente em uso no Exército. (Predominância de colocação da espada na frente e das bolsas e alforjes presos a uma badana de lona ou de vaqueta)

a) — 1.º R. C. I. — A comissão, nomeada pelo então Comandante Major José Luiz de Siqueira e constituída pelo Capitão Alvaro Cardoso, 1.ºs, Tenente Moacyr A. Aquistapace e Heltor F. de Moraes, é de parecer que seja adotado:

1.º — O *Serigote-sela* "Tipo Gaúcho" com as abas aumentadas e com um revestimento no assento para que possa ser utilizado, sendo necessário, como uma Sela das atualmente em uso;

2.º — A *cabeçada tipo buçal, longo cabresto trançado, lóros, sem fivela* (meias argolas), rédeas, peitoral sem gamarra, tudo de couro cru;

3.º — O *saco de distribuição* com as dimensões aumentadas para comportar, além de sua carga normal, o pano de barraca. O saco fará ainda as vezes de pelego;

4.º — O *balde de lona, a marmitta*, as sacolas com correia para cepilho, com as dimensões reduzidas;

5.º — A carga de traz reduzida apenas ao capote e ao ferro de barraca;

6.º — O ferro de barraca articulado em 3 partes que se embutem, completamente estendido serve ainda para receber na ponta o sabre punhal;

7.º — A *espada* transportada na frente de maneira que o copo fique na altura do cepilho e a bainha, em posição oblíqua, por baixo da perna do cavaleiro.

A comissão desce a detalhes de peso e preço. Acompanham o relatório 4 fotografias elucidativas.

b) — 9.º R. C. I. — A comissão foi constituída sob a presidência do então Comandante do Regimento Cap. Marcos Mesquita de Azambuja, tendo como membros os 1.ºs Tenentes Décio de Assis Brasil e Cícero Marques.

Posteriormente foi o seu presidente substituído pelo Cap. Lelio Rabelo Miranda. Em seu relatório a comissão sugere as seguintes modificações:

1.º) — *Adaptar o "Serigote-sela"* tipo Gaúcho afim de suprimir os inconvenientes observados na Sela atualmente em uso.

2.º) — *Travessão* — adotar o que se usa no "tipo-Gaúcho" podendo porém, ser fixado á armação;

3.º) — *Porta-lóros* ligados por um travessão de couro cru e inteiriços para que não abram;

4.º) — *Cilha* — mais larga que a atual e com os cordões presos á argola;

5.º) — *Corda de forragem* substituí-la pelo maneador de couro crú com presilha e botão tendo 5 metros de comprimento;

6.º) — *Mancia* deve ser adotada devido sua grande utilidade;

7.º) — *Carona* adotar uma de sóla afim de aumentar a proteção ao dorso do animal, deve ser menor que a usada no arreio campeiro;

8.º) — *Peitoral* deve ser suprimido. Os *lôros* devem ser de couro crú. A sobre-cilha deve ser conservada porém de couro crú;

9.º) — *Manta de pano alvadio* deve ser conservada;

10.º) — *Bolsas de frente e Alforge* devem ser de lona e presos a uma *badana* de lona que tem fendas para a passagem do cepilho e da patilha;

11.º) — *Saco-Abrigo* de lona impermeável, com 1,m90 de comprimento e 0,m80 de largura, forrado com o cobertor de lã. Este saco servirá de cama e abrigo para o soldado que, em Campanha, mete-se dentro do saco;

Para condução o saco será dobrado ao meio, posto sobre a sela como pelego e fixado pela sobre-cilha.

12.º) — *Espada*, deve ser transportada na frente de maneira que o copo fique na altura do cepilho e a bainha em posição oblíqua, por baixo da perna do cavaleiro que ficará protegida pelo "saco-pelego";

13.º) — *Cabeçada e buçai* em couro crú com presilhas nas extremidades;

14.º) — *Freio* substituir o regulamentar por um que se assemelhe aos de aço ou ferro usados no Sul mas que tenha menor passagem de língua; Várias fotografias elucidativas acompanham o relatório.

OBS: — O material apresentado foi enviado à Inspeção de Cavalaria e submetido a estudos.

c) — 14.º — R. C. I. — A comissão, nomeada pelo então Cmt. do Regimento Cap. Boaventura Corrêa Freire foi constituída pelo Cap. João de Deus Nunes Saraiva, 1.º Ten. Francisco Janone Neto e 2.º Ten. Danilo Marques Paiva, sugere o seguinte tipo de arreamento:

1 — *Serigote-sela "tipo-Gaúcho"* revestido de sóla na parte superior dando-lhe o aspecto de uma sela comum;

2 — *Cilha* — mais larga e com os cordões presos diretamente às argolas;

3 — *Cabeçadas* — com duas fivelas, uma na parte superior ligando as duas facéiras e outra na cingola (de couro meio cortume).

4 — *Cabresto e buçal* aquele tem "na extremidade o botão que é preso na argola";

5 — *Travessão do serigote-sela, mancia e maneador* de couro crú, este substituindo a corda de forragem;

6 — *Carona de sóla*, afim de contribuir para a cama do soldado em Campanha e aumentar a proteção ao dorso. *Xergão* de lã substituindo a manta de pano alvadio;

7 — *Peitoral* de sóla meio cortume, ligando as argolas do travessão que é afivelado, no lado esquerdo, na altura do garrote;

8 — *Bolsas de frente e alforjes* (2) presos a uma espécie de *badana* de lona que tem uma fenda para a passagem da patilha; no alforge da direita vai o uniforme de muda do soldado; no da esquerda a bolsa de ferradura, o balde bernal e o material de limpeza do cavalo; nas bolsas de

frente, que são de lona como os alforjes, na da esquerda a munição e o petardo; na da direita, a roupa branca do soldado;

9 — A munição vai numa bolsa que o soldado leva a tiracolo;

10 — A *espada*, transportada com o copo na altura do cepilho e com a bainha em posição obliqua, por baixo da perna do cavaleiro que ficará protegida pelo pelego;

11 — *Pelego* de lã, destinado a tornar o assento mais macio e, combinado com a carona, melhorar a cama do soldado;

A comissão aproveita, do arreamento regulamentar, o frelo com barbeta e sub-barbela, os estribos o cachimbo, a sobre-cilha, o saco de distribuição, o balde, o bornal e o pano de barraca. Diversas fotografias elucidativas acompanham o relatório.

OBS. — O material apresentado foi enviado à Inspetoria de Cavalaria e submetido a estudos.

d) — 13.º R. C. I. — A comissão nomeada pelo então Comandante do Regimento, Major Alberto Oronce Guerin e constituída, pelo Cap. Odilon Lehmann de Figueiredo, 1.º Ten. José Arimatéa Teixeira e Darcy Simões Strohschoen, 2.º Ten. Braz Teixeira Filho, elaborou um excepcional relatório em que apresenta a seguinte contribuição para o novo tipo de arreamento:

1.º) — a) — *Armação da Sela* a do serigote-sela "Tipo-Gaúcho" porém as basteiras mais longas de maneira que sobressaíam do cepilho e da patilha (sobressaindo na frente, liberta o garrote sobressaindo atrás permite apolar a carga que aí vai). A altura do cepilho, por ser em demasia no tipo Gaúcho, aparece rebaixada de 5 para 2,5 cms., porém seu *ferro reforço* tem uma forma que se aproxima à de uma ferradura com rebordo interno, cujos ramos abrindo-se, estão fixados por cima nas basteiras. Este ferro, pesando 400 gramas tem a secção em *L* e como dimensões 0,m22 x 0,m01 x 0,m005.

Lâminas de ferro sob as basteiras e atrás da patilha, abraçando cada basteira uma lâmina de ferro fixando o porta-lóros; próximo à patilha; nas basteiras, foram fixadas duas meias argolas de metal amarelo; na patilha, face posterior, foram colocados dois grampos de metal destinados a prender a carga de trás.

b) — *Revestimento da armação.*

Corins: do formato dos bastos de "Serigote-gaúcho", bem cheios com cabelo e acolchoados;

Travessão confeccionado com sóla branca bastante reforçada (dupla), não é fixo às basteiras e sim passando sobre elas, em calha própria, permite um pequeno movimento para ambos os lados o que distribue melhor a pressão, ao ser apertada a cilha;

Parte superior: — de sóla como a sela regulamentar;

Abas: — foram transformadas em abas de carona afim de proteger os flancos do animal contra as pancadas do equipamento, protegê-lo das argolas da cilha quando esta estiver apertada e evitar o contacto do pêlo com o equipamento e armamento.

Estas sub-abas ou abas de carona ficarão pregadas diretamente às basteiras da sela e serão amovíveis;

Sobre-abas: — semelhantes as da sela regulamentar, a do lado esquerdo tem por baixo uma pequena alça por onde passa a espada que aí se apoia para tomar uma posição inclinada;

Patilha: — semelhante a da sela regulamentar serve de apoio à carga de trás que é constituída pela meia-barraca, pelo cobertor e pelo saco de distribuição que leva o uniforme de muda do soldado. Dois malotes, partindo das "abas de carona" fazem as vezes de malote suplementares, os "cargas de trás", tem o mesmo papel que na sela regulamentar;

Meias-argolas: — existem na sela duas meias argolas que foram fixadas à armação e que ficaram sem aproveitamento;

Porta-lóros: — abraçando cada basteira uma lâmina de ferro fixa o porta-lóros que é constituído de meias argolas de ferro galvanizado;

2.º) — **Badana** — de vaqueta macia. Tem forma apropriada para se adaptar ao assento e leva uma costura no centro;

Na parte anterior foram pregadas duas pequenas bolsas, a da esquerda destina-se à marmitta e ao garfo-colher que vai na parte interior da tampa da bolsa, a da direita destina-se ao curativo individual e à ração de reserva, aquele sob a tampa da bolsa. Circundando cada bolsa existe um reforço, centro da parte anterior é constituído por uma faixa larga de vaqueta cosida na badana.

Na parte posterior há um reforço mais largo que na anterior e noam-se dois alforjes costurados, um de cada lado.

O alforge da esquerda contém: — externamente duas tiras de vaqueta que prendem o balde internamente; o bernal de ração com 4 quilos de milho, o material de limpeza do cavalo e o material de limpeza do armamento, 2 ferraduras e 12 cravos nos respectivos alojamentos.

O alforge da direita contém: — 2 ferraduras, 12 cravos, um petardo e 4 estacas de ferro, em alojamentos próprios; os borzeguins, a roupa branca, a camisa de instrução, o calção de ginástica, o curativo do cavalo e a munição de reserva (50 tiros).

Distribuindo o material da maneira acima foi encontrado, para cada alforge, o peso de 5.500 gramas.

Maneira e corda de forragem — uma do lado esquerdo e outra do lado direito, um pouco acima dos alforjes. A primeira de couro crú, quando combinada com o cabresto, constitue um ótimo sistema de contenção.

3.º) — **Pelego** — de ovelha Lincol ou Merina, sendo o desta mais comum e de uso generalizado (meia lã), o couro deve ser "sovado" e não curtido, para ter maior duração. Tem como finalidade amaciar o assento e servir de cama ao soldado;

4.º) — **Petitoral** — preso às argolas da cilha, tem a peiteira sem gamarra, apoia no tronco do pescoço;

5.º) — **Buçal e cabresto** do tipo usado para amansar animais no Rio Grande do Sul (sóla branca, reforçado);

6.º) — **Cabeçada do freio e rédeas** — semelhantes ao tipo regulamentar tendo apenas uma fivela na cachaceira e outra na ciscola;

7.º) — *Sobre-cilha* — tipo campeiro, de sola branca e com látigo estreito para prender e não fivela;

8.º) — *Lóros* — de sola branca com meias argolas em substituição às fivelas;

9.º) — *Bainha de cilha* — reforçada na ponteira e no bocal, no reforço deste há uma meia argola destinada a fixá-la, por uma presilha, à carona-aba. Como a espada é conduzida com o copo à altura do cappelho, a bainha fica em posição oblíqua e passa por baixo da perna do cavaleiro que é protegida pelo pelego;

10.º) — *Apoio da carga de trás* — surgiu em consequência de um defeito de confecção da Sela que foi fabricada com os bastos pouco salientes da patilha (7 cms. que é o aconselhado) o "apoio" existe numa pequena almofada que presa à carona, descansa sobre o animal;

11.º) — *Pau de barraca* — conduzido na frente da pequena bolsa do lado direito, é articulado e tem uma luva de fixação, um grampo existente em um dos ramos permite fixá-los à sela;

12.º) — *Estacas de barraca* — de ferro pesam apenas 750 gramas enquanto as atuais de madeira, pesam 1 quilo e 400 gramas, são conduzidas nos alojamentos existentes no interior do alforge direito;

13.º) — *Marmita* — com capacidade superior a um litro, mas muito menor do que a regulamentar que é grande em demasia;

14.º) — *Cobertura de pano alvadio*, estribo, látigos, 4 malotes carga de trás, cilha e frelo idênticos aos do "tipo Intendência";

15.º) — *Saco de distribuição* — apenas com a túnica e o calção faz parte da carga de trás.

A comissão justifica todas as alterações que fez; desce a detalhes de confecção, peso e preço.

OBS. — O material apresentado foi enviado à Inspeção de Cavalaria onde serviu de base para o estudo do tipo considerado como parecendo preencher todas as necessidades da Cavalaria.

II — CLASSIFICAÇÃO DO MATERIAL

Com as necessidades impostas pela guerra moderna a cavalaria, evoluindo viu aumentar seu material em detrimento da velocidade e da duração do movimento. Ora, se a sua mobilidade no conjunto, é a de seus elementos a cavalo, como conservá-la apesar do material que lhe foi imposto pelas atuais condições da Guerra? Desde logo se impõe a retirada de cima do cavalo de um peso equivalente aquele que lhe foi acrescentado. Para isto, a comissão classificou o material atualmente conduzido no cavalo e dividiu-o em 2 categorias distintas:

1.ª — Material necessário ao cavaleiro para cumprir as missões que recebe;

2.ª — Material necessário ao cavaleiro, *unicamente* no estacionamento.

Na primeira categoria foi incluído todo o material que o cavaleiro necessita para marchar e combater a cavalo e a pé, efetuar uma destruição, alimentar a si e ao cavalo, cuidar de sua higiene individual, dispensar cuidados diários ao cavalo, substituir as ferraduras que este

venha a perder, aplicar em si próprio um curativo de emergência, cuidar do arreamento.

Na segunda categoria, ficou o material destinado a proporcionar conforto ao cavaleiro e dispensável no cumprimento das missões que este, ou a unidade a que pertença, possam receber, assim discriminado:

a) — roupa destinada a substituir a que está no corpo; (Uma túnica ou camisa, um calção verde oliva, uma cueca, um par de meias, uma camisa branca, um lenço, um par de borzequins e um calção de ginástica) — Peso — 2.871 gramas;

b) — Um cobertor — Peso — 1.450 gramas;

c) — Um pau de barraca, 4 estacas e a corda para a barraca; Peso — 2.042 gramas.

d) — O saco de distribuição (Peso — 750 gramas) dentro do qual irá todo o material discriminado nas letras a e b;

Peso total — 7.113 gramas;

Não é aceitável que o cavaleiro continue a transportar sobre o cavalo, já tão sobrecarregado, um material que pôde e deve ser conduzido em uma viatura especialmente destinada para isto.

Entretanto pôde parecer estranho não ter a comissão colocado a meia barraca na 2.^a categoria, em se tratando de uma peça característica de uma das modalidades de Estacionamento — o Acampamento.

A razão é muito simples. O capote fornecido aos nossos cavaleiros não pôde ser considerado como um abrigo. Temos um único plano de uniforme para um país "que pertence a dois hemisférios; pois tem um de seus extremos aproximadamente a 5.^o ao Norte da linha equatorial e o outro a 33.^o 45 de latitude Sul. São aproximadamente 39.^o o que quer dizer que nenhum outro país do mundo se lhe compára em extensão e continuidade territorial". Para as zonas de clima temperado, principalmente ao Sul do trópico de Capricornio, é necessário que o cavaleiro disponha de um abrigo que lhe permita enfrentar as temperaturas baixas. A comissão é de parecer que deva ser adotado o *Capote poncho* de pano impermeável (espécie de poncho ou capa com mangas, podendo ser ajustado ao corpo por meio de um cinto).

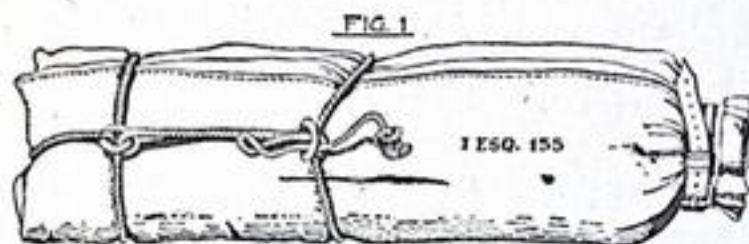
Enquanto continuarmos com o uso do atual capote, é indispensável que o cavaleiro leve consigo a 1/2 barraca afim de abrigar-se com ela, mesmo em marcha, e impedir, em caso de chuva, que a água chegue ao contacto da pele. Sabemos que no Rio Grande do Sul estão sendo adaptadas as atuais meias barracas para usá-las como poncho. O processo consiste em fazer uma abertura no centro, afim de dar passagem à cabeça. Uma pequena aba, colocada em um dos lados, impede a entrada da água, quando a barraca é armada no Estacionamento.

Foram esses motivos que nos levaram a não separar o cavaleiro de seu pano de barraca.

Sem a supressão do material componente da 2.^a categoria (7.113 gramas por cavaleiro) não é possível exigir da nossa Cavalaria performances semelhantes as que ela alcançava no tempo em que era armada apenas de lança, espada e pistola ou clavina.

A Inspeção de Cavalaria em seu Relatório, correspondente ao ano de 1939, folha 6, linha 32, pediu que se aliviasse a carga transportada pelo

cavalo. Hoje, a questão não comporta mais delongas. Outras nações estão sentindo e realizando o que a Inspeção pediu naquela ocasião. No "The Cavalry Journal", número correspondente aos meses de maio e junho de 1941, num artigo sob o título "O Transporte e carga", podemos constatar quanto procedia a medida então pleiteada. — A Cavalaria dos Estados Unidos tirou de cima dos seus cavalos e colocou em uma viatura, tudo quanto lhe pareceu constituir apenas impedimento.



SACO DE DISTRIBUIÇÃO CONTENDO O MATERIAL CLASSIFICADO NA 2ª CATEGORIA

III — OS TIPOS PREDOMINANTES

Como vimos no Capítulo V, os Corpos contribuíram eficazmente para a solução do problema arreamento e o material que enviaram foi o mais variado. A classificação em 4 grupos (Capítulo V), mostra que quasi todas as sugestões gravitaram em torno dos tipos mais conhecidos entre nós, isto é, "tipo Intendência" e "tipo Gaúcho".

Ambos apresentam vantagens e desvantagens.

a) — O "tipo Intendência" não tem aprovado. Fere os animais no lombo e no garrote. Não permite ao cavaleiro organizar uma cama provisória em nenhuma modalidade de estacionamento. É difícil de equipar, é pouco confortável, é fragil. Um dos seus grandes defeitos está na armação pois há muito que aperfeiçoam este tipo e, no entanto, os defeitos continuam. Achamos também que a forma dos suadores não é a mais indicada e que a eles, em parte, se devem atribuir os ferimentos. Como exemplo citamos as antigas selas "de virola de metal amarelo", que, tendo uns suadores semelhantes aos do "tipo Gaúcho", raramente feriam o animal.

As vantagens principais do "tipo Intendência" consistem em ser prático para a instrução diária e sobretudo porque estamos habituados com ele. Esta última todavia é muito relativa porque na mobilização, a grande massa da nossa Cavalaria será constituída pelos homens que trabalham no Campo.

O "tipo Gaúcho" é fruto de experiência secular (Brasil, Uruguai e Argentina).

Se o homem, que trabalha no campo continua a usá-lo, é porque ele retribue em serviço o dinheiro invertido na sua aquisição. Entretanto, para uso militar, ele não preenche todas as condições exigidas. O lombinho ou serigote duros em demasia, exigindo no mínimo dois pelegos para proporcionar um assento macio, torna-o pouco prático para a

instrução. Para a vida em Campanha éle é ótimo e fornece toda espécie de comodidades.

Vemos na *Corona de sola* uma das suas grandes vantagens, proporcionando não só uma ótima proteção ao lombo do animal, como também, um grande recurso para o cavaleiro fazer sua cama em Campanha, mesmo nos casos em que o terreno se acha molhado, na época das chuvas.

A Inspetoria de Cavalaria sempre foi de opinião que a solução ideal só poderia ser encontrada na combinação dos dois tipos. A Circular n.º 60 expressa este pensamento. Os tipos agora apresentados materializam-no.

Vários Regimentos (Capítulo V) procuraram a solução na combinação do tipo atualmente em uso no exército, com o tipo usado pelos homens que trabalham no Campo e utilizam o cavalo diariamente. A Comissão estudou todos os trabalhos e aproveitou o que havia de melhor em cada um. Pensou nas nossas necessidades para a instrução clássica, para as apresentações e para a guerra. Pensou no peso, no preço e na duração. Concluiu ser necessário conservar a Sela, melhorando sua estrutura e adicionando-lhe um material que corresponda às necessidades do cavaleiro em Campanha.

Chegou-se assim a um arreio que recebeu o nome de "tipo Cavalaria".

IV — O ARREIO "TIPO CAVALARIA" E SEU DESDOBRAMENTO

Embora este arreamento sirva para qualquer combatente que utilize um cavalo, resolvemos dar-lhe este nome, não só porque foi creado dentro da Cavalaria (direta ou indirectamente todos os Regimentos colaboraram) como também porque é apresentado pela Inspetoria da Arma que orientou, coletou, classificou e finalmente deu forma definitiva a todas as sugestões que recebeu. Estas foram porem de tal ordem e algumas de tal valor pratico, que não foi possível pô-las inteiramente de lado. Podemos dizer que foi esta a fase que maiores dificuldades apresentou para a comissão.

Os trabalhos classificados no 4.º GRUPO (1.º, 9.º, 13.º e 14.º R. C. I.) embora concordantes em suas idéias básicas, diferem na apresentação e na maneira de dispor a carga a ser conduzida. O trabalho do 6.º R. C. I. é também orientado para o tipo mixto, embora conserve a sela atualmente em uso e o modo de conduzir o equipamento.

Considerados estes trabalhos como sendo os que mais se aproximam do espirito da Circular n.º 60, foi baseada neles que a Comissão trabalhou, muito embora não abandonasse os demais e fosse lá procurar a solução de muitos casos que surgiam continuamente. Podemos pois afirmar que o arreio ora apresentado, não foi inspirado em similares estrangeiros. É fruto da "Coleta" que a Inspetoria realizou dentro da Cavalaria Brasileira. É o arreio que resolve os nossos problemas e permite não só o aproveitamento de quasi todo o material existente (Selas, loros, estribos, cilha, látigos, freios, cabeçadas, rédeas; buças; cabrestos e material de acampamento) como também, em caso de Mobilisação,

possibilita a transformação de qualquer arreio civil, em um arreio capaz de ser empregado na guerra.

Ele é ainda apresentado em dois tipos que diferem apenas no modo de conduzir a carga — pois ambos têm características idênticas e resolvem os problemas acima citados.

O N.º 1, é consequência do modelo apresentado pelo 13.º R. C. I. (Jaguarão) que, por não satisfazer integralmente as letras "a" e "c" da Circular n.º 60, sofreu as seguintes modificações:

1 — SELA: — Os coxins devem exceder a patilha de mais 0,002 cms (dois centímetros) e ser encurtados de 0,002 (dois centímetros) no que excedem ao cepilho;

a) — A aba-carona, foi substituída por uma aba semelhante à do "tipo Intendência" porém mais avançada na frente;

b) — Foi suprimida a argola de metal amarelo do lado direito, ficando a outra (a do lado esquerdo) para ser carregada a espada, quando o Cavaleiro formar desequipado em paradas (aproveitando os porta-espadas já existentes).

2 — BADAMA:

a) — Foram suprimidas as presilhas para a corda de forragem e para a maneia;

b) — Modificados a forma, a disposição e o tamanho dos alforjes. Suprimiu-se 1 (um) Kg. de milho;

c) — Foram feitas em vaqueta grossa e inteiriça as partes onde são cosidos os alforjes;

d) — Foi introduzida uma correia que, partindo da extremidade posterior da badana vai, pela calha da sela, prender-se a uma fivela existente na extremidade anterior. Isto evita que a badana enrugue no assento e permite transformar o conjunto Sela-Pelego-Badana — em uma só peça.

3 — MANTA DE PANO ALVADIO:

Esta peça foi suprimida.

4 — Introduziu-se uma Carona de sola e um "xergão de lã" tipo gaúcho.

5 — Suprimiu-se um par de malotes na carga de traz e reduziu-se esta apenas à barraca, (0,060 de largura, quando emalado) e ao painel de demarcação.

6 — Passou-se o Saco de distribuição, juntamente com o uniforme de muda, a roupa branca, os borseguins e o cobertor, para uma Viatura.

7 — O pau de barraca e as 4 estacas de ferro também são transportados na Viatura.

8 — A maneia é carregada presa ao pectoral (ver n.º 2 letra "a").

9 — Suprimiu-se a corda de forragem.

10 — Inverteu-se a presilha do ramo superior do Cabresto (redeia do buçal) afim de facilitar a prisão do cavalo na corda tronco.

11 — Suprimiu-se a cingola na cabeçada para o freio.

12 — As peças retangulares de metal amarelo, aparafusadas na patilha, para suportar a carga de trás, foram substituídas por grampos "tipo Intendência".

13 — *Sobre-cilha* para as Esquadras Suplementares e para o pessoal dos T. C., ela é mais reforçada constituindo o que se chama "chinchador" ou "chinchão" usado na Campanha para prender o laço e pelas unidades de Artilharia no serviço de "quarta" quando as parelhas não podem vencer o terreno.

O N.º 2, difere do tipo N.º 1 apenas na maneira de conduzir a carga. A *badana* é substituída por *dois alforques conjugados*, confeccionados em sola. Os alforques semelhantes aos dos tipo n.º 1, são cosidos nas extremidades de uma faixa de sola que, tendo um recorte na parte central, adapta-se ao assento da sela. Os alforques ficam portanto de um lado e de outro do cavalo e uma correia, passando por trás da patilha, mantém-nos em posição.

O pelego vai em cima e a sobre-cilha, mais o peso do cavaleiro, concorrem para assegurar a fixidez necessária.

Esta solução foi inspirada não só no modo como o homem do campo conduz sua roupa de muda e utensílios, quando faz viagens longas, como também nos trabalhos apresentados pelos 9.º e 14.º R. C. I.

É uma solução barata e, embora apresente aspecto menos elegante do que o "tipo N.º 1", resolve completamente o nosso problema.

V — DESCRIÇÃO DETALHADA DO ARREAMENTO "TIPO CAVALARIA" N.º 1

A) — SELA: — "O principal defeito da sela adotada no Exército acha-se na armação (esqueleto). O cepilho não resiste ao peso da carga. O mal está na colocação dos reforços de ferro o que é feito por cima e por baixo do cepilho. Ali assentado o ferro de chapa, age como mola cedendo à pressão e, comumente, partindo-se. Daí a causa de talvez 80% dos ferimentos estarem localizados no garrote. Para evitá-los a comissão procurou um tipo de armação em que:

1.º) — pudesse aplicar um reforço chapeado, da *forma aproximada* de uma ferradura, na frente do cepilho, de maneira que sua maior resistência estivesse no sentido vertical;

2.º) — o cepilho como a patilha, não coincidisse com a parte terminal das bastelras;

3.º) — a calha fosse bastante alta.

Satisfazendo em parte estas características, foi encontrada no comércio local um tipo de armação (armação gaúcha) de fabricação dos Srs. F. G. Schmidt & Cia. de S. Leopoldo, neste Estado (Fig. 1). *Este tipo apresenta porém algumas deficiências*: somente parte da armação é confeccionada com boa madeira (açoita cavalo) sendo o restante

MATERIAL: MISTURA DE CERA PARA ARMADURA; FERRO: CHAPAS E 2 MEIAS ARGOLAS; FERRO GALVANIZADO: 1 MEIA ARGOLA; METAL: 2 GRAMPAS.
 PESO: 2700 GRS. (ARMADURA FEITA EM JAGUARÃO, QUE PODERÁ FICAR MAIS LEVE, EMPREGANDO MATERIAL APROPRIADO).



de pinho; as basteiras não se prolongam suficientemente para além da patilha afim de que nelas possa se apoiar toda a carga de trás. Apesar disso, era a que mais satisfazia.

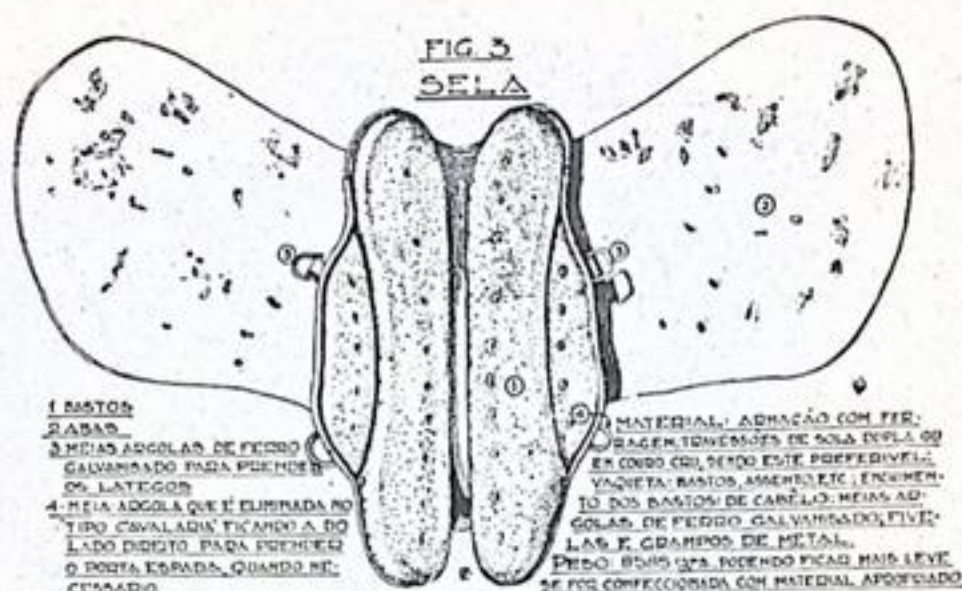
Foram aplicadas nela:

- 1.º — no cepilho, na face anterior um reforço de ferro, com a forma aproximada de uma ferradura em cantoneira, com rebordo interno cujos ramos, abrindo-se, foram fixados, por cima, nas basteiras. Este ferro, pesando 400 gramas, tem a secção em "L" e como dimensões 0,002 x 0,001 x 0,005;
- 2.º — lâminas de ferro sob as basteiras e atrás da patilha;
- 3.º — abraçando cada basteira, uma lâmina de ferro fixando o portadores;
- 4.º — próximo à patilha, nas basteiras, foram fixadas duas meias argolas de metal amarelo;
- 5.º — na patilha, face posterior, foram colocados dois grampos de metal, destinados a prender a carga de trás;
- 6.º — a altura do cepilho foi rebaixada de 5 cms. para 2,5 cms;
- 7.º — como porta-loros foram empregadas duas meias argolas de ferro galvanizado, substituindo-se assim o tipo usado atualmente que apresenta mais inconvenientes do que vantagens.

No revestimento desta armadura foram introduzidas as seguintes inovações:

a) — os coxins do formato dos bastos do lombilho campeiro bastante cheios com cabelo e acolchoados;

b) — o travessão confeccionado com sola branca bastante reforçada (dupla), não é fixo às basteiras e sim, passado sobre elas em calha própria, permitindo um pequeno deslocamento dele para ambos os lados afim de evitar que, quando se aperte a cilha, a pressão se faça sobre a sela de cima para baixo e não da direita para a esquerda, como acontece quando o travessão é fixo às basteiras. (Do relatório do 13.º R. G. I.).



Na parte avançada do basto (suador) esquerdo, face superior existe uma presilha destinada a prender a bainha da espada, pela meia argola existente no reforço do bocal.

Na parte superior e anterior do suador direito existe uma presilha afim de carregar o pau de barraca (pau articulado), quando for absolutamente necessário levá-lo com o homem.

Na parte superior do "suador" (basto) esquerdo e na parte interna da sobre-aba esquerda existe uma correia e um passador, respectivamente, para ser presa a espada quando carregada com o arrelho equipado.

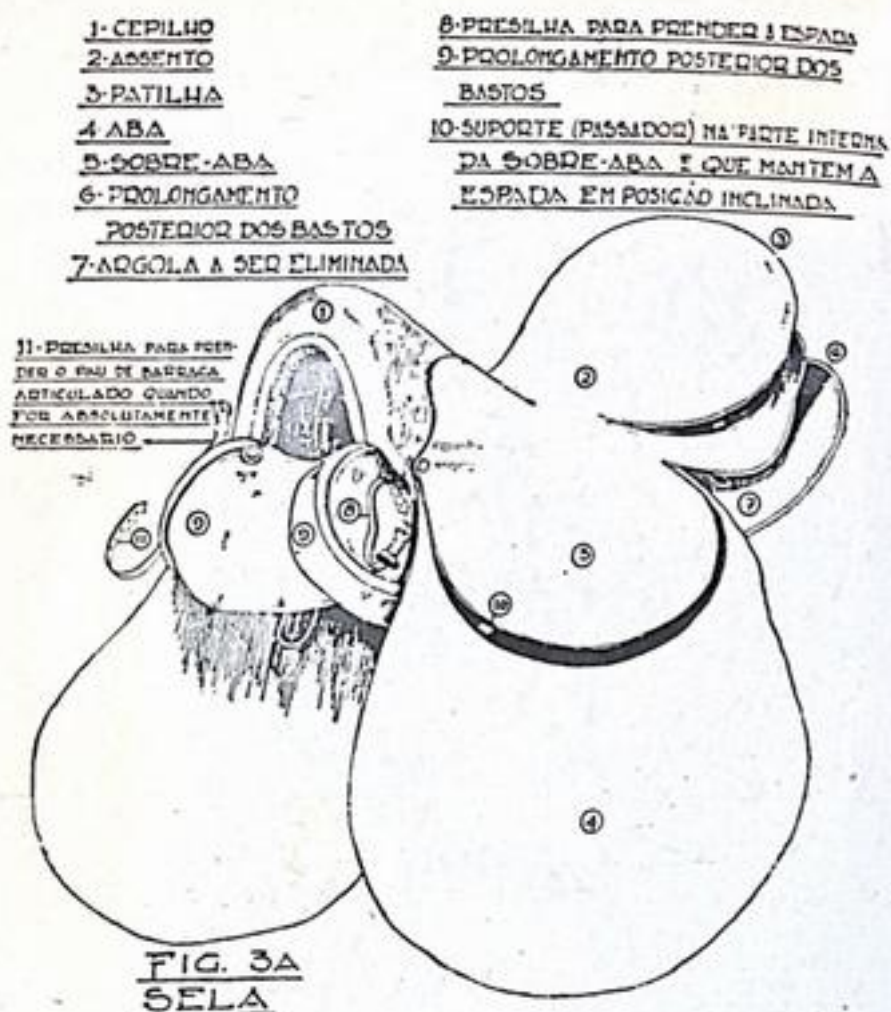
E' na patilha da sela que, presa por dois malotes, como no "tipo Intendência" é transportada a carga de trás reduzida à "barraca poncho". Julgamos desnecessárias as correias suplementares, desde que se dê à $\frac{1}{2}$ barraca um tamanho de 0,60 cms. (sessenta centímetros).

— Vemos pois que a sela como está apresentada no "tipo Cavalaria" aparentemente, nada difere da usada atualmente. Houve apenas a preocupação de eliminar os defeitos causadores de ferimentos no garrote e no lombo dos animais.

Para o "tipo Cavalaria" vemos que a comissão aproveitou a Sela confeccionada em Jaguarão mas introduziu as seguintes modificações:

a) — Os corins devem exceder a patilha de mais 0,02 (dois centímetros) e ser encurtados de 0,02 (dois centímetros) no que excedem ao cepilho;

b) — A aba-carona foi substituída por uma aba semelhante à do "tipo Intendência" porém mais avançada na frente;



c) — Foi suprimida a argola de metal amarelo do lado direito, ficando a do lado esquerdo, para ser carregada a espada quando o Cavaleiro formar desequipado, em paradas, aproveitando os porta-espadas já existentes.

B — BADANA

A comissão aproveitou a idéia de Jaguarão (13.º R. C. I.), introduzindo as seguintes modificações:

a) — Foram suprimidas as presilhas para a corda de forragem e para a manela;

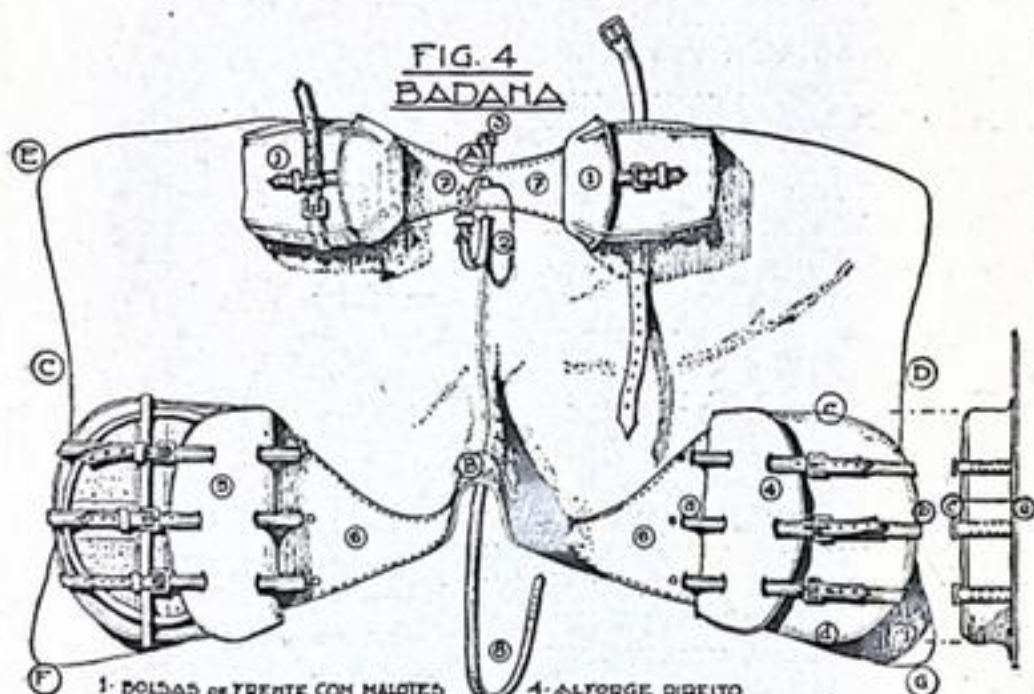
b) — Modificou-se a forma, a disposição e o tamanho dos alforjes. Suprimiu-se 1 Kg. (um quilo) de milho na carga;

c) — Foram feitas em vaqueta grossa ou sola, e inteiriça, as partes onde são cosidos os alforjes (partes posteriores da badana).

d) — Foi criada uma correia que, partindo da extremidade posterior da badana vai, pela calha da sela, prender-se a uma fivela existente na

extremidade anterior. Isto evita que a badana enrugue no assento e permite transformar o conjunto Sela-Pelego-Badana, em uma só peça, em sendo necessário.

FIG. 4
BADANA



1- DOLDAS DE FRENTE COM MALHES
PARA O CAPOTE

2- CORDELA PARA PRENDER O CAPOTE
PELO CENTRO

3- CORDELA E FIVELA ONDE SE PRENDE
A CORDELA 8 QUE PASSA PELA CA-
LHA DA SELA

4- ALFORGE DIREITO

5- ALFORGE ESQUERDO COM ALOJAMENTO
PARA O BALDE

6- PARTE POSTERIOR DA BADANA FEITA
EM SOLA INTERIOR OU REFORCADA COM
VAQUETA GROSSA

7- REFORÇO ANTERIOR

MATERIAL: VAQUETA E SOLA DE CORDEIRO

PESO: 2607 grs.

DIMENSÕES { A-B = 0,48m a-b = 0,28m
C-D = 1,21m c-d = 0,31m
E-F = 0,60m c-e = 0,09m

FIG. 4a



SACO ZUMBETE PARA
1000 grs. de MILHO
Peso vazio: 30grs.

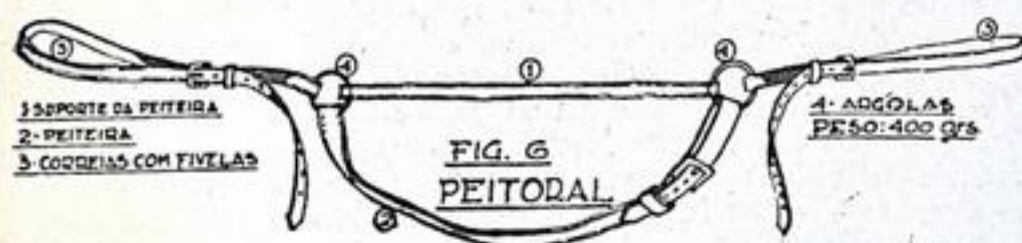
e maior duração. O couro do pelego (carnal) poderá ser curtido ou sovado. Convem, no entanto, seja sovado — maior duração, menor preço e trabalho.

Sua presença no equipamento da sela, se justifica como uma das peças de maior utilidade e conforto que se poderia oferecer ao soldado em campanha: cama nos estacionamentos e assento macio e confortável nas longas marchas.

E' uma das falhas graves de que se ressentem o atual arreamento — o não permitir uma cama ao homem a não ser utilizando a cobertura de pano alvado que, além de ser anti-higiênica para o homem, o seu uso como cama resulta prejudicial ao próprio animal. Abrindo aqui um parêntesis, diremos que esse desconforto do homem é extraordinariamente agravado pela escassez de seu abrigo, uma vez que o capote regulamentar nem de leve preenche as necessidades impostas pelos meses de inverno, chuvosos e frios, desta região do país, em que a capa ou poncho deveriam ser generalizados, especialmente para a Cavalaria (do Relatório apresentado pelo 13.º R. C. I.)".

O pelego para o "tipo n.º 1" é idêntico ao descrito acima.

D — PEITORAL



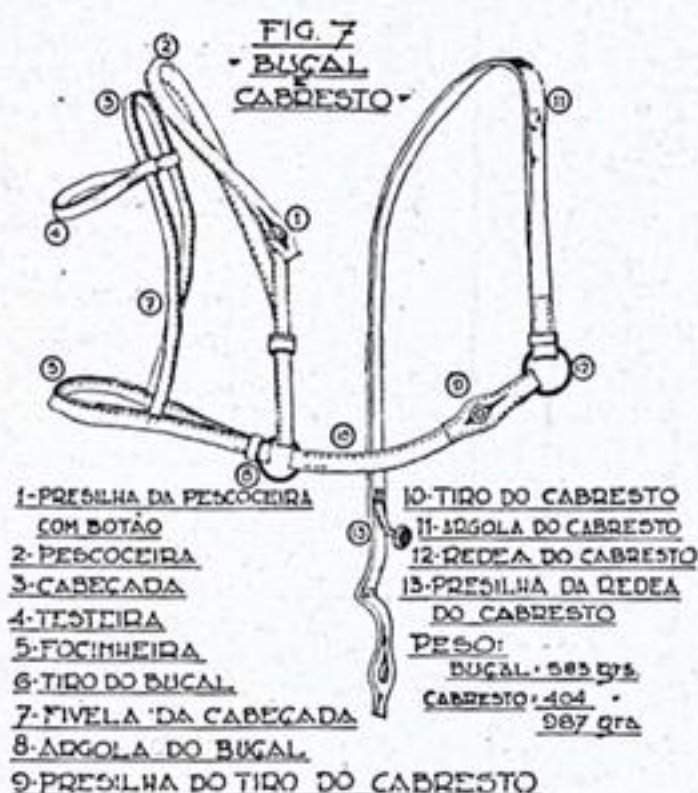
E' apresentado um tipo muito usado na Campanha do R. Grande do Sul e no Uruguai. Preenche ele as mesmas finalidades do adotado no tipo Intendência sendo porém mais simples e mais prático. Este tipo de peitoral é também muito usado pelos nossos Polistas e saltadores de obstáculos.

E — BUÇAL E CABRESTO

O tipo de buçal ultimamente regulamentado, (cabeçada-buçal) não tem aprovação, é muito frágil. Parte ao menor esforço do animal e o cavaleiro, quando isto acontece, não pode utilizar o freio cuja cabeçada é a mesma do buçal. A prática nos ensina que o buçal deve constituir uma peça independente e ser suficientemente forte para conter qualquer animal, mesmo quando este tente parti-lo. O mesmo se pode dizer quanto ao Cabresto (redeia do buçal). O tipo que apresentamos, preenche as finalidades

a que se destina. Ele é usado no Rio Grande do Sul para prender animais pouco doces.

"Há nele duas peças bastante reforçadas: o conjunto pescocreira — tiro e a focinheira, feitos em couro dobrado (duplo). As demais peças são de couro simples. A cabeçada sustenta a focinheira, podendo ser graduada por meio de uma fivela, conforme o tamanho da cabeça do animal. O cabresto, também foi feito bastante reforçado (duplo) porque só assim atenderá suas finalidades." (Do Relatório do 13.º R. C. I.).



No tipo Cavalaria, inverteu-se a presilha do ramo superior do cabresto que, em vez de abotoar na argola do buçal passou a fazê-lo na argola do terço superior do cabresto. Esta inversão permite prender o animal na corda de acampamento, sem necessidade da corda de forragem e sem que fique pendente a parte restante do cabresto, que é retirada pelo cavaleiro.

F — CABEÇADA DO FREIO E REDEAS

A comissão aproveitou o modelo apresentado pelo 14.º R. C. I. (D. Pedrito). Não tem ciscola, que consideramos desnecessária e apenas uma fivela na cachaceira permite graduá-la a vontade. Quando o cavaleiro

tiver que se haver com um animal prático em se libertar da cabeçada (esfregando a cabeça num tronco, por exemplo) é suficiente colocar a cabeçada do buçal por cima da do freio e o mal estará sanado. Eliminando a ciscola poupa-se uma peça que no caso não tem utilidade. As redeas não tem fivelas e são presas ao freio por "passadores".

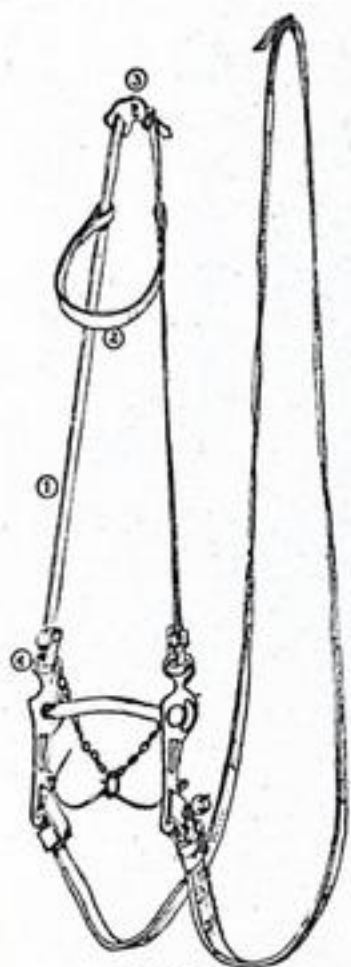


FIG. 8

CABECADA DO FREIO E
REDEAS

- 1- FACEIRA
2- TESTEIRA
3- CACHACEIRA COM FIVELA PARA AJUSTAR
4- PASSADORES PARA PRENDER A CABECADA AO FREIO
5- PASSADORES PARA PRENDER AS REDEAS AO FREIO
PESO CABECADA: 250 GRS.
REDEAS (PAR) 204 GRS.

G — SOBRE-CILHA



FIG. 8A

BRIDÃO DE REMONTA

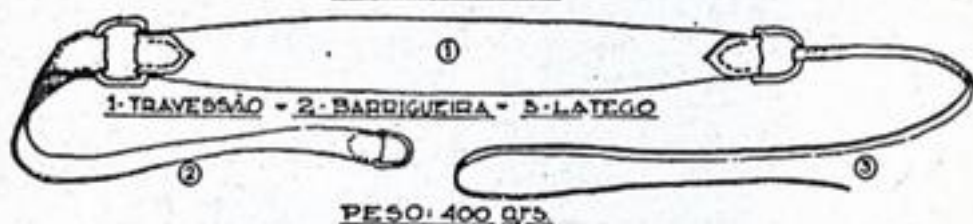


6-FREIO DE PERFIL

O tipo usado atualmente, não é o melhor. O sistema de fivela limita a utilização da sobre-cilha para determinados animais. O sistema de látego é mais prático e pode ser ajustado a qualquer caixa torácica.

Somos de parecer que esta sobre-cilha, deve ser confeccionada em dois "tipos": um para ser utilizado pelos cavaleiros em geral; outro, mais reforçado (de sola dupla, látigo mais largo e resistente, argolas de ferro galvanizado), para ser distribuído aos cavaleiros das esquadras suplementares e dos T. C. Teríamos neste último tipo o que se chama "chinchador" ou "cínchão" imprescindível em Campanha para prender a presilha do laço ou para prender a "quarta" como faz a Artilharia quando as parelhas não podem vencer o terreno.

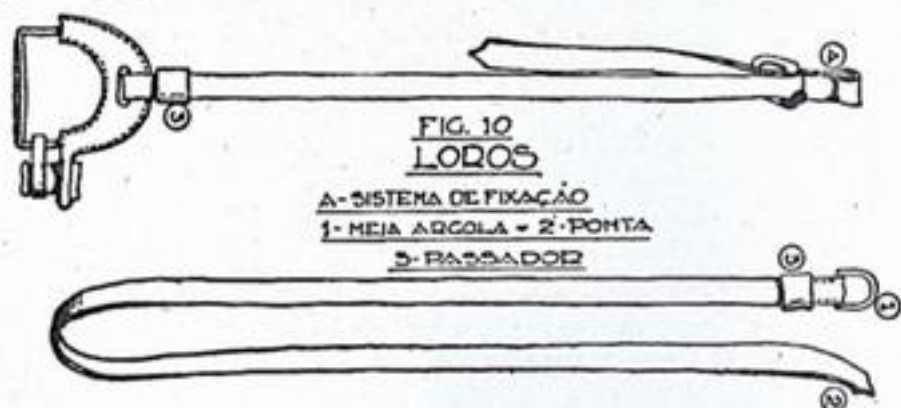
FIG. 9
SOBRECILHA



H — LOROS

Foram substituídas as fivelas por meias argolas. Aquelas tem o inconveniente de rasgarem os furos, quando o material não é muito bom. O sistema de fixação já sancionado pelo uso campeiro, é o seguinte: a ponta do loro, depois de passar pelo porta-loro, de dentro para fora, passa na meia argola do loro, de fora para dentro e volta a passar novamente agora de fora para dentro e por baixo da primeira passada, pelo porta loro. Assim fixado, resiste ele à qualquer pressão que se fizer no estribo, sem possibilidade de se alongar." (Do relatório do 13.º R. C. I.).

A comissão é de parecer que o atual sistema de fivelas encurta a duração da peça.



I — MANEIA

É uma peça de grande utilidade em Campanha, principalmente para cavaleiros isolados ou pequenas unidades (esquadra, Grupo de Combate e até mesmo Pelotão). É um meio de contenção muito prático e de relativa segurança, tornando-se bastante seguro quando, combinando a manieia com o cabresto, for empregada em três pés (manieia de três per-

nas) — a maneira nos anteriores, ligada pelo cabresto a um membro posterior. (Do relatório do 13.º R. C. I.).

Como vemos é uma peça que precisa retornar ao arreamento usado no exército. Atualmente, um cavaleiro isolado está impossibilitado de afastar-se do cavalo, quando não houver próximo um lugar onde amarrá-lo.



FIG. 11

MANEIRA

1-PRESILHA - 2-BOTÕES DE COURO (lençóis) - 3-BOMBA DE COURO (lençóis)
4-ARGOLA - PESO 200 grs.

J — BAINHA DE SOLA PARA A ESPADA

Confeccionada em sola prensada, bem endurecida, ela substitue a bainha metálica. A ponteira e o bocal exigem um reforço. Junto a este, foi fixada uma meia argola, destinada a prender a bainha à sela, pela presilha existente na parte anterior e superior do suador esquerdo.

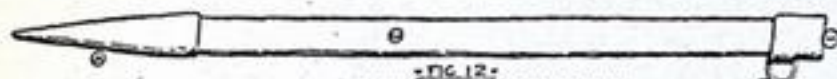


FIG. 12

BAINHA DE SOLA PARA ESPADA

1-BOCAL - 2-MEIA ARGOLA - 3-COURO - 4-PONTEIRA - PESO 200 grs.

Esta bainha pertence ao arrelo apresentado pelo 13.º R. C. I., e pensamos ser uma idéia aproveitável para diminuir o custo do material, dado o preço atual das bainhas confeccionadas em metal.

Estando a sela equipada, fica a bainha por baixo do pelego, em posição inclinada, e o punho da espada um pouco na frente do cepilho.

Há grande facilidade para o "Desembainhar Espada" e nenhum incômodo para o cavaleiro.

Vários Regimentos apresentaram esta sugestão e vemos nela a maneira de acabar com os inconvenientes da espada pendurada, nas marchas através campo, em terrenos acidentados.

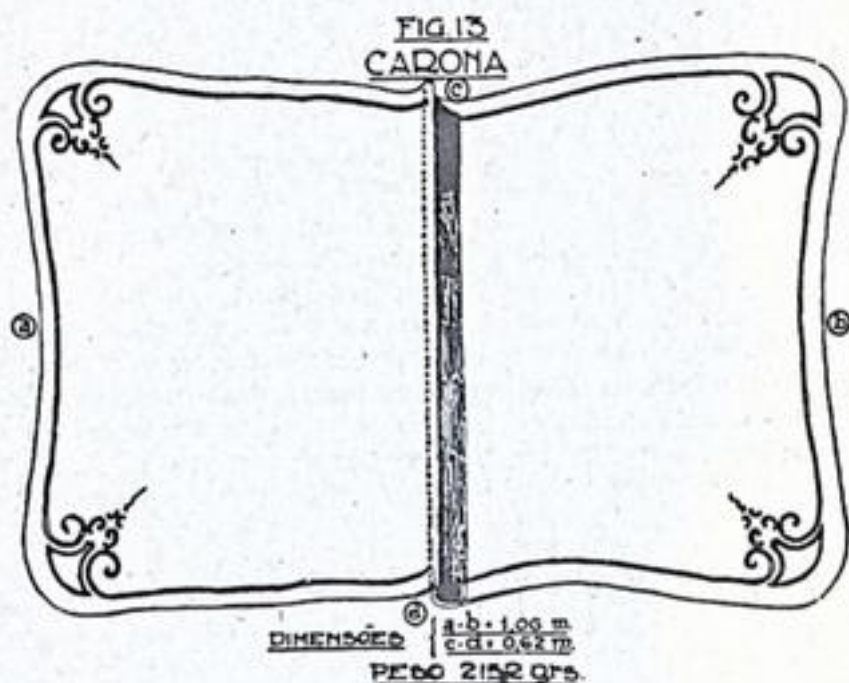
Quando o cavaleiro utilizar a Sela, sem o equipamento, em paradas, formaturas diárias etc., pôde-se carregar a espada, como se faz atualmente, aproveitando os porta-espadas existentes. (está prevista uma argola no lado direito da sela) muito embora não haja inconveniente algum em carregar a espada, da maneira descrita acima, mesmo com a sela desequipada.

K — CARONA DE SOLA

No início deste Capítulo, quando tratamos do arrelo usado pelo gaúcho, já fizemos referências à carona de sola e pusemos em evidência a grande vantagem que ela oferece, não só como elemento de proteção ao lombo do cavalo, como também, cooperando para que o cavaleiro

possa fazer sua cama em campanha, mesmo nos casos em que o terreno esteja molhado.

Sua utilidade é indiscutível. Contribue para dar ao arreio um aspecto agradável à vista. Muito durável, de fácil confecção, serve também para evitar o contacto do pelego ou da badana, com o suor do cavalo. Experiências realizadas em diversas uidades de Cavalaria, mostram que o uso da carona, mesmo com o material atualmente empregado, diminue em cerca de 50 % o número de ferimentos no lombo, dorso ou garrote.



L — XERGAO DE Lã

É um complemento da Carona e tem nesta sua razão de ser. Feito em lã sem preparo especial é barato, leve, fácil de lavar e evita a acumulação de vapores quentes no lombo do cavalo.

Não achamos aconselhável a atual manta de pano alvadio.

Se examinarmos os resumos dos trabalhos apresentados pelos Corpos (Capítulo I) constataremos que os 6.º, 7.º, 12.º, 1.º, 9.º, 14.º e 13.º R. C. I. e o Regimento Andrade Neves, todos são partidários do Xergão de lã e da carona de sola. A' Cavalaria Brasileira urge sejam fornecidas essas duas peças, que devem ser empregadas com o arreamento existente. As mantas de pano alvadio existentes, em estoque e que ainda não foram utilizadas, podem ser aproveitadas como cobertores de inverno.

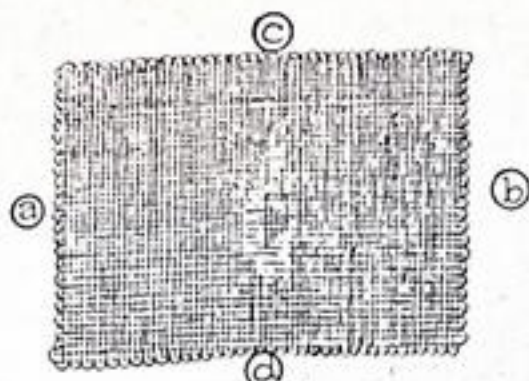


FIG. 14.
COBERTURA DE LÂ
(XERGÃO)

DIMENSÕES $\begin{cases} a \cdot b \cdot 0,90 \text{ m} \\ c \cdot d \cdot 0,70 \text{ m} \end{cases}$
PESO = 704 grs.

M — MARMITA

“Visando tornar a marmita mais portátil, a comissão foi de opinião que poderia ser reduzido o seu volume, por julgar excessiva sua capacidade. Por isso apresenta um tipo confeccionada em ferro folheado (na impossibilidade de fazê-lo com alumínio que deveria ser o material preferido) e de forma semelhante à regulamentar, modificando para menos as seguintes dimensões: corpo da marmita — profundidade de 12,5 para 10,5 mm; largura, de 175 para 155 mm; espessura, de 100 para 90 mm.

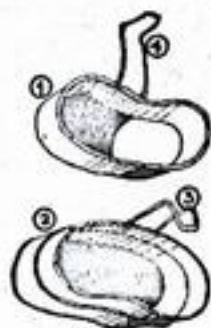


FIG. 15

MARMITA ABERTA

1-TAMPA

2-CORPO

3-ASA DO CORPO

4-ASA DA TAMPA

MATERIAL: TOLVA E ARAME

DE FERRO

CAPACIDADE $\begin{cases} \text{CORPO } 1,100 \text{ l} \\ \text{TAMPA } 0,500 \text{ l} \end{cases}$

PESO: 370 grs.

FIG. 15a



MARMITA FECHADA

Tampa: — argura de 180 para 160 mm; espessura de 105 para 95 mm; não alterando a profundidade.

A marmita apresentada ficou com a capacidade superior a 1 (um) litro, o que satisfaz plenamente as finalidades a que se destina. Quando fechada, é de muito menor volume do que a regulamentar, principalmen-

te porque toda a profundidade de sua tampa foi aproveitada para introduzir o corpo, o que não acontece com a Regulamentar.

Há nela um sistema de aza e fecho, tanto na tampa como no corpo, semelhante ao existente na tampa regulamentar, de maneira que, quando fechada fica um fecho de cada lado. A aza de arame existente no corpo da marmitta regulamentar e que permitia o transporte de várias marmittas apoiadas em uma haste (fachinas), foi substituída por uma alça menor, adaptada sobre a tampa, podendo aí rebater-se, sem que em nada lhe aumente o volume". (Do relatório do 13.º R. C. I.)

Pensamos que o modelo de marmitta apresentado pelo 13.º R. C. I., é ótimo.

N — ESTRIBOS

O modelo regulamentar é bom. Seria conveniente fazê-los com matéria prima diferente (ferro ou aço) devido ao alto preço do metal amarelo.

O — FREIO — BRIDÃO DE REMONTA

O modelo apresentado na Fig. 8 é o que satisfaz.

Quanto a matéria prima, a empregada atualmente não satisfaz. É de alto preço e não oferece a resistência necessária. Deve ser substituída por ferro ou aço inoxidável.

"Os ganchos que prendem a barbeta e a sub-barbeta, no lado direito, devem ter a forma de um 8 e ser fechados afim de não haver extravios, como acontece atualmente". (Do relatório do 13.º R. C. I.).

O bridão de remonta é ótimo, (Fig. 8-A) e deve ser usado nas condições previstas pelo R. Eq. e pelo R. E. C. C.

O conjunto Freio-Bridão deverá ser mantido apenas para as montadas dos oficiais, acrescentando-se as facelras para o bridão e um par de redeas, na cabeçada da Fig. 8.

P — LÁTEGOS

O tipo regulamentar, feito em couro cru é bom, mas é necessário que sejam mais longos.

Q — CILHA

O tipo regulamentar não satisfaz. A cilha é muito estreita. O cordão pardo não é durável. O sistema de espelhos de sola não facilita o conserto da peça nas correarias dos Regimentos.

Somos de parecer que os cordões devem ser presos diretamente em argolas de ferro galvanizado e estas revestidas de sola. Com este sistema, qualquer cilha pode ser feita novamente quando os cordões arrebentarem. Estes devem ser de melhor qualidade, embora mais caros.



FIG. 16.
CEILHA.

R — MALOTES

O tipo regulamentar satisfaz as necessidades.

VI — DESCRIÇÃO DETALHADA DO ARREAMENTO

"tipo Cavalaria n.º 2"

A — SELA — ver tipo n.º 1.

B — ALFORGES CONJUGADOS.

Já nos referimos a eles quando tratamos do desdobramento do "tipo Cavalaria". Dissemos então que eles substituiriam a Badana no condusir a carga, veremos agora a solução encontrada, ficando o capote sobre o cepilho, preso a dois grampos que serão fixos à Sela.

Carga da frente:

Capote emalado	1.750 grs.
2 malotes	140 grs.
	1.890 grs.
Total	1.890 grs.
Dois alforques conjugados (vasios)	1.392 grs.

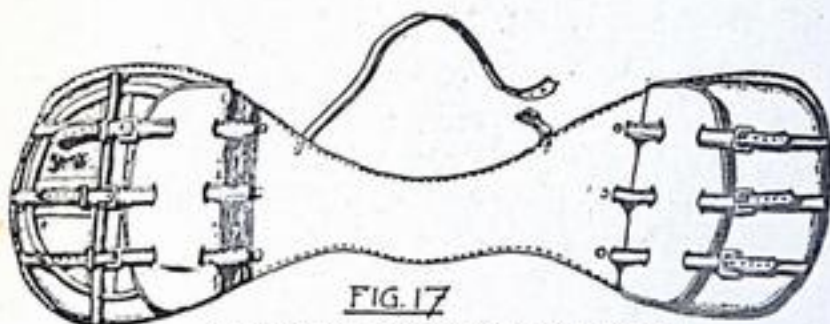


FIG. 17
- ALFORQUES CONJUGADOS -

1-RECORTE CENTRAL

2-CORREIA QUE PASSA ATRÁS

DA PATILHA, POR CIMA DOS BASTOS

Alforge esquerdo:

Garfo-colher articulado	50 grs.
50 cartuchos com 10 laminas	1.235 grs.
5 cartucheiras para 10 cartuchos cada	400 grs.
1 Petardo	125 grs.
Marmitta	370 grs.

Ração fria	1.000 grs.	
Ração de reserva	830 grs.	
Mat. hig. individual	330 grs.	
2 ferraduras	844 grs.	
24 cravos	88 grs.	
1 saco Zuarte para 1 Kg.	30 grs.	5.302 grs.

Alforge direito:

Milho	3.000 grs.	
Mat. lim. do cavalo	480 grs.	
Bornal	320 grs.	
Balde	394 grs.	
2 ferraduras	844 grs.	
Material de conserto	100 grs.	
Mat. limpeza do armamento	146 grs.	5.284 grs.

PESO DA CARGA NOS DOIS ALFORGES 10.586 grs.

Carga de trás:

½ arraca emalada	2.047 grs.	
2 malotes	140 grs.	
Painel de Balisamento	105 grs.	2.292 grs.

TOTAL DA CARGA A TRANSPORTAR 16.160 grs.

Internamente: — no alforge esquerdo encontramos — alojamento para o petardo, para a marmita e para o garfo-colher articulado; depósito para os cravos e alças sobrepostas para pendurar as ferraduras, havendo lugar para mais de duas. No alforge direito, encontramos também as alças sobrepostas, para as ferraduras.

Neste caso, como no "tipo n.º 1", reequilibra-se a carga passando material de um alforge para outro.

O saco Zuarte foi colocado vazio no alforge esquerdo porque, em período de manobras ou grandes exercícios, quando o cavaleiro não recebe a munição, a ração de reserva e o petardo — é necessário enchê-lo com 1 Kg. de milho, retirado ao bornal (alforge direito), para equilibrar o sistema. Quando for consumido o milho do alforge direito, passar-se-á ferraduras ou munição para ele. O peso a passar de um alforge para o outro, é sempre igual a metade do que se acha faltando ou foi consumido.

A fixidez necessária no alforge é assegurada: pelo recorte central que se adapta ao fundo da Sela, pelo peso da carga, pela correia que passa atrás da patilha e pelo peso do cavaleiro.

Para conduzir o cavaleiro a mão, é aconselhável apertar a sobre-cilha mais atrás, abarcando os dois alforjes, eliminando-se assim as flutuações que podem sobrevir com a ausência do peso do cavaleiro.

— Como já dissemos anteriormente, esta solução foi inspirada no que há de mais prático e resolve perfeitamente o problema. A tração consequente do peso da carga é feita no centro da Sela e o animal terá assim o garrote e os rins muito aliviados.

Os alforjes conjugados, confeccionados em sola, terão duração superior a 6 (seis) anos e também possibilitam em caso de mobilização, conduzir a carga em qualquer arreio civil, sem necessidade de adaptação.

C. D. R.

Peças idênticas às que foram descritas no "tipo 1".

Julgamos oportuno dizer que o Pelego — em caso de chuva ou no verão, com o calor, pode ser usado com o "carnal" (pele) para cima o que, aliás, é solução adotada pelos homens do campo.

A sobre-cilha neste "tipo", deve ser mais larga no centro o que trará maior conforto ao cavaleiro.

MATERIAL PERTENCENTE A' 2.ª CATEGORIA

(Necessário unicamente no Estacionamento)

No início deste capítulo, ao fazermos a classificação do material, já nos referimos a ele detalhadamente. Acrescentamos apenas uma fotografia das estacas feitas no 13.º R. C. I. única peça que difere do tipo regulamentar nesta categoria.

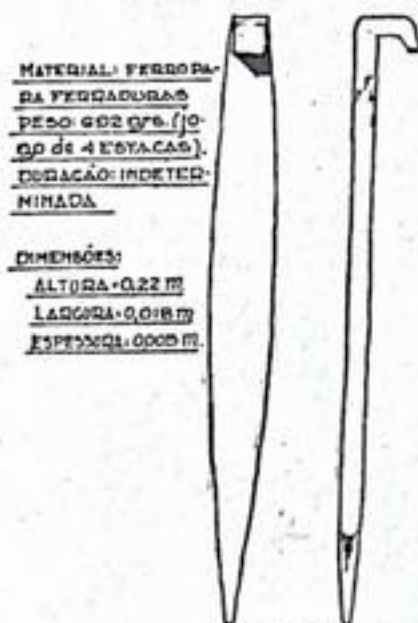


FIG. 18
ESTACAS DE
FERRO

PESOS

A relação abaixo contém um estudo comparativo, por categoria, entre

os pesos obtidos, na Inspetoria, para o material "Tipo Cavalaria" e os que nos foram fornecidos, para o material tipo Intendência.

Peças do arreamento, equipamento e carga, com os respectivos pesos em gramas.	(grs.)	"Tipo Intendência"	1.ª Categoria
	"Tipo Cavalaria"	(grs.)	
Bainha de sóla para espada	267		a) Arreamento simples com a espada. (empregado na instrução diária)
Barrigueira (cilha)	400	485	
Buçal	583	816 (c. redeas)	
Cabeçada para freio	250	1644 (completa)	
Cabresto (redea do buçal)	404		
Cachimbo	120	120	
Carona de sóla	2152		
Cobertura de lá (xergão)	704	1855 (mantas)	
Espada	900	1774 (c. bainha de metal)	
Estribos (par)	850	1030	
Freio	611	(incluído na cabeçada)	
Látigos de couro cru (par)	095	092	
Lóros (par)	390	372	
Maneja	200		
Peitoral	400	471	
Rédeas (par)	204	(incluídas na cabeçada):	
Sóla	8585	6100	
SOMA	17.115	14.759	

Peças do arreamento, equipamento e carga, com os respectivos pesos em gramas.	"Tipo Cavalaria"	"Tipo Intendência"
	(grs.)	(grs.)
Badana de vaqueta e sóla (tipo Cavalaria n.º 1)	2.697	772 (sacola e cor-reia para cepilho).
Balde de lona para água	394	404
Barraca (1/2)	2.047	3.700
Bornal para milho	320	(incluído no alforge).
Capote	1.592	2.310
Cartucheiras (5) para 10 cartuchos, cada	400	
Ferraduras (4) com 24 cravos	1.776	1.087 (2 e/a bolsa
Garfo colher	050	050
Marmitta	370	432
Malotes (2)	140	122
Material para limpeza do cavalo	480	543
Material para limpeza do armamento	146	200
Material para conserto (Botões, agulha, linha)	100	(carrega-se no equipamento homem).
Material de higiene individual	330	580
Milho	3.000	4.919
Munição (50 cartuchos e/10 lâminas)	1.225	720 (30 cartuchos)
Painel	105	110
Pelego	1.200	
Petardo	135	135
Ração de reserva	830	830
Ração fria	1.000	1.600 (do dia)
Ração Zuarte para 1 Kg. de milho	030	
Sobre-cilha	400	285
SOMA	16.767	18.834

TIPO CAVALARIA N.º 2.

Substitue-se a badana por 2 alforjes conjugados, o pelego é maior do que no tipo 1.

1.ª Categoria	Alforjes conjugados	1.392	Tipo Intendência Encontrados na Inspetoria
	Pelego grande	2.210	
	Peças já discriminadas acima (b)	12.870	
	Soma	16.472	
		P E S O S (grs.)	
Material a ser utilizado unicamente no estacionamento (conduzido em Viatura)		Encontrados na Ins- petoria	Fornecidos relação anexa
Borzeguins (1 par)		938	1.075
Cobertor		1.450	1.342
Corda para barraca		692	1.300
Estacas de ferro (4) para barraca		692	1.300 (de madeira).
Páu de barraca (articulado)		900	600
Roupa branca (cuéca, camisa, par de meias, lenço, calção, Zuarie, camisa, ed física)		763	1.470
Saco de distribuição		750	782
Túnica e calção V. O.		1.170	14060
SOMA		7.113	8.175

RECAPITULAÇÃO

Material de 1. ^a Categoria	Arreamento simples com espada	Material a conduzir no arreio	Total
Arreamento "tipo Cavalaria" n.º 1 ..	17.115	16.767	33.882
Arreamento "tipo Cavalaria" n.º 2 ..	17.115	16.472	33.587
Arreamento "tipo Intendência"	14.759	18.834	33.593

OBSERVAÇÕES: — Na recapitulação acima, vemos que o "tipo Cavalaria" n.º 1 é mais pesado que o "tipo Intendência" apenas 289 gramas e que o "tipo Cavalaria" n.º 2 é praticamente do mesmo peso apesar do acréscimo de 20 cartuchos, 2 ferraduras, 5 cartucheiras para 10 cartuchos cada, pelego, carona e mancia. Acresce que a Sela apresentada pelo 13.º R. C. I. pode ficar mais leve, desde que seja empregado material adequado.

RELAÇÃO GERAL DO MATERIAL, PARA OS TIPOS 1 E 2, COM OS
RESPECTIVOS PESOS EM GRAMAS

Alforjes conjugados (tipo 2)	1,392
Badana (tipo 1)	2,697
Balde de lona para água	394
Bainha de sola para espada	267
Barraca (1/2)	2,047
Barrigueira (cilha)	400
Bornal	320
Borzeguins (par)	938
Buçal	583
Cabeçada para freio	250
Cabresto	404
Cachimbo	170
Capote	1,592
Carona de sola	2,152
Cartucheiras (cinco p/ cincoenta cartuchos)	400
Cobertor	450
Cobertura de lã (Xergão)	704
Corda para barraca	450
Cravos (6)	022
Espada	900
Estacas de ferro (4)	692
Estribos (par)	850
Freio de metal amarelo (a substituir)	611
Ferradura (1)	422
Garfo-colher articulado	050
Lâmina com cinco cartuchos	122,5
Látigo de couro cru	095
Loros (par)	390
Maneira	200
Marmita	370
Malotes (par)	140
Material de limpeza do Cavalo (escova, ferro ranilha, pano, pente e raspadeira)	480
Material de limpeza do armamento (almotolia, cordel e pano)	146
Material de conserto (botões, agulha e linha)	100
Material de higiene individual (escova para dentes, espelho pequeno, navalha gilete com 5 lâminas, pasta para dentes, pente, sabão, saboneteira, pincel para barba e toalha peque- na para rosto)	330
Milho	3,000
Munição (50 cartuchos com 10 lâminas)	1,225
Panel de balisamento	105
Pau de barraca (articulado)	900
Pelego pequeno (tipo Cavalaria n.º 1)	1,200
Pelego grande (tipo Cavalaria n.º 2)	2,210

Peitoral	400
Petardo	135
Ração de reserva	830
Ração fria	1.000
Rédeas (par)	204
Roupa branca (cuéca, camisa, par de meias, lenço, calção Zuar-	
te, camisa ed. física)	763
Saco de distribuição	750
Saco Zuarte para 1 Kg. de milho	030
Sobre-cilha	400
Túnica e calção	1.170

MATERIA PRIMA

Julgamos que deva ser substituído todo o metal amarelo atualmente em uso. As argolas, meias argolas, etc., talvez possam ser feitas em ferro galvanizado, o que além do aumento de resistência acarretará um custo mais baixo de fabricação.

Quanto ao freio e estribos, competirá aos técnicos dizer, em definitivo, qual o metal ou liga que preenche as condições de resistência, inoxidção, baixo custo e facilidade de obtenção dentro do território Nacional.

A respeito da sola, já podemos ir mais longe. A visita feita pela Inspetoria de Cavalaria à S. A. Cortume Carioca, serviu para corroborar nossa opinião de que a sola atualmente em uso não preenche os fins a que se destina. Havíamos notado que ela se parte com grande facilidade e que comumente encontramos as peças desse material completamente ressequidas. Sabemos agora que isso se deve a exigência de pequena percentagem de graxa.

Anexamos a este relatório o parecer do Snr. Diretor da S. A. Cortume Carioca bem como as amostras que o mesmo teve a gentileza de enviar. Podemos constatar aí que os técnicos do referido cortume, estudando um tipo de sela especializada para a confecção dos arreamentos, chegaram a conclusão de que deve ser adotado aqui o padrão Standard em toda a Europa, isto é, engraxamento a frio ou quente, com 10% de gordura.

PREÇO.

Sujeitos as constantes flutuações do mercado, não achamos necessário descer a detalhes sobre este assunto. Acresce que somente após a fabricação intensiva das peças é que se poderia saber, no E. M. I., quanto custaria cada arreamento. O 13.º R. C. I. mandou fazer o arreamento que apresentou e, como este serviu de base para nosso "tipo n.º 1", daremos aqui a título de elucidação, os preços, por unidade, obtidos em Jaguarão:

Sela — 200\$0; Badana — 95\$0; Pelego — 25\$0; Peitoral — 20\$0; Buçal com cabresto — 40\$0; cabeçada com redeas — 26\$0; Sobre-cilha — 12\$0; Loros (par) — 12\$0; Maneia — 10\$0; Bainha de sola para espada — 10\$0.

Quando modificamos a Badana 13.º R. C. I., o E. M. I. fabricou a nosso pedido, uma outra de custo muito inferior a 95\$0. No tipo n.º 2, em que

os Alforges conjugados, substituem a Badana, o preço do conjunto é bem menor.

Verdade é que creamos algumas peças como o pelego, a carona, a manela, etc., mas ao mesmo tempo suprimimos outras como a bolsa de ferraduras, o porta-mosquetão, as bolsas de frente (tipo n.º 2), a corda de ferragem, a manta de pano alvadio, etc. Sendo assim, presentemente, não dispomos de elementos para dizer se o arreio "tipo Cavalaria" acarretará ou não aumento de despesa. Podemos afirmar, entretanto, que ele será mais útil, mais durável e que resolverá o problema.

CONCLUSÃO.

A comissão é de parecer que o "tipo n.º 2", por ser mais rustico e mais barato, apresenta maiores vantagens que o tipo n.º 1 e sugere, na hipótese de ser ele adotado para a Cavalaria, seja a badana distribuída somente aos cavaleiros que atualmente montam em sela de oficial, reduzindo-se então o tamanho dos alforges.

- (a) Gen. Div. José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.
Inspetor da Arma de Cavalaria.
- (a) Hugo Garrastasu, Cap.
- (a) Manoel Cavalcanti Proença, 1.º Ten.

ANEXO N.º 1. a.

(Cópia)

Rio de Janeiro, 26. V. 942.

Exmo. Snr.

General José Pessoa

Inspetor da Arma de Cavalaria

RIO DE JANEIRO.

Exmo. Snr. General,

Foi com justo orgulho que a nossa Organização Industrial registrou a insigne honra de receber a vossa visita recentemente, graças à qual teve V. Excia. ensejo de verificar, "de visu", no que poderemos ser uteis ao brioso Exército Nacional.

E', portanto, com a máxima das satisfações que, acompanhadas do Relatório anexo, vimos entregar-vos 7 amostras de diferentes curtições, devolvendo também os materiais que V. Excia. nos mandou como modelo.

Ademais, permanecemos ao vosso inteiro dispôr para quaisquer outras consultas, que satisfaremos sempre com o maior prazer, e, na expectativa de vossas valiosas ordens nos subscrevemos,

mul atentamente,

S. A. Cortume Carioca

(a) Paulo Siemens.

A N E X O N.º 1 — b.

Rio, 26 de Maio de 1942.

DESCRIÇÃO DAS AMOSTRAS NS.:

1, 1-A — 2 — 3 — 4 — 5 e 6

N.º 1 — COURO CRÚ SEM CAL — De máxima resistência, porém sujeito à deformações depois de algum tempo de uso, devido à chuvas e sol. Trata-se de uma curtição fóra de cogitações para as finalidades almejadas.

N.º 1-A — COURO CRÚ COM CAL — Idem, como acima.

N.º 2 — COURO CURTIDO AO CROMO PURO: Esta curtição seria a mais aconselhável por ser mais adequada nos pontos de vista de:

Flexibilidade e

Resistência,

não sofrendo os efeitos oriundos de intempéries. Todavia, devido o alto preço do crômo (artigo de importação o custo deste artigo é elevado, acrescido do grande inconveniente de depender do exterior.

N.º 3 — CURTIÇÃO DO CRÔMO PURO COM ENGRAXAMENTO ESPECIAL: — Resistência,

Flexibilidade,

Durabilidade,

ótimos, porém, não é artigo aconselhável, devido os fatores apontados no N.º 2.

A N E X O N.º 1-c

N.º 4 — COURO CURTIDO AO TANINO: — (Casca e todos os ingredientes genuinamente nacionais). — Artigo comumente chamado "SELEIRO". — Na nossa opinião, este artigo não contém a graxa suficiente para arreamento de cavalaria.

N.º 5 — COURO CURTIDO AO TANINO COM ENGRAXAMENTO: — (Tal como Correias de Transmissão).

(Matéria prima e todos os ingredientes puramente nacionais).

N.º 6 — COURO CURTIDO AO TANINO: — (Com acabamento claro), porém, sujeito à mudança de cor quando em uso. — Também é um artigo fabricado exclusivamente com produtos nacionais.

NOTA: — A's 4 peças que nos foram entregues, e que examinamos, não são de meia curtição, mas sim uma curtição alumen, que não é aconselhável de forma alguma para buçal de caoresto, nem para cabeçadas e rédeas.

Temos, em elaboração, outras provas que, nos primeiros dias da próxima semana, teremos a satisfação de submeter à vossa apreciação.

S. A. CORTUME CARIOCA

(a) Paulo Siemens.

ANEXO N.º 1-d

Rio de Janeiro, 18 de VI-942.

Sxmo. Snr.
General José Pessoa.
Inspetoria da Arma de Cavalaria.
Rio de Janeiro.

Exmo. Snr. General,

Confirmando nossa carta de 26 de Maio pp., temos o máximo prazer em vir entregar a V. Excia. as ultimas 2 amostras de couros para arreamento.

Trata-se de um artigo de superior engraxamento, padrão Standard em toda Europa, e que é o ideal para o fim desejado.

Todavia, em questão de apresentação, as 2 amostras que ora entregamos a V. Excia. deixam algo a desejar, devendo-se essa anomalia à pressa com que foram fabricadas estas 2 amostras.

Sem dúvida, uma vez entrando em fabricação normal, pode-se garantir um artigo perfeito em todo sentido, inclusive de ótima apresentação.

Explicamos a composição destas duas amostras:

N.º 1 — Engraxamento à frio, com 10 % de graxa;

N.º 2 — Engraxamento à quente com 10 % de graxa.

Sem mais, ficamos na expectativa de vossas ordens, nos subscrevemos.

(a) Paulo Siemens.

ANEXO N.º 2-a

PESO CONDUZIDO PELO CAVALEIRO A PÉ E SUA DISTRIBUIÇÃO

(Material Tipo Intendência)

DISTRIBUIÇÃO		Peso
I — No Corpo (Roupa de Uso)	(1 equipamento lona v. o. completo	2.800
	(1 camisa ou túnica v. o.	0.635
	(1 calção v. o.	0.425
	(1 sueca	0.125
	(1 par de meias	0.040
	(1 camisa branca	0.221
	(1 lenço	0.024
	(1 cano de botas	0.660
	(1 capacete de campanha	0.265
	(1 par de borzeguins	1.075
	(1 par de esporas	0.280
	(1 mascara a tiracolo	1.000
TOTAL		7.500
II — Na túnica ou camisa — pacote curativo individual		0.068
III — No equipamento V. O.	((1 estojo barba	0.150
	((1 toalha rosto	0.150
	(Objetos (1 escova e pasta dentes	0.060
	(asseio (1 pente	0.010
	(e (1 saboneteira e sabão	0.150
	(conserto (1 pano de limpeza	0.060
	((1 botões, agulha, linha, barbante e fu-	
	(rador	0.150
	((1 canivete	0.050
	(1 garfo-colher articulado	0.085
	(1 canéco de alumínio	0.027
	(TOTAL	0.892
	(na cartu- (90 cartuchos de mosquetão	2.160
	(cheira, no (1 cantil cheio	1.300
	(porta can- (1 sabre baioneta c/bainha	0.750
	(til e por- (TOTAL	5.102
	(ta sabre. (	
	(	
IV — Armamento — Mosquetão		4.000

	Kgs.
(I — Roupa de uso	7.500
(II — Pacote curativo individual	0.068
R E S U M O (III — No equipamento v. o.	5.102
(IV — Armamento	4.000
(	
(TOTAL	16.710

A N E X O N.º 2-b

Obs. — Foi considerado o tipo mais normal de cavaleiro no combate a pé, entretanto é preciso considerar que segundo as funções que ele vier a desempenhar no combate, deverá ser aduzido o peso do armamento ou, material a conduzir e, deduzido o que necessário se torne.

Para o calculo do peso do cavaleiro equipado e armado:

a) — cavaleiro (túnica e 1 par espóras)	65.000 (médio)
b) — 1 equipamento lona v. o.	2.800
c) — 1 mascara contra gases	1.000
d) — curativo individual	0.068
e) — no equipamento v. o.	5.102
f) — mosquetão	4.000
g) — espada	1.500
TOTAL	79.479

PESO CONDUZIDO PELO CAVALO E SUA REPARTIÇÃO

a) — Cavalo de sela

	REPARTIÇÃO	Peso
	(1 — cavaleiro equipado e armado	79.470
	(1 — cobertura de pano alvadio	1.855
No	(1 — sela	6.100
lombo	(1 — barrigüeira de corda parda	0.485
do	(1 — par de látégos de couro cru	0.092
Cavalo	(1 — peitoral c/gamarra	0.471
	(1 — sobre-cilha	0.285
	(	
	(TOTAL	88.758

REPARTIÇÃO			Peso
Sobre o Cepilho	(1 túnica v. o.		0.635
	(1 calção v. o.		0.425
	(1 cuéca		0.125
	(1 par de meias		0.221
	(1 camisa branca		0.021
	(1 lenço		0.024
	(1 par de borzeguins		1.075
	(1 saco de distribuição		0.782
TOTAL			3.327
Sobre a Patilha	(1/2 barraca emalada		3.700
	(1 capote emalado		2.310
	(1 cobertor de lã		1.342
	(4 estacas de barraca		1.300
	(1 páu de encaixe		0.600
	(1 jogo de malotes carga de trás		0.261
	(1 painel de ballamento		0.110
	TOTAL		9.623
Do lado esquerdo	(30 cartuchos		0.720
	1 sacola (1 petardo		0.193
	(ap. limpeza arm.		0.200
	Na frente c/c. 772 (curativo do cavalo		0.150
	(sacola		0.772
	(2 malotes carga de frente		0.122
	(1 balde de lona para água		0.404
	TOTAL		2.561
	No centro (1 estribo		0.515
	(1 loro		0.186
TOTAL			0.701
Atraz	(1 porta mosquetão (x)		0.815
	(bolsa de ferradura c/ forragem		1.087
	(1 corda de forragem		0.546
	TOTAL		2.446

A N E X O N.º 2-d.

REPARTIÇÃO			Peso
Na sela	Do	(1 sacola c/ração de reserva ap. limp.	
		(cavalo .. .	

I — no lombo	88.758
II — na sela	28.081
III — na cabeça do cavallo	2.460
GRANDE TOTAL	119.299

OBS.: — Como esclarecimento, serão dadas as composições da ração de reserva, do curativo individual do cavallo e do aparelho de limpeza do armamento.

A N E X O N.º 2-e

	(carne em conserva	0.250
	(biscoitos ou bolachas	0.250
	(chocolate	0.150
I — Ração de reserva:	(café em pó	0.060
	(assucar	0.120
	(	
	(TOTAL	0.850
	(coloide cresilado	
	(liquet. E. A. S. V. F.	
II — Curativo individual do cavalo.	(algodão hidrófilo (peso)	0.150
	(algodão cardado	
	(atadura	
	(barbante encerado	
	(cordel ou tento de couro cru	
III — Ap. limp. arm.	(1 almotolia de óleo (peso)	0.200
	(1 punhado de estopa	

NOTA: — A distribuição do material foi calculada na sela regulamentar. Os pesos foram extraídos das "Instruções detalhadas sobre o emprego do Saco Habert e processo Meyer, com as modificações introduzidas pelo então 1.º Ten. Antonio Pereira Lira".



A Revista Militar de Remonta e Veterinária, presta hoje, sua reverente homenagem ao Sr. Major I. G. Dr. JULIO AGOSTINI, DD, Oficial de Gabinete do Exmo Sr. Ministro da Guerra, Gen. Eurico Gaspar Dutra. E' sem favor o major AGOSTINI uma figura impar no seu quadro, possuindo diversos cursos superiores entre os quais destacamos: o jurídico, o Reg. Infantaria 1929 e o da Escola de Intendência do Exército, que muito aprimoraram sua inteligência privilegiada. E' possuidor também de um alto descortinho administrativo e com grande senso tem resolvido e orientado as mais importantes questões que lhe tem sido afetas. Esta justa homenagem da nossa Revista, impõe-se portanto, por todos os méritos. Em verdade rendendo-lhe este preito, fazendo-lhe em rápidas palavras um perfil esmaecido, por esta aventura, somos nós, os verdadeiros homenageados.



Reprodutor de tração pesada, raça utilizada no Serviço de Remonta do Exército, com ótimos resultados.

UTILIDADE DESPERCEBIDA DOS CAVALOS MILITARES JULGADOS IMPRESTAVEIS

DR. JUVENAL FELICIANO DOS SANTOS
Cel. Diretor do Instituto Militar de
Biologia.

AO EXMO. SR. GENERAL ANTONIO DA SILVA ROCHA,
SUB-DIRETOR DOS SERVIÇOS DE REMONTA
E VETERINÁRIA

O destino dos seres é de pasmosa dessemelhança entre indivíduos da mesma espécie; e do homem ao animálculo todos estão sujeitos a mesma fatalidade.

O nobre animal quando julgado inservível (reformado como qualquer de nós), de corcel de guerra é reduzido à condição de sendeiro; e então é vendido em hasta pública como simples azêmola ou entregue a estabelecimentos científicos onde é empregado na confecção de remédios heróicos — destino aliás muito mais elevado e de generosa finalidade.

Em época remota cavalos célebres mereceram excepcionais honrarias; entretanto, sua utilidade para o homem, limitava-se ao préstimo habitual na paz e na guerra.

Diz-nos a História que "Bucéfalo" domado pelo próprio Alexandre Magno, seu rei e seu Senhor, teve funerais magníficos e sobre o seu túmulo, nas margens do Hidaspo, foi fundada a cidade de Bucefalia.

"Incitatus" — o cavalo de Caligula — tinha como cavalariça um palácio; comia à mesa com seu Senhor, cuja insensatez chegou a dar-lhe o título de Consul.

Na antiga Hélade, aos cavalos vencedores olímpicos erigiam estátuas.

E certamente os célebres solípedes outro valor não pos-

suiam e nenhuma outra utilidade, além da serventia comum da própria espécie.

De meio século para cá, vêm os cavalos sendo utilizados também para fins científicos e entre outros, na preparação dos soros preventivos e curativos.

A soroterapia derivada das pesquisas de Richet e Héricourt, foi desenvolvida consideravelmente por Behring e Kitasato, entrando afinal, triunfalmente, na prática terapêutica, no tratamento da difteria; pelas mãos de Roux e Martin, com a célebre comunicação feita ao Congresso Médico de Budapest em 1894.

Nesta comunicação, Roux, pela sua clareza e precisão, pôde convencer aos mais céticos e hesitantes e fazer que todos adotassem a soroterapia anti-diftérica como remédio único e soberano, cabendo-lhe além disso o grande mérito de haver industrializado a técnica de seu preparo.

O uso do soro modificou por completo a profilaxia e o tratamento da difteria, do tétano, da peste, etc., doenças outrora de alta letalidade.

Já em fins de 1890, Behring e Kitasato haviam publicado a grande descoberta das anti-toxinas tetânicas e diftérica; e desde logo, pesquisadores de vários países puseram-se a estudar as propriedades dos soros dos animais vacinados contra o tétano e a difteria.

Devemos pois o maior reconhecimento aos sábios cujas pesquisas sobre as duas doenças, lóxicas por excelência, conduziram à descoberta tão memorável, que orientou a ciência para as propriedades adquiridas pelo soro dos animais imunizados, o que constitui o fundamento da soroterapia.

Na noite de Natal de 1891, como um presente de Cristo às criancinhas, foi o soro anti-diftérico empregado, pela primeira vez em Berlim, na clínica de von Bergmann.

E dessa data, vem baixando a letalidade da cruel doença; cruel pelo sofrimento de suas vítimas, das mães aflitas e até do próprio médico, que sendo homem, não pode furtar-se ao padecimento alheio, maxime das crianças — vítimas preferidas do terrível morbo.

Em 1932 iniciou o Instituto Militar de Biologia o preparo dos soros anti-tetânico e anti-gangrenoso; e já neste decênio, grande tem sido a produção daqueles medicamentos, dos quais, do último, foi o Estabelecimento um dos pioneiros de sua fabricação no país.

Dos animais em serviço alguns têm produzido com abundância; e dois dentre eles o vêm fazendo já há 19 anos, ininterruptamente, sendo sua produção digna de registro: são os cavalos 6 e 8, produtores de soro anti-tetânico e anti-oedematiens.

O preparo prévio às vezes fá-los sofrer muito; alguns suportam apenas poucas sangrias, vários morrem, a despeito dos cuidados empregados, ficando outros inteiramente inservíveis, tal o estado de deperecimento.

A sangria, via de regra, é de 5 litros e pode ser repetida semanalmente, sem inconveniente.

Em alguns Institutos porem, quando o animal está fornecendo bom sôro, de grande poder, é desangrado obtendo-se 20 ou 25 litros o que lhe acarreta a morte.

No Instituto Pasteur de Paris assim não se procede; e do mesmo modo no Instituto Militar de Biologia onde os animais são conservados até morrer.

Repugna-nos proceder daquela maneira para com o vidas humanas.

Entretanto há uma razão justificativa para os que procedem daquele modo: é que o animal depois de estar produzindo excelente sôro, poderá em sangria posterior revelar grande perda do poder protetor do mesmo e que às vezes jamais é readquirido. Além disso poderá morrer, e a preparação de um animal demanda meses...

Referência a alguns dos melhores produtores de sôro:

Cavalo número 6.

Nascido em 1928, com 1,46 de altura, pêlo 11, natural do Distrito Federal, incluído na carga do Instituto em 12-V-932, com procedência do Depósito de Remonta de Valença, onde tinha o n.º 16. Preço de aquisição 200\$000. De 12-XII-932 à 18-VI-942 sofreu 51 sangrias fornecendo 255 litros de sangue ou sejam 25.500 empôlas de sôro anti-tânico no valor de 102:000\$000 (cento e dois contos de réis).

Cavalo número 8.

Nascido em 1926, com 1,41 de altura, pêlo 10 (vinagre), natural do Rio Grande do Sul incluído no Instituto em 12-V-932, com procedência do Depósito de Remonta de Valença onde tinha o n.º 13. Preço de aquisição 180\$000. De 27-XII-932 à 17-VIII-942 sofreu 32 sangrias fornecendo 148 litros de sangue, ou sejam 7.400 empôlas de sôro anti-oedematiens no valor de 45:400\$000.

Cavalo n.º 7.

Nascido na primavera de 1926, com 1,42 de altura, douradilho, Rio Grande do Sul, incluído no Instituto em Maio de 1932 com procedência do Depósito de Remonta de Va-

lença, onde tinha o n.º 14. Preço de aquisição 200\$000. De 13-II-932 à 28-II-939, sofreu 36 sangrias fornecendo 173 litros de sangue, ou sejam 17.300 empólas de soro anti-tetânico no valor de 34:400\$000 (trinta e quatro contos e quatrocentos mil réis).

Cavalo número 12.

Nascido em 1923, com 1,47 de altura, incluído no Instituto em Fevereiro de 1933 com procedência do Depósito de Remonta de Valença, onde tinha o número 108. Preço de aquisição 200\$000. De 1-X-933 à 9-IV-938 sofreu 21 sangrias, fornecendo 101 litros de sangue ou sejam 10.100 empólas de soro anti-tetânico, no valor de 20:200\$000 (vinte contos e duzentos mil réis).

Cavalo número 1.

Nascido em 1924, com 1,52 de altura, douradilha, transferido para o Instituto em 22 de Abril de 1932, com procedência do 1.º R.A.M., onde tinha o n.º 226. De 5-I-933 à 2-VIII-934 sofreu 12 sangrias fornecendo 54 litros de sangue ou sejam 2.700 empólas de soro anti-gangrenoso (histolítico) no valor de 16:300\$000.

Cavalo número 162.

Nascido em 1923, com 1,53 de altura, pelo n.º 1, natural do Rio Grande do Sul, incluído no Instituto em 27 de Dezembro de 1939, com procedência do 1.º R.A.M. onde tinha o mesmo número. Preço de aquisição 250\$000. De 26-X-940 à 11-VIII-942 sofreu 10 sangrias fornecendo 45 litros de sangue ou sejam 2.250 empólas de soro anti-gangrenoso (Welchii), no valor de 13:500\$000.

Cavalo número 10.

Nascido em 1926, vermelho, com 1,46 de altura, natural do Distrito Federal, incluído no Instituto em Maio de 1932 com procedência do Depósito de Remonta de Valença onde tinha o n.º 16. Preço de aquisição 200\$000. De 10-XII-932 à 10-VIII-933 sofreu 7 sangrias fornecendo 31,5 litros de sangue ou sejam 1.600 empólas de soro anti-gangrenoso (Welchii) no valor de 9:600\$000 (produção de 8 meses).

Cavalo número 43.

Nascido em 1929, pelo 1, com 1,52 de altura, incluído no Instituto em 6 de Outubro de 1938 e excluído em 21 de

667

Setembro de 1940. Preço de aquisição 550\$000. De 19-IV-939 à 27-XII-939 sofreu 7 sangrias fornecendo 31,5 litros de sangue ou sejam 1.575 empolas de soro anti-gangrenoso (Welchii) no valor de 9:460\$000 (produção de 8 meses).

Os 8 animais acima mencionados, adquiridos pela quantia de 1:780\$000 (exceto um cujo preço não pôde ser lido na respectiva ficha) forneceram produtos no valor de 250:860\$000, talvez a metade do preço de aquisição no mercado; porquanto, no cálculo de seu valor comercial foi feita abstração de vários elementos, inclusive do próprio animal, que nada custou ao Estabelecimento.

O relato que ai fica é deveras surpreendente; e o cavalo anônimo bem merece a divulgação destas linhas, pelo benefício por ele prestado ao soldado doente.

Destino digno de um cavalo de guerra, do "Cavalo do herói", cantado em versos por Fernando Caldas; do que fôra outrôra o corcel do lutador e que embora reformado,

*"ao ouvir o clangor das trompas e bucinas,
encurva relinchando a tábua do pescoço".*



Malato — 1/2 sangue Breão — filho de Nomade — Fazenda Santa Carlota — (Cajuru) — Dr. José de Espalho Moreira — (Est. de S. Paulo).

Vacinas Manguinhos

== Contra a ==

PESTE DA MANQUEIRA
E O
CARBUNCULO HEMATICO

Patenteadas pelos governos do Brasil, Argentina e Uruguái.

Registradas sob os nos. 1 e 2 no Departamento Nacional da Produção Animal do Ministério da Agricultura.

Estas vacinas, que eram preparadas no Instituto Oswaldo Cruz até 1938 conforme se verifica pela CERTIDÃO no verso das respectivas bulas, continuam sob o controle de seus próprios inventores Drs. A. Godoy e A. Machado.

A T E N Ç Ã O

AS "VACINAS MANGUINHOS" TÊM "UM SELO DE
GARANTIA" COLADO NA AMPOLA COMO PROVA
DE AUTENTICIDADE.

TRINTA ANOS DE ABSOLUTO E CRESCENTE SUCESSO

**"Produtos Veterinários
MANGUINHOS LTDA"**

Escritório: RUA URUGUAIANA, 33 — 1.º andar

Laboratórios: RUA SILVA RAMOS, 20

Caixa Postal, 1420 — RIO DE JANEIRO

REPRESENTANTES E DISTRIBUIDORES

MINAS GERAIS — José Gontijo Fonseca & Cia. — Rua Curitiba, 551 —
BELO HORIZONTE.

RIO GRANDE DO SUL, PARANÁ e SANTA CATARINA — Afonso Soares —
Avenida Julio de Castilhos, 24 — PORTO ALEGRE.

RIO DE JANEIRO — Nas principais Drogarias, Casas de Artigos Cirur-
gicos, Veterinários e Agrícolas.

EST. DE S. PAULO e MATO GROSSO — Exclusivos distribuidores:
Assistencia Brasileira dos Criadores Ltda. — Rua do Carmo, 31 —
3.º andar — Fone 3-5820.

URUGUAI — Julio Pereira de Souza — Paraguái, 1638 — MONTEVIDEO.

R. ARGENTINA — Adolfo Bullrich & Cia. Ltda. — Avenida Alem, 1950
— Buenos Aires.



I — E' o Cap. WALDEMAR MONTEIRO, figura de inconfundivel relevo no Exército. Brilhante official de cavalaria e perfeitamente senhor dos problemas da Remonta, ninguém melhor de que ele estava indicado para dirigir a Secção de propaganda dos S. R. V. Ex. — Possuidor de vasta cultura geral e profissional, com largo tirocinio administrativo, o Cap. MONTEIRO entre as comissões que já desempenhou com habilidade, proficiência e patriotismo destaca-se o comando da Força Pública do Ceará, durante a interventoria do Major Carneiro de Mendonça. — II — A sua passagem pela direção do Haras Minas Gerais deixou assinaladas marcas de trabalho intenso e construtivo. Dedicado e sincero coopecador na obra de soerguimento do rebanho equino nacional, em tão feliz hora iniciada pela benemerita orientação do Gen. Silva Rocha. Merece o Cap. MONTEIRO, dos veterinários do Exército a máxima contribuição de esforço para a consecução de tão patriótica cruzada.

Talheres

Wolffmetal Lda. São Paulo

(Ind. Souza Ribeiro Lda. Incerp.)



1200 Rua Hipoatama

Caixa Postal 2700

Só por atacado

Superioridade absoluta em qualidade e
sortimento

Agencia no Rio: Trv. Ouvidor, 23

Tel. 23-5085

O AUMENTO DO ÍNDICE DE NATALIDADE DO BRETÃO POSTIER NA COUDELARIA DE POUSO ALEGRE

(Continuação)

EURICO CORTES

2.º Tte. Méd. Ex-encarregado das reprodu-
toras e produtos da Coudelaria de
Porto Alegre

Esterilidade das fêmeas

A fêmea ESTERIL é inapta a procreação de novos seres.

Sendo sexuada a reprodução na espécie equina, o óvulo da fêmea e o espermatozóide do macho são os elementos sexuais da conjugação. E' por intermédio destes seres minúsculos e alivos que se processa a propagação da vida; é a união dessas células que resulta o OVO FECUNDADO.

E' duma importância capital o estudo das causas de não concepção, principalmente, quando está em jogo o melhoramento duma raça como é o nosso caso. Assim os prejuízos que adveem da falha das éguas acarretam enorme atraso no aumento do rebanho equino.

Não constitue realmente doença a infecundidade; muitas vezes difícil e mesmo impossível de se remediar. Todas as fêmeas estão sujeitas ao mal, formando na vanguarda a égua e a vaca com 30% de fêmeas estéricas. Até o presente momento a Eliopatogenia não se acha bem esclarecida, tornando por sua vez discutido o valor dos tratamentos preconizados.

O aparelho genital feminino compõe-se de:

a) — OVARIOS — produtor do elemento sexual feminino.

b) — TROMPA DE FALOPE — canais que transportam o óvulo do ovário para o útero.

c) — MATRIZ — onde se desenvolve o ovo fecundado.

d) — VAGINA — órgão do coito limitada externamente pela vulva.

Assim vimos em resumo o Aparelho Genital feminino e seu papel a desempenhar na reprodução.

ETIOLOGIA — As causas variam segundo:

Regiões;

Espécie e raça;

Alimentação;

Higiene (trabalho, estabulação);

Consanguinidade;

Idade, etc.

AS CAUSAS segundo sua ORIGEM podem ser enquadradas em:

ENDÓGENAS:

intra-genital — que atingem o aparelho feminino, diretamente.

extra genital — depende do funcionamento endócrino, sistema nervoso, etc.

EXÓGENAS:

Higiene do trabalho, alimentação, idade, raça, regiões, vitaminas, etc.

CAUSAS ENDÓGENAS INTRA GENITAL:

Entre estas citaremos todas aquelas que atingem os órgãos do aparelho genital feminino como sejam:

a) — alterações do ovário;

b) — perturbações da função ovariana;

c) — quistos;

d) — persistência do corpo amarelo;

e) — perturbações na migração do óvulo;

f) — alterações uterinas — implantação do ovo;

g) — deformações anatômicas vaginais.

De todas resumidamente faremos um relato.

Alterações do ovário — Inúmeras são as perturbações que apresentam os OVÁRIOS, provindas de grande número de estados patológicos. A sua integridade fisiológica é indispensável para assegurar a fecundidade. Pode o ovário sofrer uma atrofia em seu desenvolvimento, degenerescência ou mesmo se constatar a presença de sarcomas, fibromas levando o órgão a produção de óvulos anormais, mal constituídos, incapazes de alcançar a matriz, receber o espermatozóide e em seguida se fixar.

Perturbações da função ovariana — Geralmente as le-

sões ovarianas qualquer que seja a sede e natureza provocam profundas perturbações, ocasionando o desaparecimento do cio.

Vemos desde a inflamação banal ou específica a peri-ovarite modificando a albunígea do ovário, impedindo o desenvolvimento e a deíssência do folículo, tudo quando são atingido os dois ovários em sua totalidade. Fora essas lesões o ovário pode sofrer a influência de quistos e também de persistência do corpo amarelo.

Persistência do corpo amarelo — Este tem uma ação inibidora sobre as funções genésicas sendo formado por células poligonais, matéria epitilóide, com granulações pigmentares de cor amarelo no tecido ovariano, oriundo de transformações de elementos restantes da vesícula após a eliminação do ovário.

Não sendo fecundado o óvulo, resiste o corpo amarelo apenas até próximos aos calores e casos contrários persiste, agindo como uma glândula de secreção interna, desempenhando uma ação importantíssima na NIDAÇÃO do ovo e no início do seu desenvolvimento.

Sendo destruído ocasiona o aborto e provoca o aparecimento do cio. A sua persistência anormal é uma causa direta da ESTERILIDADE.

QUISTOS — A maior percentagem de caso de esterilidade é devida a perturbações ovarianas causadas pelos quistos. A percentagem é fixada em 90%. Constata-se um ou mais, num só ovário ou nos dois, influenciando enormemente no caracter e hábito da reprodutora provocando excitações, levando ao estado de ninfomania, perturbando o aparecimento dos calores.

A ETIOLOGIA dos quistos do aparelho genital feminino é ainda obscura, sendo interpretada de vários modos como veremos, segundo MARCK e LAHAYE na GENÉTICA ANIMAL:

- 1 — quistos que provêm de lesões inflamatórias antigas (anatomia patológica);
- 2 — que são de natureza infecciosa (bacteriologia);
- 3 — consequência de estados inflamatórios ou de infecção do útero (americanos, dinamarqueses e alemães);
- 4 — que resultam de influências alimentares embarcando a nutrição da ferida deixada pelo folículo (suiços).

No entanto pode-se generalizar que os quistos tem por causa ocasional, uma infecção vaginal ou uterina propagada por continuidade de tecidos até as glândulas genitais.

Perturbações na migração do óvulo — Para que se processe a fecundação do óvulo emitido é necessário que este alcance o corno uterino. Acontece que muitas vezes pode a trompa se achar obstruída por tumores e mesmo como se

sabe a trompa de Falope, são condutos flexuosos que unem o corno uterino ao ovário correspondente que devido o seu diâmetro pequeno facilita o desenvolvimento de germes provenientes da cavidade uterina ou peritonia.

As lesões a que o Oviduto está sujeito levam inúmeras vezes a esterilidade, pois quasi sempre são bilaterais.

São admitidos três grupos de lesões segundo MARCK e LAHAYE:

- a) — inflamação aguda destruindo os cilios vibráteis;
- b) — obstrução da trompa com exsudato mucopurulento;
- c) — inflamações crônicas produzindo posteriormente vegetações verrugosas exuberantes, assim como blastomas impedindo a passagem do óvulo.

Anomalias uterinas — Implantação do ovo — As afecções uterinas (útero e o colo uterino) constituem um capítulo importantíssimo na *Esterilidade das fêmeas*. Estes estados mórbidos do útero impedem de fixar e desenvolver o ovo. Em primeiro plano cita-se entre os males e as afecções catarrais e metrites crônicas com leucorréia, etc. Em segundo lugar depois de considerar as lesões inflamatórias da mucosa uterina como uma das principais causas da ESTERILIDADE, temos a considerar as infecções provocadas pelos estreptocócos, estafilocócos, retenções placentárias, reversão do útero nos partos distócicos, desvios uterinos, mal formações congênicas, cânceres, etc., muito mais raras que as primeiras.

Destas, as primeiras levam a reprodutora a ESTERILIDADE DEFINITIVA, enquanto as segundas causas descritas levam-na a uma ESTERILIDADE ESPORADICA. É necessário que também se assinala a necessidade da integridade fisiológica do colo uterino, pois ele está sujeito a introdução, atresias congênicas ou adquiridas, espasmos, etc.

Como causa da Esterilidade também cita LAHAYE e MARCK as substâncias ESPERMATO-TÓXICAS e as OVO-TÓXICAS assim como um VIRUS ainda desconhecido que secretando substância acima referida determina a esterilidade. São portanto inúmeras as causas uterinas que dificultam a implantação do ovo.

Causas Vaginais — As deformações anatómicas apresentadas pela vagina: atresias, fistulas reto vaginais, retrações cicatriciais, formações cancerosas, e principalmente inflamações com secreções útero-vaginais, diminuindo a vitalidade do espermatozóide, são causas que determinam quando não definitivamente a esterilidade pelo menos temporariamente. Na espécie bovina encontramos como causa determinante em grande percentagem, por isso cito, a vaginite contagiosa. Afirmam algumas autoridades no assunto

que qualquer que seja a infecção determina uma hiperestesia, com um tenesmo vaginal que se apresenta após o coito ocasionado pelo esforço expulsivo e violento, expelindo para o exterior o líquido seminal.

Causas endógenas extra genital — Podemos enquadrar entre as causas de origem extra genital as seguintes:

a — *Glândulas endócrinas*. FUNCIONAMENTO — Lobo interior da Hipófise — Epífise — Tiróide — Supra renal — Timus.

b — *Glândulas mamárias* — (hiper funcionamento) — quando a alimentação é precária.

c — *Sistema nervoso* — Estados nervosos patológicos capazes de levar as fêmeas a esterilidade.

CAUSAS EXÓGENAS:

Podemos enquadrar aqui as seguintes causas:

— *Higiene alimentar* — (Hiper-alimentação) — (Hipo-alimentação) — Rações mal balanceadas, pobres em Vitaminas, Cálcio, e Iodo, etc.

Vitaminas — A importância das Vitaminas, cresce rapidamente a medida que os estados patológicos avitaminosos aumentam a percentagem das desordens funcionais determinadas pela alimentação.

A carência da *Vitamina E* provoca a *Distrofia Muscular*: ABORTOS FREQUENTES — ESTERILIDADES.

Será analisada, deante da sua complexidade noutro artigo a influência da VITAMINA E na REPRODUÇÃO.

b — *Higiene do trabalho* — a estabulação prolongada, o excesso de trabalho, determinam a esterilidade temporária. As fêmeas que vivem em locais são, arejados, são sempre mais fecundas do que se encontrassem em locais sem tais condições. Paralisam parcialmente o sistema nervoso vegetativo.

c — *Idade* — Éguas muito jovens ou senies apresentam uma determinada esterilidade. Uma reprodutora deve ser retirada de sua função aos 16 anos.

d — *Consanguinidade* — A experiência tem demonstrado que pelo abuso de uniões consanguíneas, a fecundidade diminui nas fêmeas até atingir a esterilidade completa. Os ovários são invadidos pela gordura e elas se tornam infecundas.

e — *Regiões* — Tem-se verificado que a percentagem de fecundação é pequena nas regiões muito altas. Discute-se se é devida a rarefação do ar ou a má qualidade da forragem das alturas.

f — *Raças muito aperfeiçoadas* — Fêmeas nervosas de grande irritabilidade apresentam a esterilidade.

TRATAMENTO

De início direi que só depois do fracasso verificado com o emprêgo da INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL é que po-

demos pensar em alterações profundas do aparelho genital feminino. Não é mais concebível o não emprego da Fecundação artificial, principalmente quando o problema está solucionado em parte e os MÉDICOS VETERINÁRIOS MILITARES dia a dia apresentam as modificações necessárias como: sondas uterinas, aparelhos de colheita, etc.

Outrosim antes de qualquer providência a tomar em relação as fêmeas, devemos verificar a idade e o ESTADO DE NUTRIÇÃO.

ADIPOSIDADE E ASTENIA são estados patológicos que influem decisivamente na vitalidade dos elementos primordiais da reprodução.

Variadíssimo é o tratamento. Os meios terapêuticos são vários como as causas, sendo que todos os casos de esterilidades devem ser examinados atentamente afim de se estabelecer um tratamento metódico e individual.

A cirurgia entrará em ação se for apresentado resistência da membrana do himem, bridas, estenose do colo uterino.

O colo do útero poderá ser dilatado por massagens digitais. Nas lesões ovarianas, na persistência do corpo amarelo e quistos procederá a nucleação ou esmagamento dos primeiros, através do reto por pressão digital, rutura, dilaceramento, ou punção dos segundos; repelir a operação se for necessário, sempre duas semanas após os últimos calores com precaução e delicadamente.

Não sendo constatada a metrite aguda a massagem dá algum resultado.

Quando os calores custam a aparecer, modifica-se o regime alimentar: alimentação refrescante, dieta ou ao contrário uma alimentação excitante — aveia, tortas, etc.

Submete-se a fêmea mais ou menos vinte dias antes da cobertura a um trabalho leve, principalmente tratando-se de animal nervoso, de muita gordura. Recomenda-se também fazer uma sangria de 5 a 8 dias antes do salto.

Ensaia-se para estimular a função ovariana a ioimbina em injeções sub-cutânea (cloridrato de ioimbina — 5 cg.; água destilada 5 cc.; cantarida em pó de 0,5 a 2 grs. em tintura ed 8 a 15 grs.; infusão de zimbro, etc. Emprega-se inj. sub-cut. de extrato de ovário, enxerto ovariano. Este é praticado na face lateral do pescoço, afirmando todos que os resultados são ótimos, aparecendo os calores e em seguida se verifica a fecundação da égua. Também usa-se soltar as fêmeas entre as que se acham no cio e mesmo mostrar ao macho.

Quanto as lesões da vagina: irrigações quotidianas vaginais de permanganato de potássio a 1/1000 ou óvulos de iquitinol. Tocar a vagina com tintura de iodo assim como o

colo do útero. O ácido tânico, o álcool metílico também são empregados.

Nas afecções da MATRIZ procede-se injeções intra uterinas. Combater o catarro útero vaginal por injeções abundantes, duas vezes ao dia e em seguida fazer uma lavagem de dois litros durante cinco dias e uma hora antes do salto de solução morna de bicarbonato de sódio (50,0) e de fosfato (50,0).

Emprega-se na COUDELARIA diariamente em todas as éguas uma lavagem duma solução alcalina glicosada morna. Em seguida procede-se a Inseminação artificial seguindo aproximadamente o que foi transcrito no nosso trabalho publicado na Revista n.º 37 de fevereiro e março. As fêmeas permanecem em posição forçada com o trem posterior elevado. Aplica-se diariamente injeção de IODO na veia e distribue-se duas vezes na semana cálcio as mesmas.

Enfim as lesões serão combatidas adequadamente conforme se apresentarem.

(Cont. no próximo número)



Benefícios efeitos da propaganda do S. R. e Vet. no Estado de S. Paulo —
Mestiços de tração criados na Fazenda do Dr. Sampaio Moreira.



3 TYPOS PARA
TODOS OS GOSTOS

VERMOUTHS

BRANCO SECCO
TYPO TORINO E
BRANCO ROSE

DUBAR

CARIE DENTÁRIA — UM CASO CLÍNICO

ALDEMAR ALVES DE CARVALHO
JOSE' BORGES DE FIGUEIREDO
Tenentes Veterinários da E. V. E.

Como Encarregado da clinica dos grandes animais do H. V. E. foi-nos apresentada, em dias de Abril próximo passado, uma égua, de raça árabe, de nome Zorá, com 5 para 6 anos de idade, pertencente a um sócio da Sociedade Hipica Brasileira, como portadora de carie dentária, pois o referido animal já havia sido examinado por um outro profissional. Feito minucioso exame, constatamos que os dois primeiros premolares superiores, de cada lado, achavam-se cariados. Logo ao abrirmos a boca do animal sentimos um odor muito fétido, característico, devido naturalmente ao acúmulo de substâncias alimentares, que se depositaram dentro das cavidades, já bastante desenvolvidas e aí se fermentaram. Feita a limpeza dessas cavidades que abrangiam as mesas dentárias dos 4 premolares, notamos que as caries eram ainda de 1.º grau, pois as polpas ainda não tinham sido atingidas, com exceção da do 2.º premolar direito, o que vinha explicar o distúrbio funcional na mastigação por ocasião dos repastos, maximé quando o paciente recebia ração de grãos. Ficou então o animal hospitalizado afim de ser tentada a obturação dos dentes, em virtude de ser desaconselhada uma extração em massa, muito embora ser a literatura veterinária muito pobre em casos de obturação de dentes. Entre as afecções dos dentes, a cárie é das que aparecem com pouca frequência nos animais domésticos e dentre eles o cavalo e o cão são os mais sujeitos. Não acontece o mesmo com o homem, para o qual a cárie dentária é um verdadeiro flagelo, desde os primeiros anos de vida, comprometendo quasi sempre órgãos im-

portantes, quando não tratada em tempo; pois ela, na verdade, é uma porta aberta à entrada de germes para o organismo. Em nosso país, infelizmente, a carie dentária é um verdadeiro mal comum, que atinge toda nossa população, devido principalmente à alimentação defeituosa de nossa gente, maximé a do interior, como teem provado os estudiosos do assunto, inclusive Pedro Escudero, grande higienista argentino. Cadiot diz que a mortalidade no cavalo, devido às afecções dentárias é de 25% e a devida à carie, mais ou menos 1 por 200. A carie dentária aparece quasi sempre em animais idosos, sendo mais rara nos novos. No cavalo ela é mais comum entre os 8 e 10 anos, sendo encontrada também nos velhos. Os dentes mais comumente atingidos são os molares e dentre estes os primeiros molares superiores, isto em parte devido a pouca quantidade de esmalte que entra na sua constituição, sabido como é que esta substância exerce importante papel protetor dos dentes.



Intervenção cirurgica de clínica dentária no S. V. E.

ETIOLOGIA

Várias teorias existem, procurando explicar a carie dentária. Desde os tempos mais remotos a questão vem sendo estudada com particular interesse, principalmente pelos Egípcios e Hebreus. No momento atual dos conhecimentos científicos, firmou-se que a carie dentária está ligada a uma série de circunstâncias atuando mais ou menos em sinergia, provocando a doença. Assim é que para a sua aparição notamos que há causas determinantes e outras que vêm em auxílio destas, são as causas predisponentes ou coadjuvantes. Como causas determinantes encontramos a

681

ação dos ácidos, geralmente formados pela fermentação dos detritos alimentares retidos ora entre os dentes, ora na própria cavidade dentária e também em certos animais que possuem o hábito da armazenagem e mais ainda a ação polimicrobiana da flora bucal, não havendo um micróbio específico. Como causas predisponentes, encontramos as gerais, locais e as acidentais. Entre as gerais podemos considerar a hereditariedade, a influência da zona (solo e clima), a idade, sexo, constituição, período de gestação e principalmente a alimentação, com insuficiência dos sais de cálcio e vitaminas.

Como causas locais, notamos principalmente as anomalias estruturais dos dentes. As acidentais são provocadas por acidentes vários. Na nossa paciente, dada a sua pouca idade e número de dentes afetados (quatro), julgamos tratar-se de causa local congênita, isto é, uma menor resistência do esmalte à ação dos ácidos e micróbios locais. SINTOMAS: A cárie é revelada por um processo de descalcificação do dente, cuja evolução, não sendo detida, acaba por comprometer a parte viva do dente, destruindo-a e provocando outras afecções mais graves, tais como carie do maxilar, fistulas, sinusite, etc. Quasi sempre ela se inicia pela mesa dentária e provoca, na corôa, cavidades penetrantes ou se espalha lateralmente até contaminar a mesa do dente vizinho, formando com o mesmo uma cavidade única, como no caso em apreço, ou então destrói logo uma das faces da corôa. A carie pode iniciar-se ora pelo esmalte dentário, ora pelo cimento, sendo este o mais frequentemente atingido e onde o processo evolue com mais rapidez, afetando logo a polpa. Neste caso, notamos logo de início, ao nível do dente cariado, pequenos pontos amarelados, depois enegrecidos, nada mais acusando o animal. Quando, porém, o processo se aproxima da parte sensível do dente, começamos então a notar certos distúrbios funcionais da mastigação. Observando o paciente no momento da sua refeição, notamos que a sua mastigação é interrompida bruscamente procurando em seguida o bebedouro. Neste caso, o animal logo emagrece e a sua saúde compromete-se cada dia que passa. A salivação abundante e o odor fétido da boca são outros sintomas constatados na afecção. Este odor fétido da boca é causado pelo acúmulo de matérias alimentares ao nível da cavidade onde decompõe, indo complicar ainda mais a pulpíte já existente. Quando a carie dentária já é antiga, notamos que toda a cavidade é bastante enegrecida, facilitando de certo modo o diagnóstico.

TRATAMENTO

Desde há muito tempo já se vem tentando o tratamento da carie dentária no cavalo, sendo que no cão, em geral, tem-se aconselhado a extração, o que só achamos conveniente quando a carie for acompanhada de complicações; em caso contrário, deve-se tentar a restauração. Um dos processos de tratamento empregado foi a cauterização a fogo, após raspagem da zona cariada, conseguindo assim deter a evolução da afecção e o animal retomava a sua mastigação normal. Achamos um tanto bárbaro e rudimentar tal processo e mesmo ineficiente, por isso que a cavidade continuava a armazenar detritos alimentares: além de permitir o desarranjo de articulação dos dentes opostos. Citam os livros também a obturação com a guta-percha, cimento, etc. Entre nós ignoramos que já se tenha feito alguma obturação em cavalo. No caso presente empregamos a técnica seguinte: O animal, que foi deixado em meia ração na véspera da operação, recebeu pela manhã em jejum 35 gramas de sulfonal, sendo deitado 1½ hora depois. Reagiu bastante quando ainda em pé, acomodando-se perfeitamente em decúbito lateral. Suspensa a cabeça com alguns sacos de serragem, afim de conseguir uma posição mais favorável ao trabalho, empregamos então o espelho de Rigot, que graduávamos à medida que era necessário uma maior ou menor abertura da boca, permitindo também o descanso do animal. Com uma forte lâmpada elétrica a iluminação da cavidade bucal tornou-se perfeita. O trabalho de preparação da cavidade dentária apesar da grande resistência das substâncias componentes dos dentes, foi relativamente fácil graças a ação das brocas especialmente preparadas, as quais eram acionadas por um potente motor elétrico. Uma vez conseguida a limpeza da zona cariada e preparados os pontos de fixação, resolvemos então empregar um amalgama para a obturação. Apenas para um dos molares, cuja polpa já se achava comprometida, tivemos que empregar após anti-sépsia conveniente uma substância isolante e mumificante. Finda a operação o animal ainda continuou em jejum pelo espaço de 3 horas, com o fim de garantir a solidificação do amalgama empregado. Dado o grande número de dentes cariados e sua distribuição pelos dois lados do maxilar superior, a operação foi feita em duas sessões, com um intervalo de 3 dias, e com o objetivo também de não fatigar demasiadamente o animal, em uma posição forçada por espaço muito prolongado. Até a presente data são ótimas as condições do referido animal, que, retomando normalmente a mastigação, dentro de poucos dias recuperou a sua forma antiga.



Como Presidente do Departamento Nacional do Café, foi o Dr. Jaime Guedes o primeiro Chefe de Repartição Civil que tomou a seu cargo a incumbência patriótica, de angariar recursos entre os seus auxiliares, para oferecer um lindo Pavilhão Nacional Brasileiro ao primeiro Corpo de Tropa a organizar no território Nacional, para voluntários. Toda imprensa do nosso País, aplaudiu, sem reservas, este ato de amor cívico e de brasilidade do distinto Dr. Jaime Guedes. E, esta Revista se congratula com o ilustre patricio, apresentando-lhe os mais altos e sinceros parabens, pela feliz iniciativa.

KRATOS

*junto às
rações*
**ENGORDA E
FORTIFICA
OS ANIMAIS**

LABS. RAUL LEITE S.A.

ANTES E...

... DEPOIS

O EXAME DA ALFAFA

AYLTON CORDEIRO

2.º Tenente Médico Veterinário

Constitue importância capital o exame da forragem nos Estabelecimentos de Subsistência e muito particularmente nos Corpos de Tropa.

Inculca-se o cavalo como o animal mais sujeito a cólicas e procura-se buscar na constituição anatômica de seu aparelho gastro-intestinal a principal causa desta Síndrome.

Parece que o cavalo foi o animal escolhido pelo homem para se fazer dele todo o comércio lucrativo e já um ditado exprimia bem esta asserção: "Para enganar um homem de bem, quero um cavalo". O mesmo se procura fazer agora com a alimentação deste animal.

A alfafa, como é sabido, já é indigesta, por natureza, devido ao seu *azoto não albuminóide*, de sorte que o feno desta leguminosa precisa ser do melhor.

Quais as principais alterações que um fardo de alfafa pode apresentar?

Vou citar as mais comuns:

a) — fardos mofados; muitas vezes somente no interior, indício de que apanharam chuva ou não foram bem fenados;

b) — fardos invadidos por hervas daninhas que, quando não são tóxicas ou irritantes mas constituídas de largas tolhas, ricas de estomatos aquíferos, cedem água à alfafa, favorecendo o desenvolvimento de cogumelos. E' preciso não esquecer que os fungos se desenvolvem e vão constituir o fardo embolorado. Tão importante é essa observação que constitui um capítulo de toxicologia — o micetismo. Quantas vezes não pensamos num meningio ecefalite, raiva, quando na verdade foi uma forragem deteriorada a causa desses sintomas;

c) — fardos cheios de espinhos ou aculeos, madeira, pedra, etc.;

d) — fardos infestados de gramíneas, muitas amargosas, desdenhadas pelo gado;

e) — fardos lenhosos.

Sabemos que os animais monogástricos digerem mal a celulose devido à pobreza da flora microbiana intestinal.

Sobrecarregar os intestinos dos animais destes tecidos de sustentação é abrir caminho para um gastro-interite.

Sou de opinião que tais fardos devem ser rejeitados, pois os cortes de alfafa, posteriores ao 2.º, são *impróprios à alimentação dos equinos*.

f) — fardos com duas pastas de alfafa ótimos nas extremidades e no interior constituído de alfafa grosseira;

g) — alfafa atacada de parasitas vegetais e animais (ferrugem, piolho, etc.).

Por aí se vê quão fácil é uma perturbação intestinal por meio da ingestão de uma forragem condenável.

Que é necessário fazer?

Uma barreira fiscalizadora nos Armazens de Subsistência e uma inspeção rigorosa nos Corpos de Tropa.

Todos hão de avaliar como é difícil um exame minucioso na alfafa devido à sua apresentação em fardos.

Assim, apresento, a título de experiência, as seguintes "Sugestões para um Exame":

1) — Exame na saída do vagão.

Aqui selecionam-se os fardos com bom aspecto "físico" e que podem ser examinados, excluindo-se, logo, os de má apresentação: *mofados, molhados e lenhosos*.

2) — Exame dos fardos que passaram na 1.ª inspeção e que devem apresentar, para serem aceitos, os caracteres seguintes:

a) cor normal de um verde suave; alfafa bem fenada e bem conservada;

b) aroma agradável (cumarina);

c) conjunto homogêneo, hastes flexíveis, *bastante folhas* e sem impurezas.

O feno molhado toma coloração pardacenta e além das perdas mecânicas que sofre, perde uma parte de seu valor nutritivo, pois a água arrasta as substâncias solúveis. Quando apanha muito sol, fica amarelado, transformando a clorofila em clorofilana. As hastes e folhas devem ser examinadas, excluindo-se os fenos atacados por fungos (*Pseudopeziza medicaginis*, etc.).

Depois deste exame, caberá ainda aos veterinários dos Corpos de Tropa um exame mais minucioso, si possível, diariamente, da forragem que será consumida. Não deverão vacilar em rejeitar a forragem que julgarem prejudicial à saúde dos animais.

Assim fazendo, não só estarão zelando pelos interesses do Exército, mas buscando também o seu próprio socêgo...

INSTRUÇÕES PARA O FERRAGEAMENTO DOS SOLIPEDES DO EXÉRCITO

(Diário Oficial de 10 de Setembro de 1942
pág. 13.701).

Art. 1.º Estas Instruções estabelecem os detalhes de execução do ferrageamento dos solípedes em serviço no Exército não previstos em regulamentos.

Art. 2.º O ferrageamento dos animais é executado pelas praças do *Quadro de Ferradores*, sob a direção técnica e imediata dependência do chefe da respectiva Formação Veterinária Regimental.

Art. 3.º As ferraduras usadas no Exército classificam-se em três tipos:

a) regulamentar, destinado a animais empregados em trabalhos comuns;

Depois deste exame, caberá ainda aos veterinários dos Corpos de Tropa um exame mais minucioso, si possível, diariamente, da forragem que será consumida. Não deverão vacilar em rejeitar a forragem que julgarem prejudicial à saúde dos animais.

Assim fazendo, não só estarão zelando pelos interesses do Exército, mas buscando também o seu próprio socêgo...

b) corretivo ou patológico, quando tem por fim corrigir defeitos de andaduras ou auxiliar a cura de certas afecções;

c) especial, quando se destina a animais utilizados em saltos, polo, corrida ou em regiões montanhosas.

Parágrafo único. Compete, privativamente, ao chefe da Formação Veterinária Regimental escolher o tipo e o modelo da ferradura a ser empregada.

Art. 4.º A hierarquia das praças do Quadro de Ferradores, o processo do seu recrutamento e a sua distribuição, são os constantes das respectivas instruções.

Art. 5.º As praças do *Quadro de Ferradores* integram a Formação Veterinária Regimental, não devendo a instrução da Arma ou Serviço a que pertença a Unidade Administrativa, nem trabalho algum, prejudicar os encargos de sua Oficina de Ferradoria, tomando o comando do corpo, mediante solicitação do chefe da referida Formação, as providências necessárias para conciliar as diferentes ordens de exigência tendo bem em vista que os ferradores vivem mais para a sua arte que para qualquer outro fim.

Art. 6.º Aos sargentos, cabos e soldados ferradores, competem as atribuições previstas no R. I. S. G., só concorrendo eles na escala do serviço conforme os regulamentos em vigor.

Art. 7.º — Toda Unidade Administrativa que possuir equinos em sua carga, terá em princípio, uma Oficina de Ferradoria.

Art. 8.º As Oficinas de Ferradoria terão o material constante da respectiva tabela o qual será acondicionado, quando necessário, em Estojos individuais, nas caixas de Material de Contenção e na do Encarregado da Oficina.

Art. 9.º Toda sub-unidade a que estiverem distribuídos equinos, fornecerá um ou mais aprendizes à Oficina de Ferradoria do corpo, os quais os acompanharão, como substitutos dos ferradores, nas marchas e acampamentos isolados.

Art. 10. E' permitido às Oficinas de Ferradoria Regimentais ferrar solípedes não sujeitos à jurisdição do Exército, mas, pertencentes a militares ou a corporações militares, mediante indenização, consoante as prescrições do R. I. S. G. pertinentes ao funcionamento das Oficinas.

Art. 11. A fabricação e o fornecimento de ferraduras mecânicas às Unidades Administrativas, serão reguladas por instruções especiais (ferraduras de mobilização).

Art. 12. Aos ferradores serão distribuídos, para execução do ferrageamento, sungas de brim mescla azul, de acordo com a tabela das Instruções para distribuição de fardamento, bem como aventais de couro.

Art. 13. Todo animal que tiver de ser recolhido à invernada, por prazo superior a 30 dias, será previamente desferrado, aparando-se os seus cascos, salvo se houver contra-indicação do oficial veterinário, ou se for grande a distância a percorrer. Neste caso, o desferrageamento e as aparagem serão realizados na própria invernada.

Art. 14. As comissões de compra de animais serão acompanhadas por um ferrador, que procederá aos exames determinados pelo respectivo oficial veterinário nos cascos dos animais a serem adquiridos, bem como às marcações regulamentares. À referida praça, quando fora de sua guar-

nição, serão abonadas diárias, de acôrdo com as prescrições do C. V. V. M. E.

Art. 15. As Oficinas de Ferradoria são classificadas do seguinte modo:

Tipo I ou "Modelo" — Corpos e Estabelecimentos com efetivo de animais superior a 500 (Regimentos de Cavalaria e Artilharia, Escola Militar, Grupo-Escola, Escola de Veterinária do Exército, etc.).

Tipo II — Corpos e Estabelecimentos com efetivos de animais, superior a 300 (Grupos de Artilharia, Regimentos de Infantaria, Coudelarias, Depósitos de Remonta e de Reprodutores, etc.).

Tipo III — Unidades e Estabelecimentos com efetivo de animais superior a 100 (Baterias Independentes, Batalhões de Caçadores, Batalhões de Pontoneiros, Batalhões Ferroviários, Corpos de Trem, etc.).

Tipo IV — Corpos e Estabelecimentos com efetivos inferior a 100 animais (Companhias Isoladas, Escolas Preparatórias, Escoltas de Q. G., Formações de Serviços, Prefeitura Militar, Instituto Militar de Biologia, Serviço Geográfico e Histórico do Exército, etc.).

(Continua)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

PAGA E RECEBE ATÉ ÀS
5,30 HORAS DA TARDE

ALFANDEGA, 50

TODAS AS OPERAÇÕES
BANCARIAS



Dê a seu filho a melhor arma para vencer!

TODOS os pais, ricos, remediados e pobres, poderão desde já formar o designio (inaltável) de colocar em mãos de seus filhos, a arma do triunfo certo, quando tiverem de enfrentar, no futuro, eles mesmos, as lutas do seu reforço próprio nas atividades da vida. Aos pais decididos e providentes a PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO oferece hoje esta oportunidade.

Peça informações sem compromisso.

10.000\$000

MENSALIDADE: 20\$000
8 SORTEIOS CADA MÊS

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

O CAVALO NA MODERNA CONCEPÇÃO DA GUERRA

(Tradução do Major Aristides C. Leal)

Afirmavam os entendidos pouco avisados que a guerra de motores suprimira a função do cavalo. Os fatos reais entretanto provaram o contrário: porque, se o motor imprime à guerra seu caráter moderno, adaptámos a cavalaria e o transporte a cavalo às exigências da guerra moderna. Esse problema, tão apaixonadamente discutido, foi resolvido favoravelmente à cavalaria, pela experiência soviética, no decorrer da maior das guerras contemporâneas.

O Exército Vermelho rehabilitou esplendidamente a Cavalaria, e ensinou ao mundo como cabe a ela, em ligação íntima com as demais armas, uma função importantíssima, e, em alguns casos, exclusiva. Os presunçosos dirigentes germânicos, ridicularizavam a confiança russa na cavalaria, cuja esterilidade descontavam na presença dos tanques; contudo, uma das lições mais agradáveis desta guerra moderna é apreciar como os regimentos russos de cavalaria souberam lutar contra os tanques alemães.

Disse o Coronel General Gorodovikov que as peculiaridades geográficas da U. R. S. S., as tradições do Exército Vermelho, o amor das gentes pelo cavalo e a destreza dos ginetes, tudo prova que a Cavalaria ocupará sempre um lugar importante na Rússia.

A informação de Voroshilov sobre a capacidade do Exército Vermelho ressalta a importância da Cavalaria. Tal importância não pode ser diminuída, porque, adaptada exatamente às características modernas da guerra, a Cavalaria soviética foi equipada de tal modo, que sua mobilidade e seus meios bélicos a tornam muito perigosa. Não é

a cavalaria que não conhece outra arma que o sabre, senão a que dispõe dos instrumentos mais aperfeiçoados: metralhadora, artilharia, poderosos tanques ligeiros. Seu gineete dispõe de fuzil, baioneta, granada de mão, lança-minas e fuzil-metralhadora; bem treinado e camouflado sabe infiltrar-se pelas brechas inimigas e assestar seus golpes mortíferos.

Certamente, o tanque é aniquilador ante uma cavalaria ao velho estilo, mas sua periculosidade se esfuma se o soldado de cavalaria tem, com o seu sabre, a granada de mão, o morteiro e as armas automáticas; é assim como os ginetes soviéticos têm posto fora de combate muitos tanques germânicos. Os homens da cavalaria sabem o manejo das armas automáticas modernas tão bem como o das armas brancas e são senhores da tática moderna; estão educados no espírito de cooperação íntima com as demais armas. Apresentada a oportunidade — e esta tem se apresentado muitas vezes no transcurso da atual guerra — o gineete desmonta e luta como infante, bem armado e apetrechado “magníficos como soldados de cavalaria — escreve o já citado Coronel General Gorodovikov —, são igualmente eficazes nos combates de infantaria”.

A cavalaria soviética assombrou o mundo durante os meses da pressão e avanço germânicos e na contra ofensiva soviética. Os russos confiam na sua poderosa cavalaria, como elemento decisivo para a vitória final.

Devido a seu armamento e adequação militar pôde a cavalaria russa derrotar unidades alemãs de infantaria, como em Malinovka, onde um pelotão de cavalaria aniquilou uma companhia de infantes inimigos. Em virtude da rapidez dos seus deslocamentos, decidiu em seu favor muitos combates, deixando seus inimigos desconcertados.

Eis o que diz o Coronel Jitrov, chefe das forças soviéticas de cavalaria, com referências aos combates de Istra e Mojaisk: “Nos combates por Moscou desempenharam um grande papel as unidades de cavalaria que operavam sob o comando do General Major Dovator. Tem especial interesse a operação realizada contra a 78.^a divisão de infantaria alemã em retirada. Antes da ofensiva contra Moscou, nas operações em direção a Istra, a agrupação norte do inimigo penetrou consideravelmente nas defesas soviéticas, que as unidades atacavam pelo sul. Um dos lados da cunha se orientava para a linha das cidades de Istra e Mojaisk. Graças a esta estrutura da frente de Istra, a agrupação alemã ameaçava as unidades soviéticas em direção do Mojaisk. No flanco direito a ameaça era verdadeiramente extraordinária. A força dos golpes alemães contra o dito flanco cresceu consideravelmente, quando as unidades do Exército Vermelho passaram, nesse setor da frente, da de-

693

fensiva à ofensiva e começaram a castigar os alemães. As colunas inimigas não só se retiravam pelos caminhos que conduziram a oeste, como também utilizavam todos os caminhos que as levavam a suas comunicações fundamentais. Estas colunas constituíam magnífico objetivo para os ataques das tropas soviéticas e sobretudo para os golpes de surpresa da cavalaria. Utilizando a vantajosa situação da frente, nas direções de Istra e Mojaisk, as unidades de cavalaria, comandadas por Dovator, iniciaram a ofensiva para noroeste, na primeira metade de dezembro. A região a que se dirigiram as unidades soviéticas de cavalaria, nos dispositivo do inimigo, permitia inclusive se o avanço era pequeno, sair na rodovia e cortar a oeste o caminho de retirada dos alemães. Todo o sistema de defesa do inimigo estava com a frente para Este. Os alemães não esperavam qualquer golpe nestas direções. O ataque fulminante das unidades de cavalaria, pelo sul e pelo oeste, foi inesperado para o inimigo. Entre os documentos do Estado Maior, caídos em mãos dos combatentes russos, encontra-se uma ordem do chefe da 78.^a divisão alemã, na qual diz que suas unidades de cavalaria, pelo sul e pelo oeste, foi inesperado e que do sul encontra-se sobre os golpes da cavalaria, reforçada com tanques ligeiros e médios. Em vista disso, concluiu que era impossível avançar mais para o oeste e tomou a deliberação de dirigir-se para o norte, afim de tentar escapar ao cerco e ao mesmo tempo alcançar o caminho que conduz ao Oeste. As unidades de cavalaria continuaram desenvolvendo sua ofensiva saindo em um caminho paralelo um pouco mais a oeste que a direção pela qual se retiravam os alemães. Travaram-se então combates isolados por diversos povoados e aldeias. A resistência inimiga foi especialmente tenaz nas aldeias de Denisij e Ordov. Todas as aldeias em cujas cercanias feriram-se duros combates estão situadas no caminho para o oeste de retirada da 78.^a divisão alemã. O lugar era apropriado para proteger a retirada das colunas alemãs. Desde Gordov, que está situada na altura, o inimigo cobria o caminho para noroeste. Conservando Denisij, os alemães se esforçaram para não deixar cair a rodovia Istra-Ruza. Contudo o inimigo não pôde conter o ímpeto das unidades da cavalaria e viu-se obrigado a abandonar várias aldeias. Com a conquista de Gordov as unidades de cavalaria abriram caminho para avançar pela retaguarda alemã para atacar do oeste as colunas em retirada. Foi observada uma destas colunas no caminho Saponick-Iagorie-Timonino. A infantaria alemã, a artilharia e os caminhões se aglomeravam em todo o caminho ao longo de 6 quilômetros. As unidades comandadas pelo General Dovator, em colaboração com os tanquistas atacaram a coluna. Os tanques assestaram seu

golpe contra o centro e a coluna inimiga foi dividida em duas partes. Os ginetes atacaram-lhe simultaneamente a cauda e a cabeça. Os alemães abandonando no caminho todo o seu material, jogando fora até as armas pessoais, deitaram-se a correr para o Oeste. A maioria dos soldados alemães foi aniquilada. Quando os ginetes se lançaram ao ataque, os soldados alemães gritavam: "Estamos liquidados!" "Aí vêm os cossacos de Dovator!" Todos os dados atestam que a agressão à coluna inimiga não foi de todo inesperada. A razão da vitória não repousou somente no fator surpresa. O feliz resultado adveio do ataque fulminante da cavalaria em combinação com os tanques. No caso em apreço a coluna inimiga marchava para noroeste e pelo Leste ataca a infantaria soviética. Por conseguinte, a perseguição paralela e o golpe vindo do Oeste puseram em evidência a visão acertada do Alto Comando Russo. A operação em seu conjunto patenteou o enorme papel que a cavalaria desempenhou em etapas decisivas da guerra moderna. A experiência militar está ensinando:

- 1 — que longe de desaparecer com a moto-mecanização dos exércitos, cabe à cavalaria uma função importantíssima na guerra moderna, à qual se adapta; e
- 2 — que, em virtude de sua mobilidade e armamento, ela é tão forte na defesa como no ataque, podendo aferrar-se ao terreno e entricheirar-se; montada, ela conduz ataques devastadores.

UNICAS DE SUPREMOS EFEITOS CONTRA TIFO

Filtros de goteira

Filtros de pressão

Bebedouros e fontes

Esterilizantes para

Colegios,

Hospitais, etc.



Em todos os tamanhos

Ação da prata

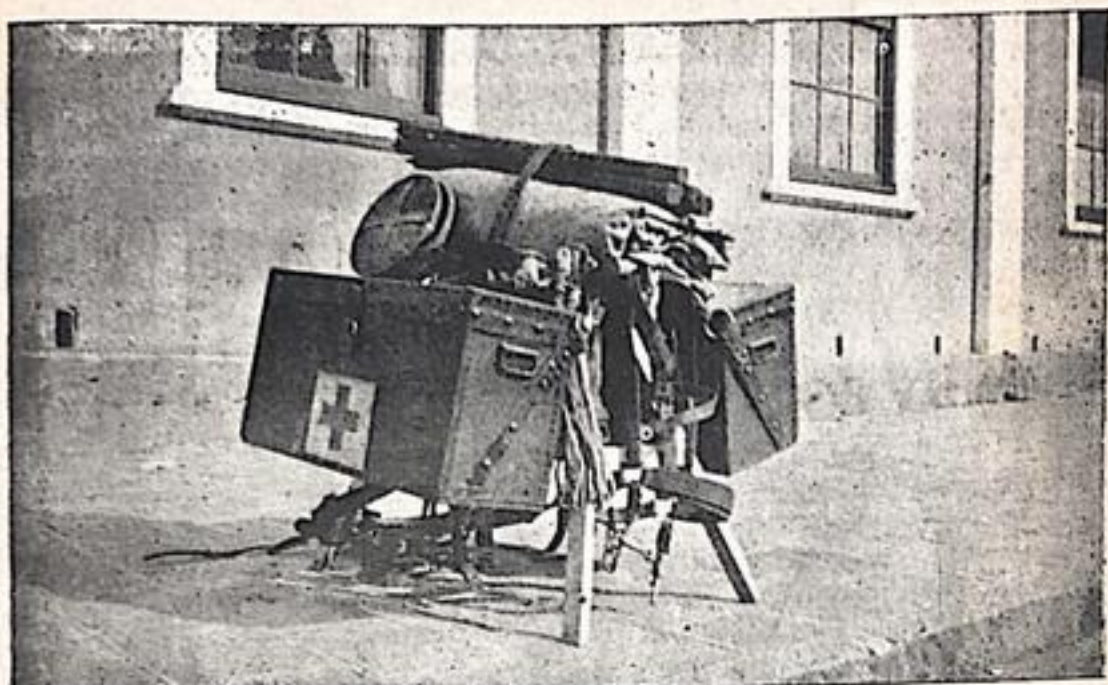
Aprovados e usados

Fara todos os filtros

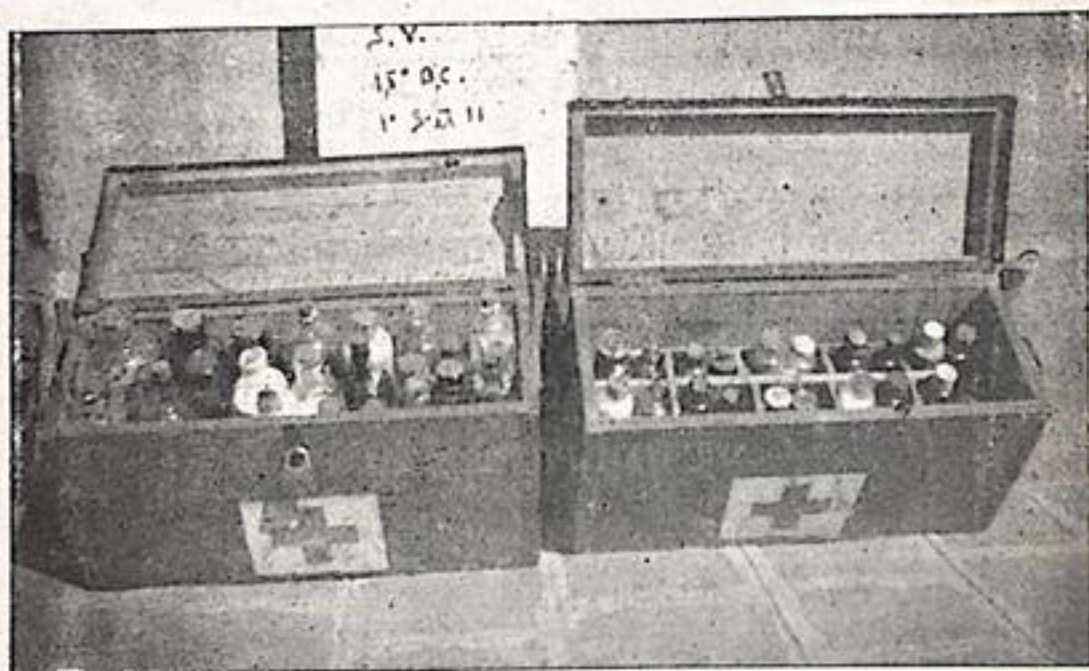
Incorporada

pelo Inst. OSWALDO CRUZ

FABRICA RUA FIGUEIRA, 237 - RIO



Caixas de condução de material veterinário montadas num Cavalete, a Secção Material, da 2.ª Divisão solicita sugestão dos camaradas das F. V. dos Grupos de Tropa.



Caixa de condução de medicamentos, tipo pequena canastra ora em estudos na Secção Material da 2.ª Divisão da Sub-D. S. R. V.

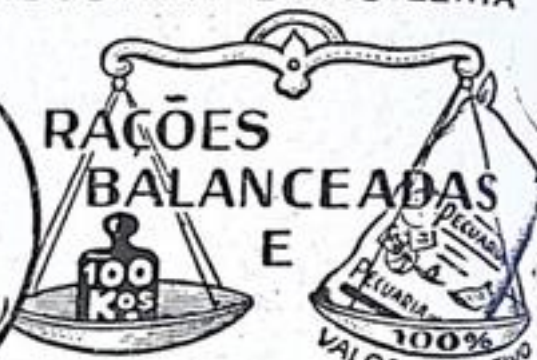
ALIMENTEM SEUS ANIMAIS COM AS FORRAGENS



PRO-PECUÁRIA

MARCA REGISTR.

INDUSTRIA BRASILEIRA



CONCENTRADAS

PEÇAM PROSPETOS E INFORMAÇÕES, LISTA DE PREÇOS E MODO DE USAR AS FORRAGENS, BEM COMO A VISITA, DO NOSSO TÉCNICO AOS UNICOS FABRICANTES

INDÚSTRIA DE FORRAGENS EQUILIBRADAS LTDA.

CAIXA POSTAL, 211-A

SÃO PAULO:

RUA LIBERO BADARÓ, 73 5.º andar — Salas, 11 a 17

Fones: 3-6552 - 3-5894

FILIAL:

RUA PAULA SOUZA, 290 — Tel.: 4-3022

Fábrica: (ÁGUA BRANCA) — RUA DO CORTUME, 195

Fone: 5-0211

EM PROL DA CRIAÇÃO DE EQUINOS

JOSE' PACHECO

1.º Ten. Vet. da C. N. S.

A Sub Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, por seus órgãos de execução, as COUDELARIAS e DEPÓSITOS DE REPRODUTORES, tem, entre outras, a nobre missão do reerguimento do rebanho equino NACIONAL.

Como sabemos a defesa de nossa grande PÁTRIA depende de muitos fatores, destes, o principal é o patriotismo de seus filhos. Entretanto patriotismo de palavras não é suficiente, necessário se torna cooperar com o Governo na obtenção dos meios de defesa que a NAÇÃO precisa. Entre estes meios de defesa está o CAVALO que no momento, apesar dos motores, presta, e prestará sempre, inestimáveis serviços na guerra, já conduzindo em seu dorso os nossos patrícios que lutarão defendendo este sagrado Torrão, já levando às posições de tiro as baterias que deterão o invasor, si a tanto o levar sua demência, ainda transportando, na retaguarda, viveres para abastecimento dos Exércitos.

Si uma longa paz, que todos almejávamos, continuasse, o Exército precisaria de cavalos para o preparo de nossos soldados, o colono precisará sempre de cavalos para o cultivo de nosso solo e enriquecimento de nossa Pátria. São necessários cavalos para o transporte dos produtos até as grandes vias de comunicação, vós mesmos, ruralistas brasileiros, precisais de cavalos para vosso transporte e para o custeio de vossa propriedade.

Como vemos há sempre, na guerra como na paz, em-

prego para este nobre e dedicado companheiro do homem — o CAVALO.

Agora que o inimigo nos veio provocar de modo insólito, que nosso patriotismo latente germinou, que a NAÇÃO inteira se levanta transbordante de desejos de vingança, ninguém ficará indiferente, e todos procuram um meio de bem servir à PÁTRIA. Uma das maneiras pela qual todos, sem distinção de sexo, idade e saúde deverão concorrer para a nossa inevitável VITÓRIA, é produzir, sobre tudo cavalos. Para os que não têm idade ou não têm saúde suficiente para o serviço ativo do Exército, será tão nobilitante concorrer para a VITÓRIA produzindo, como oferecer, no campo de luta, a vida em holocausto à PÁTRIA.

Com a criação de cavalos não haverá economicamente possibilidade de prejuizos pela terminação rápida da guerra. Quanto mais cedo vencermos, tanto melhor. Os cavalos que destinavamos ao emprêgo na guerra serão utilizados na reconstrução do mundo, na produção agrícola intensiva, para mitigar a fome dos povos oprimidos pelos totalitários.

Não queremos de modo nenhum interferir nos negócios de quem quer que seja, mas lembramos que a criação exclusiva de bovinos poderá trazer dolorosas consequências financeiras para os criadores, e, conseqüentemente para o País cuja economia é reflexo da economia particular. E' bem recente o colapso que houve na economia rural do Rio G. do Sul pela desvalorização do gado bovino. Devemos prevenir um novo colapso de após guerra. Não haverá, é claro, falta de mercado para carne por uns 8 anos depois de terminada a guerra; isto porque os campos estarão despovoados, tanto é assim, que a Alta Administração do País já limitou a matança de vacas, como medida acauteladora dos interesses dos criadores que facilmente se entusiasmariam com os preços altos do gado, e seriam arrastados, pelo imediatismo econômico, a grandes prejuizos futuros. A futura superprodução de carne e conseqüente falta de mercado, poderá ser diminuída si os criadores se interessarem também pela criação de equinos, deixando de criar exclusivamente bovinos, como fazem alguns de nossos fazendeiros.

Contamos como certo que o esclarecido espirito e patriotismo de nossos ruralistas os levarão espontaneamente a cooperar com a Sub Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária nesta obra patriótica em que está empenhada e que consiste em difundir a criação de *bons cavalos*. Colaborando com a S. D. S. R. V. criando cavalos, a fazendeiro, além de cumprir suas obrigações para com a Pátria, prestará auxílio aos criadores menos inteligentes, que persistam em criar só bovinos. Quando faltarem os mercados para a carne, a superprodução será menor.

As Coudelarias e Depósitos de Reprodutores tem gara-

LABORATORIO

PAULISTA

DE BIOLOGIA

RUA SÃO LUIZ N.º 161

SÃO PAULO — BRASIL

ANTI-ESTAFILOCOCCICO POLIVALENTE: Em ampolas de 10 cc.

ANTI-ESTREPTOCOCCICA POLIVALENTE: Em ampolas de 10 cc.
ANTI-GANGRENOSO: Para o tratamento curativo e

preventivo das infecções gangrenosas — Ampolas de 10 cc.

NORMAL DE CAVALO: Em ampolas de 10 cc.

ANTI-PNEUMOCÓCICA: Ampolas de 10 cc.

ANTI-TETANICO: De 1.500 — 2.000 — 3.000 — 4.000 — 5.000 e 10.000 U. I.

VACINA CONTRA O CARBUNCULO SINTOMÁTICO:
(Peste de Manqueira — Caixa com 50 doses e 100 doses.

Manual do Ferrador

Quando o casco e a quartela não estão mais no mesmo eixo, o eixo falangeano aparece quebrado na articulação da corôa; estando a quartela muito oblíqua, e a linha da pinça, ao contrário, mais reta temos, o pé de burro (fig. 48), que se caracteriza, aliás, por sua estreiteza, e é o pé "pinçante", que geralmente é um defeito congênito.

No defeito precedente exagerado, ou em que o casco está muito reto, e a própria quartela direita, os talões crescem mais que a pinça; isto constitui um defeito que estudaremos mais tarde sob o nome de pé topinho, pé aguado. Os defeitos de aprumo transversal em que as linhas do eixo da quartela e do casco não mais estão em prolongamento uma da outra, em direção vertical, e em que ambos os lados do casco, se bem que desiguais, em comprimento, têm a mesma altura, dão-nos os pés zambos e os pés cambaios.

APRUMO AO LEVANTAR

Por muito tempo, na técnica da ferração, julgava-se o aprumo de um pé ao levantar segundo o plano mediano da canela; *em todos os casos* a superfície plantar devia estar perpendicular a este aprumo. Havia nisso um processo irracional e que não tinha valor a não ser enquanto o membro não estivesse vertical.

Assim têm-se hoje o costume de tomar como ponto de referência da linha transversal tangente aos talões.

1.º O pé levantado é de aprumo (fig. 49): quando o gasto ou o apagar racional poz os talões no mesmo plano; a linha transversal passando pela extremidade destes talões está, então, perpendicular ao eixo do casco (lacuna mediana ou ranilha).

2.º O pé não é de aprumo (fig. 50) quando esta linha transversal não está perpendicular ao eixo do casco. Ela obliqua ou se aparta da lacuna mediana em direção do talão mais baixo.

DESCRIÇÃO DA FERRADURA

A ferradura é uma palmilha de ferro, ou uma barra de ferro achatada, a que se dá a forma do pé.

Divide-se em duas partes laterais: uma externa e outra interna, denominadas ramos. A região mediana chama-se pinça. Cada ramo compreende as regiões da pinça, ombro, quarto e tacão, correspondentes às mesmas regiões do casco. O tacão é a extremidade de cada ramo correspondente ao talão do casco.

A ferradura apresenta:

— Duas faces: uma superior em contacto com o casco, outra inferior, que se apoia no solo;

— Dois bordos: externo e interno. Denomina-se abobada a parte central do bordo interno;

— A espessura, compreendida entre ambas as faces;

— O corpo ou cobertura: largura dos ramos, ferradura entre ambos os bordos. Diz-se a ferradura descoberta ou coberta consoante seja estreita ou larga.

— Guarda-casco: pequena lingueta de ferro levantada ou estendida na pinça, às vezes no ombro e mesmo no quarto para consolidar a ferradura;

— Rompões: dobras de ferradura feita nos tacões em ângulo reto;

— Finalmente, perfil da ferradura: a figura geométrica dada pelo corte da ferradura, perpendicular ao eixo dos ramos.

DIFERENÇA ENTRE AS METADES DA FERRADURA

O contorno dos ramos varia com a curva do contorno plantar; o ramo externo é, em geral, mais arredondado do que o interno. A muralha sendo mais espessa e mais obliqua do lado externo, as craveiras são um pouco mais centrais neste ramo que no interno. O ramo externo possui, geralmente, a mesma largura que o interno, salvo na ferradura trazeira, em que ele é um pouco mais coberto contra o gasto.



Fig. 51
Pé de pinça comprida ou
obliqua



Fig. 52
Pé de pinça curta ou
direita e de talões altos



Fig. 53 — Pé torto



Fig. 54 — Pé pinçante

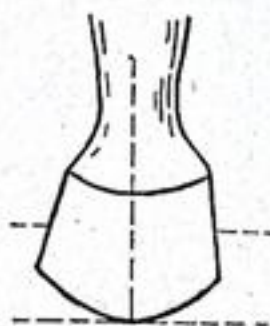


Fig. 55 — Pé direito

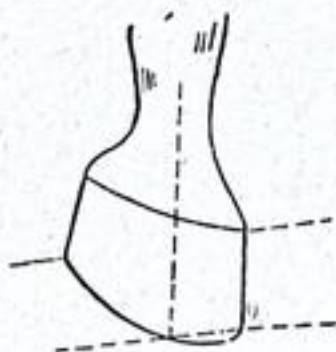


Fig. 56 — Pé direito
Zambalo por torção



Fig. 57 — Pé obliquo zambro (pinça para fóra)

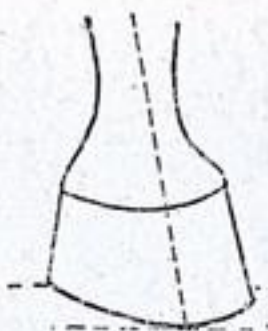


Fig. 58 — Pé obliquo cambaio (pinça para dentro)

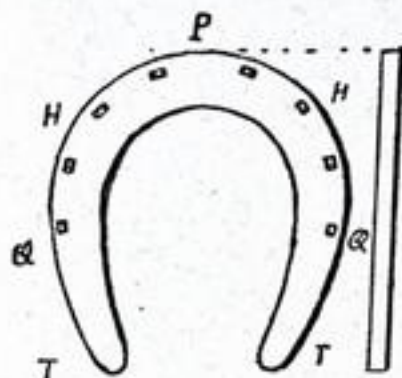


Fig. 67 — Ferradura anterior ordinária. P — Pinça; Q — Quarto; H — Hombro; T — Taçaõ.

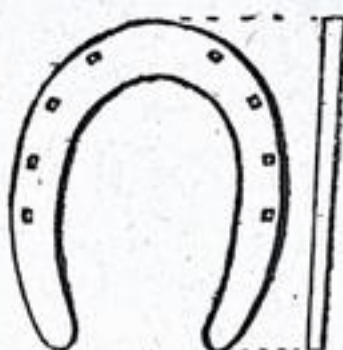


Fig. 68 — Ferradura posterior ordinária.

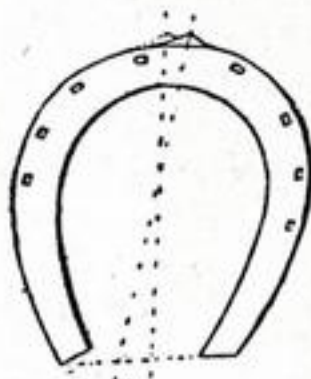


Fig. 69 — Ferradura pendente.

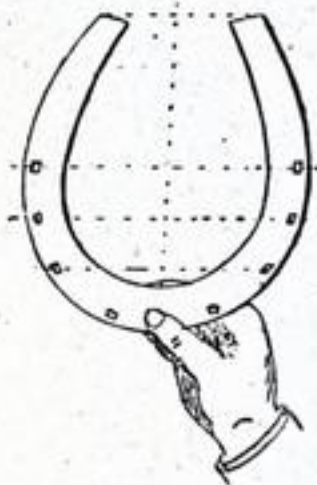


Fig. 70 — Ferradura vista do lado das craveiras.

DIFERENÇA ENTRE A FERRADURA ANTERIOR
E A POSTERIOR

A ferradura deanteira é arredondada e a trazeira oval. A pinça da ferradura deanteira é larga e apagada ou quasi reta; a da ferradura posterior mais estreita e mais saliente.

Os ombros e a parte anterior dos quartos são arredondados na ferradura deanteira, e mais ou menos retos, isto é, ligeiramente curvos, na trazeira.

A parte posterior dos quartos é mais curva na ferradura trazeira que na deanteira.

A ferradura trazeira é mais coberta e mais espessa na pinça que a deanteira. Está cravada nos ramos; as duas craveiras da pinça são mais espaçadas entre si do que na ferradura deanteira.

O guarda-casco da ferradura trazeira é mais forte, isto é, mais largo. A ferradura trazeira não possui justura.

MODO DE JULGAR A FERRADURA

Afim de julgar da qualidade, fabricação e defeitos de uma ferradura não ajustada, é necessário examiná-la:

I—Na face inferior;

II—Na horizontal;

III—Na face superior;

IV—E confrontá-la com a ferradura simétrica que deve ser ajustada, irmanada ou aparelhada, em vista da ferração.

I—Para examinar a *face inferior*, isto é, do lado das craveiras, coloca-se o polegar alongado entre ambas as craveiras da pinça, com estas voltadas para o examinador:

Examinam-se sucessivamente:

a) o contorno;

b) o comprimento dos ramos;

c) o corpo ou cobertura;

d) as craveiras.

1.º *Contorno* — A ferradura deanteira deve ter uma forma ou um contorno arredondado em seu conjunto e simétrico em cada ramo, em relação ao eixo da ferradura; todavia, o ramo interno deve estar mais direito que o externo, a pinça mui ligeiramente arredondada, antes reta que saliente, e os ombros bem arredondados, não apagados. Este contorno é necessariamente modificavel de acordo com a conformação do pé.

2.º *Comprimento* — O comprimento dos ramos deve ser aparentemente igual, se bem que os tacões não estejam ainda retificados.



Fig. 71 — Ferradura, vista paralelamente na horizontal ou vertical.

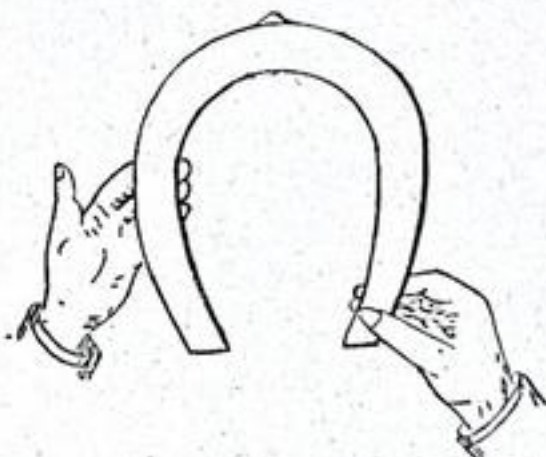
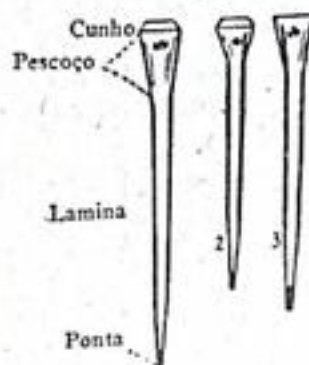


Fig. 72 — Uma ferradura antes de furada as craveiras.



Figs. 73, 74 e 75 — Cravos de ferrador
 1 — Cravo de pescoço comprido
 2 — Cravo de pescoço curto
 3 — Cravo inglês.



Fig. 76 — Canto para ensaio dos cravos.

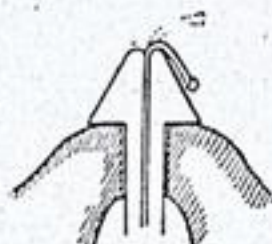


Fig. 77 — Dobradura do cravo.

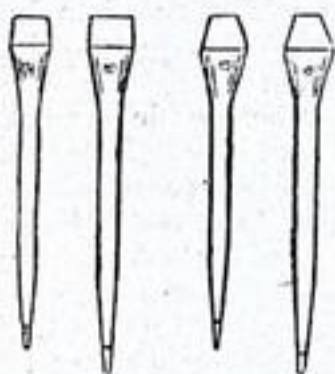


Fig. 78 — Cravos para neve.

Fig. 79 — Cravos para gelo.

O ramo interno um pouco menos curvo que o externo tem um comprimento real menor, mas a linha dos tacões deve estar perpendicular ao eixo da ferradura ou por outra a ferradura assentada nos seus tacões mantem-se vertical.

3.º *Largura* — O corpo ou cobertura da ferradura deanteira deve ser igual em cada ramo e decrescer da pinça para os tacões de dois milímetros, pelo menos.

4.º *Craveiras* — As craveiras são examinadas sob o ponto de vista da sua situação e fabricação. São em número par e devem ser igualmente repartidas entre si, na metade ou nos dois terços anteriores da ferradura; as da pinça, porem, devem estar separadas por um intervalo um pouco maior.

As linhas transversais unindo as craveiras da pinça, dos ombros e quartos devem ser paralelas entre si e perpendiculares ao eixo da ferradura.

As craveiras da pinça devem ficar a igual distância da linha mediana da ferradura. Quando uma delas se aproxima mais desta linha, diz-se que a ferradura é pendente ou suspensa, porque, se a suspendermos exatamente entre as duas craveiras, veremos que ela pende mais para um lado do que para o outro (fig. 69).

Todas as craveiras devem ser paralelas à beira externa da ferradura; todas as do ramo externo, mais centrais e as do interno mais abeiradas.

Finalmente, elas estão bem feitas quando são regulares de forma, de dimensões nítidas, de aprumo e furadas

II — *Na horizontal*: vista horizontalmente, a ferradura deanteira está boa quando tem seus ramos no mesmo plano e a mesma espessura da pinça ao tacho, quer no ramo de fora, quer no de dentro.

Quando está bigornada de aprumo, isto é, quando as ribas são perpendiculares às faces.

Quando está bem soldada em todas as partes e não apresenta vertigios de rachadura ou queimadura.

III — *Em sua face superior* — A ferradura não ajustada deve apresentar uma face batida de cheio e bem regular, como a face inferior; as contra-craveiras cavadas, aparentes e em uma linha só para cada ramo, centrais no ramo externo e abeiradas no ramo interno e na pinça.

Quando está bem soldada em todas as partes e não apresenta vestigios de rachadura ou queimadura.

III — *Em sua face superior* — A ferradura não ajustada deve apresentar uma face batida de cheio e bem regular, como a face inferior; as contra-craveiras cavadas, aparentes e em uma linha só para cada ramo, centrais no ramo externo e abeiradas no ramo interno e na pinça.

IV — *Por confronto, comparação ou juxtaposição* —

As ferraduras formam par e por isso devem cobrir-se exatamente e se desenrolar uma sobre a outra pelos bordos externos, marcando a simetria de suas craveiras e comprimento de seus ramos.

CRAVOS DE FERRAR

O cravo de ferrar apresenta digno de nota:

- a cabeça;
- o pescoço;
- a lâmina;
- a ponta.

A cabeça é geralmente descrita como formada de duas pirâmides quadrangulares adaptadas pela base, mas sob o ponto de vista prático, na linguagem comercial, a pirâmide inferior constitui o pescoço do cravo, e corresponde em regra à espessura da ferradura.

Os cravos são vendidos com a denominação de cravos de pescoço comprido, de pescoço meio comprido, de pescoço curto, de cabeça grossa.

O cunho e a faceta superior da cabeça do cravo é perpendicular à lâmina.

A lâmina continua o pescoço por meio de transição mais ou menos nítida. A alguns milímetros da ponta há um espessamento denominado *grão de cevada*. O grão de cevada adelgaça-se até à ponta em bisel que constitui a amoladura. A lâmina é retilínea, de superfícies lisas, uma plana e outra ligeiramente côncava e de arestas embotadas esta superfície côncava deve corresponder à face interna do casco, as duas devem ser regulares em todo seu comprimento até o grão de cevada, onde se engrossam.

Condições que os cravos devem preencher. Ensaio e verificações — Em dois cravos retirados de cada pacote e por acaso apanhados, verifica-se o comprimento total assim como as dimensões das cabeças e do terço superior da lâmina.

E' necessário que a amoladura seja regular e que a ponta esteja no plano de simetria do cravo.

Cada um destes cravos sofrerá uma prova de dobramento.

Para este efeito dobra-se a lâmina no meio (no ponto provável em que se faz o seu rebite) de modo que ambas as suas partes façam, entre si, um ângulo de 30 graus; repete-se seis vezes esta operação, alternativamente numa e noutra direção, sem que a lâmina se quebre (fig. 77). Esta prova será feita apertando o cravo entre dois cantos, cujos bordos superiores apresentem um arredondamento de quatro milímetros de raio, de modo que a lâmina do cravo experimente em cada dobradura esta mesma curvatura. Cada



Fig. 81 — Graves no
seu lugar e rebitados.



Fig. 82

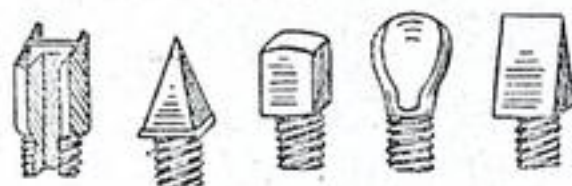


Fig. 83 — Rompões com rosca



Fig. 84

cravo assim ensaiado é em seguida posto num torninho na junção da lâmina e da cabeça; esta deverá poder achatar-se da metade de sua altura, por meio de marteladas no cunho, sem se separar da lâmina. Outros cravos tirados de antemão, em número de dois por caixa de cinco quilos, serão empregados para ferrar um certo número de cavalos, afim de se saber o modo porque se comportam nas operações de pregar e rebitar. Os 9/10 dos cravos, pelo menos, deverão satisfazer às verificações e provas indicadas acima.

CRAVO INGLÊS

É um prego reto, diferente do cravo francês pela forma da cabeça, que é menos massiça, achatada de um para outro lado, plano no seu cume, e representa uma pirâmide retangular afim de se corresponder com o entalho da ferradura e com as craveiras inglesas. A lâmina é semelhante à do cravo francês, porem, relativamente mais curta (fig. 75). Estes cravos, geralmente, vendem-se aos milhares; os franceses a quilo.

CRAVOS DE CABEÇA CHATA; CRAVO PARA NEVE E PARA GELO; CRAVO DELPERIER

Os cravos de cabeça chata são utilizados nas revistas quotidianas de ferragem, durante as marchas e as manobras para a consolidação das ferraduras usadas, até que sejam renovadas. Permitem prolongar a duração da ferradura, assentá-la novamente, ao menos pelo espaço de 24 a 48 horas.

Mas importa que o seu emprego seja apenas temporário; sua mudança quotidiana, sucessiva, seria sem proveito e deterioraria rapidamente a parede do casco.

Na Europa, e de modo geral em todos os países onde faz frio, onde o inverno é rigoroso, onde gela e onde cai neve, empregam-se, para remediar as consequências que disto decorrem, cravos de cabeça quadrada para neve, e de cabeça cortante para gelo. Não é aconselhavel seu uso repetido porque a lâmina é grossa, deteriora a cornea e faz rachar a parede do casco. Assim, é mais simples e mais pratico empregar cravos rebitados de Delperier. Estes estão alojados em craveiras suplementares, obliquas exteriormente, e ficam dobrados por sua lâmina curta sobre a propria causa de sua simplicidade e economia geral, é empregada não só para o inverno, a neve e o gelo, mas tambem, em todas as estações, para as calçadas escorregadiças das cidades. Permite, não só ao ferrador, mas tambem ao ca-

valeriano e ao condutor, pôr instantaneamente rompões, e esta operação é tão econômica quanto rápida. O cravo Delperier para gelo compõe-se de uma cabeça; de um pescoço e de uma lâmina. A cabeça é cúbica; esta forma dá ao rompão mais durabilidade e mais eficácia que a forma em ponta. Pode ser recortada de sorte a aumentar um tanto esta durabilidade e esta eficácia, favorecendo a penetração no solo ou a aderência a este.

A altura da cabeça do rompão é igual ao comprimento do pescoço, razão porque o rompão faz debaixo da ferradura uma saliência igual à espessura da mesma.

A experiência demonstrou que esse grau de saliência é suficiente para cobrir o gasto de um dia de trabalho.

Nas grandes cidades, a intensidade da circulação torna escorregadiças quasi em qualquer tempo as calçadas duras e lisas.

E' pois importante, em qualquer estação, acostumar os cavalos a andar nelas com ferraduras de rompões.

A ferradura Delperier faculta este resultado por meio do emprego de duas variedades de rompões, que podem ser substituídos mutuamente, consoante as exigências do solo (fig. 81).

As ferraduras de rompões pouco salientes consiste na aplicação de um rompão em cada tacão da ferradura.

A variedade de forma que convem é a do cravo de cabeça chata recortada.

Antes do cravo Delperier empregava-se e podia-se ainda empregar hoje o cravo de tacões, que outra cousa não é senão um cravo ordinário para gelo, de meia lâmina, e de pescoço comprido e forte, que entra numa craveira estreita, furada por fora e contra-cavada mais por fora ainda, e rebatida sobre a ferradura.

INDÍCIOS PELOS QUAIS SE RECONHECE QUE UM CAVALO TEM NECESSIDADE DE SER FERRADO DE NOVO

Reconhece-se que um cavalo tem necessidade de ser ferrado de novo pelos sinais seguintes:

1.º, no pousar. O pé está exageradamente comprido em toda sua altura ou somente na pinça, no talão ou no quarto. Há, no entanto, pés que crescem pouco no intervalo de duas ferrações; são exceções; na maioria dos casos é a pinça que apresenta um comprimento anormal;

2.º, o eixo falangeano está quebrado ao nível da corôa

3.º, a ferradura está gasta;

4.º, a cabeça dos pregos está usada, enterrada, metida nas craveiras;

5.º, a sola está cascuda (salvo exceção);

6.º, as barras estão mais ou menos salientes;

7.º, as lacunas se estão fechando, a ponta da ranilha se desviou, seu corpo tomou volume, seus ramos apresentam fragmentos de cornea que tendem a se destacar ou se estendem sobre as lacunas.

Instituto Vital Brazil

AV. SETE DE SETEMBRO N.º 314

C. Postal, 28

NITERÓI, Estado do Rio

NO COMBATE DAS DOENÇAS DE
VOSSOS ANIMAIS EMPREGAI
PRODUTOS DE RECONHECIDA
EFICIENCIA

SOROS CONTRA

PESTE SUINA (BATEDEIRA)
CARBÚNCULOS HEMÁTICO E
SINTOMÁTICO
ADENITE EQUINA
(GARROFILHO)
FEBRE AFTOSA
CYNOMOSE ("ESGANA",
"DYSTEMPER")
PASTEURELOSES.

E. t. c.

VACINAS

CÓLERA DAS AVES,
VARÍOLA " "
FEBRE AFTOSA.
CARBÚNCULOS HEMÁTICO E
SINTOMÁTICO

Agências em todos os Estados — RIO · Rua do Carmo, 66 — SÃO PAULO
Av. Luiz Antonio, 6 — BELO HORIZONTE · Av. Afo. Pena N. 1.500

SOLICITE O "INDICADOR VETERINÁRIO" N.º 4, de 1941

HOTEL AVENIDA

CAPACIDADE PARA 500 HOSPEDES

☐ mais central

☐ mais comodo

☐ mais economico

Agua corrente e telefone em todos os quartos

Diaria por pessoa de 35\$ á 45\$.

Diaria para casal de 60\$ e 70\$.

Com banheiro para casal 80\$ e 90\$.

END. TELEG. "AVENIDA" TELEF. 22-9800

AVENIDA RIO BRANCO, 152/162

Rio de Janeiro

TEMOS O GRATO PRAZER DE REGISTRAR OS SEGUIN-
TES NOMES DE NOSSOS ASSINANTES, PARA 1942
DE NOSSA PUBLICAÇÃO

OFICIAIS

- Gen. Divisão José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque —
I.AC. — Rio.
- 1 Ten. Sebastião Marcondes da Silva.
 - 2 Major Alfredo João da Nobrega Filho.
 - 3 Cap. Cleoncio Fernandes — Porto Alegre.
 - 4 1.º Ten. Joaquim Serrado Junior.
 - 5 Ten. Pedro Porto Carreiro Ramires — 4.º R.I. — São Paulo.
 - 6 Laerto Barreto — Rua Ruy Barbosa 618 — Campo Grande — Mato Grosso.
 - 7 Ten. José Vaz Curvo Filho — 18 B.C. — Campo Grande — Mato Grosso.
 - 8 Ten. Nelson Leite de Figueiredo — 18 B.C. — Campo Grande — Mato Grosso.
 - 9 Cap. Alirio Souza — Bagé.
 - 10 Ten. Luis França Junior — 8.º R. I. — Cruz Alta — Rio Grande do Sul.
 - 11 Ten. Nelson de Oliveira Coelho — Reg. Andrade Neves — Nesta Capital.
 - 12 Cabo Enfermeiro Vet. Cecilio do Vale — 14 B.C. — Florianópolis — Sta. Catarina.
 - 13 Ca. Fermiano Pires Camargo — Q. G. da 2.ª R. M. — S. Paulo.
 - 14 Ten. Leocadio do Rego Chaves — Q. G. da 2.ª R. M.
 - 15 Ten. Carlos Cuoca — Rua Domingos de Moraes, 70 — São Paulo.
 - 16 Ten. Bolivar Vanderley Nobrega — 23 B.C. — Fortaleza — Ceará.

- 17 1.º Ten. Vet. Teodorico de Moura Costa — 1.º R.C.I. — Quarai — R. G. Sul.
- 18 Aluno do C.P.O.R. Gastão Salazar Pessoa Junior — Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - 8.º Andar — S. Paulo.
- 19 Major Dr. Rafael Zubarán — Chefe do S.V. da 6.ª R.M.
- 20 1.º Ten. Nelson Lagrotta — 2.º R.C.I. — S. Borja — R. G. Sul.
- 21 Cap. Dr. Alipio de Castilho — Escola de Armas — Vila Militar.
- 22 Ten. Paulo Morais — Q.G. da 5.º R.M.
- 23 Dr. Alvaro Sisyphe Correa — Diretor da Fazenda do Governo do E. do Piauí.
- 24 Dr. Paul Duflos — Rua Conde de Leopoldina, 787 — N. Capital (Ass. Cooperação).
- 25 Dr. Pedro Pereira de Camargo — Presidente da Associação Rural de S. Luiz Gonzaga — R. G. do Sul.
- 26 Dr. Jaime Ferreira de Brito — Rua Afonso Pena, 291 — S. Luiz — Maranhão.
- 27 M. Hamers — Rua Araujo Porto Alegre, 70 — 12.º Andar — N. Capital.
- 28 Dr. João Henrique — Diretoria de Fomento de Produção — J. Pessoa — Paraíba.
- 29 Diretoria de Publicidade Agrícola — Rua Anchieta, 40 - 7.º Andar — S. Paulo.
- 30 Prefeito Municipal de S. Francisco — Ceará.
- 31 Schering Produtos Chimicos e Farmaceuticos S/A — Rua Moraes e Silva, 43 — S. Cristóvão.
- 32 Dr. Paulo Garcia Palma — Prefeito de Altinópolis — S. Paulo.
- 33 Joquey Clube Paranaense — Curitiba — Paraná.
- 34 Dr. Hortencio Deconts — Rua Marechal Floriano, 2434 — Curitiba — Paraná.
35. Dr. Inacio Zurita Junior — Prefeito de Araras — S. Paulo.
- 36 Dr. José Vizioli — Prefeito Municipal de Piracicaba — S. Paulo.
- 37 Produtos Evans S/A. — Rua Leandro Martins, 76 — Nesta.
- 38 Dr. Camilo G. de Souza Neves — Prefeito Municipal de Araraquara — S. Paulo.
- 39 Agrônomo Amaro Arruda e Silva — Alagoas.
- 40 Prefeito de Barreirinha — Estado do Amazonas.
- 41 Prefeito Municipal de Pedro II — Estado de Piauí.
- 42 Dr. Jorge José de Souza — Rua Bocaiuva, 52 — Florianópolis — Sta. Catarina.
- 43 Dr. Felisberto Rodrigues de Freitas — Presidente da

- Sociedade Agrícola e Pastoril de Uruguaiana —
R. G. Sul.
- 44 Dr. Antonio Gioconassi — Tesoureiro do Joquei Clube Paranaense — Curitiba — Paraná.
- 45 Prefeito Municipal de Galia — Est. de S. Paulo.
- 46 Dr. Martins Buhrer — Prefeito Municipal de Ijuí — R. G. Sul.
- 47 Carlos Bleil Filho — Livraria Selbach — Rua Marechal Floriano, 10 — Porto Alegre.
- 48 Dr. Pedro P. Mascarenhas — Prefeito Sanitário da Estancia Hidromineral e Climática de S. José dos Campos.
- 49 Empresa Promotora de Vendas — Assembléia, 39 e 41 N. Capital — (Ass. Cooperação).
- 50 Prefeito de Brotas — S. Paulo.
-
-
-

Siderurgica Rio Grandense S/A

USINA DUQUE A CAXIAS

Pela grandeza do Brasil todo Riograndense deverá ser acionista e trabalhar pela Siderurgia. Toda informação e negócio deverá ser pedida aos seus diretores:

Com o seu capital de 1.700:000\$000 distribuido entre vinte e nove acionistas dos quais quatro são seus Diretores: os Dr. Athos de Moraes Fortes, Arthur Ambros e Sr. João João Alberto Lahorgue, e Presidente o Sr. Victor Issler.

A SIDERURGIA RIOGRANDENSE S/A., que é no R. G do Sul, a única organização capacitada para a produção de ferro em grande escala, constitue, no atual momento internacional, uma fonte aparelhada a suprir o material necessário a diversos departamentos estaduais e federais, inclusive a 3.ª Região Militar, desfruta uma situação de franca prosperidade que tende a aumentar com a construção de um moderno "SIEMENS - MARTINS" destinado á fundição de aço, iniciativa que dotará o R. G. do Sul com uma fonte de enriquecimento da sua opulenta economia.

Banco Nacional De Descontos

Paga e recebe até às

5 1/2 Horas Da Tarde

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua da Alfandega, 50

DEFESA CONTRA OS ATAQUES QUIMICOS

(Continuação)

(Tradução do tenente Ernesto Silva)

Seção IV

PROTEÇÃO E EQUIPAMENTO PROTETOR

18 — CLASSIFICAÇÃO DAS MEDIDAS PROTETORAS

— A proteção contra os ataques de gases apresentam três aspectos: individual, coletivo e tático. Os dois primeiros consistem em medidas protetoras, geralmente de natureza passiva; é, principalmente, a provisão e o uso de equipamento protetor e instalações. O terceiro diz respeito ao modo de ação e condução das tropas com o fim de evitar acidentes nas operações militares. Estas formas de proteção podem ser resumidas da maneira seguinte:

a) *individual* — A proteção individual inclui não somente distribuição própria, uso e cuidado do equipamento protetor, mas também habilidade para reconhecer a presença de um agente químico particular; pelo conhecimento de seus característicos, deve usar o equipamento de tal modo que evite ser atingido;

b) *Coletivo* — A proteção coletiva é o conjunto de providências tomadas e o uso do equipamento protetor para a proteção de pessoas, animais e material. Inclue a perma-

nência de sentinelas de gases, funcionamento de abrigos à prova de gases, medidas de segurança para preservação dos animais e do equipamento e o uso e descontaminação das cobertas protetoras;

c) *Tático* — A proteção tática encerra varias atividades, tais como reconhecimento químico, avisos de gases, escolha dos caminhos para marchas e deslocamentos, locais de acantonamento e posições de combate; como dispor a tropa na proteção; planos de desenvolvimento das unidades; manobras para evitar as areas contaminadas; ação ofensiva para prevenir ou desbaratar operações químicas do inimigo.

19 — BASES PARA O RACIONAMENTO DO EQUIPAMENTO PROTETOR — Os artigos de equipamento para defesa contra os ataques químicos são feitos de conformidade com as tabelas de Racionamento Básico.

20 — MÁSCARA CONTRA GASES USADAS PELO EXÉRCITO — A máscara protege os olhos e o aparelho respiratório dos agentes químicos encontrados no campo.

a) *Modo de funcionar* — A operação que se passa na máscara é baseada na filtração do ar. O ar é atraído para a máscara quando o soldado inspira e a máscara é de tal forma construída que o ar deve passar primeiramente através de um canistrel, que contém um sistema de filtração. Este sistema compreende um filtro mecânico, que previne a entrada de fumaça ou pó, um funil de carvão e soda cáustica, o qual absorve ou neutraliza gases e vapores tóxicos irritantes. O ar, depois de purificado pela filtração é levado à cara do soldado e, após a inalação e exalação, é espulso da máscara.

b) *Tipos* — Dois tipos de máscaras são distribuídos; o manejo de ambas vai descrito abaixo:

(1) *A máscara usual* protege inteiramente contra os irritantes pulmonares, esternuatórios e lacrimejantes em concentrações provavelmente encontradas no campo. Não protege contra o monóxido de carbono e gás amoníaco e não é, por conseguinte, adequada para ser usada pelos bombeiros ou para uso em caso de acidentes industriais, onde haja gás amoníaco. Na bolsa, há o composto *anfídim*, que, com o auxilio de uma gase fina, é esfregado nos dois lados das lentes, impedindo que elas fiquem cobertas de umidade, proveniente da chuva ou dos vapores.

(2) *A máscara contra gases com diafragma* é distribuída a oficiais, graduados, telefonistas e outros, cujas obrigações o forcem a falar claramente. Esta máscara é semelhante à usual, com exceção do diafragma, que é colocado na parte da frente, imediatamente abaixo das lentes, afim de facilitar a transmissão da voz.

c) *Nomenclatura e descrição* — A máscara completa

apresenta três partes principais: a face, o tambor filtrante e a bolsa.

21 — VESTUÁRIO PROTETOR — O vestuário protetor, que é usado para proteção do corpo contra os gases do tipo mustarda, são distribuídos em tempo de guerra.

22 — ABRIGOS À PROVA DE GASES — É possível submeter extensas áreas a concentrações mortais de gases tóxicos, durante tempo que varia de alguns minutos a vários dias. As máscaras e o vestuário são proteções suficientes contra tais concentrações, mas não podem ser usados indefinidamente. As tropas que devem permanecer em áreas infectadas precisam abrigos à prova de gases, nos quais descansam, comem e dormem, assim como também para postos médicos, telefônicos, postos de observações, postos de comando e para outras atividades onde a eficiência é impedida pelo uso da máscara.

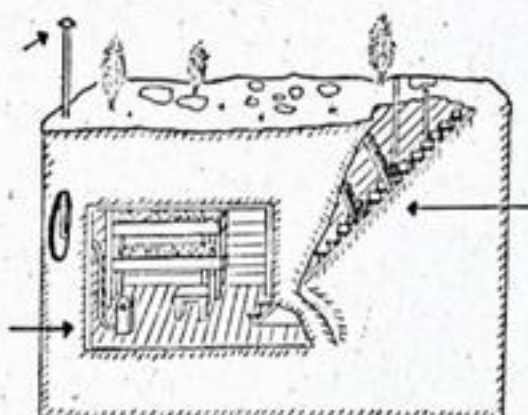


Figura n.º 1 — Modelo de um abrigo ideal.



Figura n.º 2 — Minúcia da prateleira. Vemos claramente a prateleira e o pano-coberto enrolado.

a) *Localização* — Os abrigos à prova de gases devem ser localizados de modo que sejam aproveitadas quaisquer proteções naturais às correntes de vento direto. O terreno produz grande efeito sobre os movimentos de uma nuvem de gás, especialmente com vento de velocidade lenta. Os outeiros e os vales profundos desviam o gás da direção normal do vento. Todas as vezes que for possível, os abrigos deverão ser localizados onde não se formem pesadas concentrações de gases.

b) *Princípios da construção* — É consideração importante na construção de um abrigo a eliminação de qualquer corrente de ar. Um tipo especial de entrada é empregado, o qual consiste em um sistema de portas duplas de cobertas de lã penduradas, que, quando descidas, repousam sobre armações oblíquas, sendo a armação exterior inclinada para fora e a armação interior inclinada para dentro, formando, desse modo, um espaço intermediário, onde o ar exterior não penetra. Todas as vezes que for pos-

sível, a entrada para um abrigo deve ser um "hall" ou corredor murado ou um tunel, distante alguns pés das paredes do abrigo, tanto do interior como do exterior, com as extremidades inclinadas, afim de receber as armações das portas no angulo conveniente. A armação da porta deve ser feita, de preferência, com táboas de uma polegada por seis polegadas, nos lados, e com táboas de uma polegada por quatro, na parte de cima e na parte de baixo (Veja gravura 9).

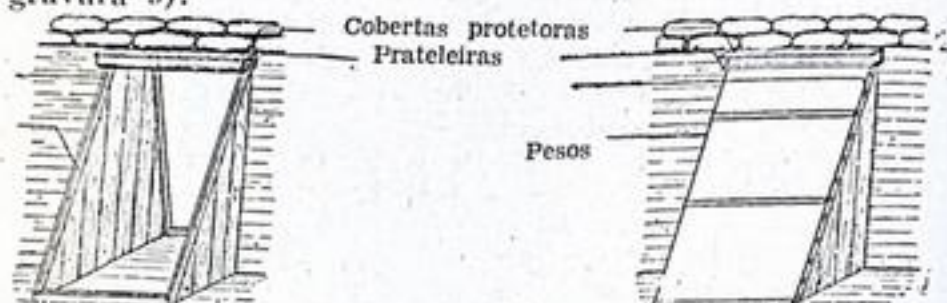


Figura n.º 3 e Figura n.º 4 — Projeto de entrada. Vemos a armação, que será coberta pelo pano-coberta.

c) *Construção das portas de cobertura* — As portas de cobertura são construídas da seguinte forma: cortamos uma cobertura de dimensão conveniente (cerca de quatro polegadas mais larga e mais comprida que a armação da porta), segurando a parte de cima à armação superior da porta. Tiras de madeira devem ser pregadas horizontalmente e

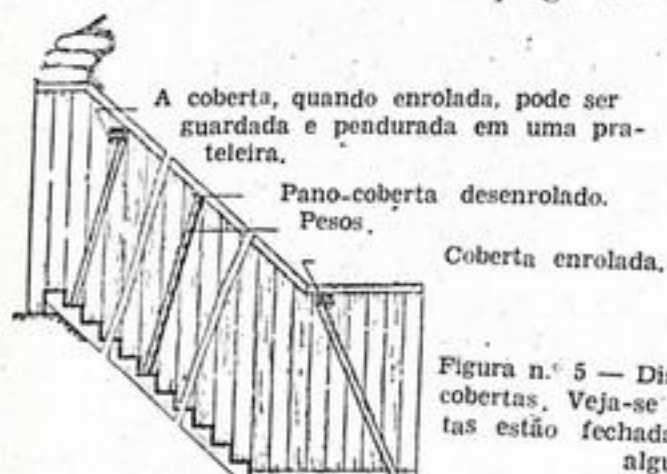


Figura n.º 5 — Disposição dos panos-cobertas. Veja-se como todas as juntas estão fechadas e não aberta alguma.

por intervalos, atravessando o interior e exterior da cobertura, para segurar em seu lugar esta última, quando for descida, e afim de conservá-la bem apertada contra a armação. As tiras de madeira devem ser cerca de duas polegadas mais curtas que a largura da abertura da armação da porta. Empregam-se pregos, porcas, ferrolhos ou outros pesos especiais com intervalos a partir da parte de

cima até em baixo, rente e por fora das bordas do pano-coberta, que cai sobre as armações da porta. Quando o pano-coberta é descido, os pesos ficam pendurados do lado da armação e puxam os lados do pano-coberta para baixo, resultando daí uma queda violenta, que conserva o pano-coberta bem apertado contra a armação e contribue para que não haja penetração de ar pela porta.

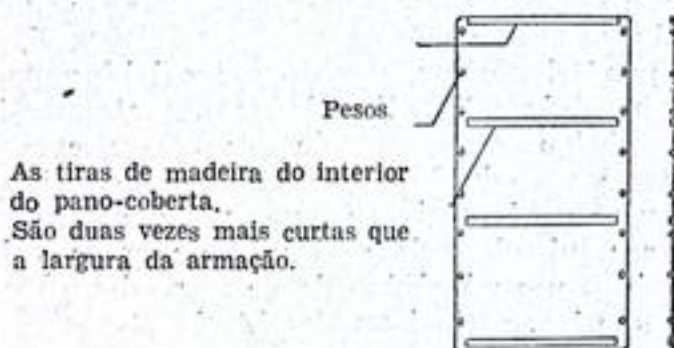


Largura exata do pano coberta da armação da entrada.

Figura n.º 6 — Galeria horizontal.

(1) *Prateleira para a porta (quando fica aberta)* — Quando não estiver em uso, a porta (o pano-coberta) deve ser enrolada e o rolo deve ser colocado numa prateleira, no alto da armação. Se necessário for, uma coberta de metal será pregada sobre a prateleira afim de proteger o pano-coberta dos efeitos do sol e da chuva.

(2) *Funcionamento do sistema da porta dupla* — Quando descidas e no seu lugar, as duas portas formam entre si um espaço impermeável ao ar exterior, resultando, daí, que impedem a entrada de gases. Para entrar pela porta exterior, puxa-se da armação um lado do pano coberta, na direção protegida contra o vento, num espaço suficiente



As tiras de madeira do interior do pano-coberta. São duas vezes mais curtas que a largura da armação.

Figura n.º 7 — Minucia do pano coberta

para permitir a entrada; a pessoa penetra, então, no espaço intermediário, impermeável ao ar de fora, e fecha a porta de fora, pela qual entrou, antes de abrir a porta interna. Quando se deixar o abrigo, faz-se a mesma operação inversamente.

(3) *Distância conveniente entre as portas* — Quando a entrada para o abrigo é uma simples passagem horizontal, colocamos as portas a uma distância média de seis a nove pés uma da outra. Se a entrada for uma passagem com escadas, colocamos uma porta na parte superior da escada e a outra em baixo, onde há uma passagem horizontal de alguns pés. Se a escada der diretamente no interior do quarto, colocamos as duas portas na escada, com intervalos, ambas com inclinação para o exterior. No caso de uma enfermaria, o espaço entre as portas deve permitir a passagem de uma padiola, sem que seja necessário abrir ambas as portas no mesmo momento.

(4) *Modificações na construção* — Quando a entrada não é uma passagem-escada, em saliência, como descrevemos acima, no parágrafo 3, devemos fazer modificações na construção das portas de pano. De qualquer modo, os mesmos princípios deverão ser observados.

(5) *Preparação para seu uso* — Descer ambas as portas do pano-coberta, fechar todos os ventiladores, apagar todos os fogos. O fogo consome oxigênio, atrai o ar de fora e produz aquele gás venenoso, sem cheiro: o monóxido de carbono (combustão incompleta do carvão). É preciso observar sempre se há um suprimento de cloreto de cal disponível, dentro do abrigo. Espalhe este cloreto de cal ao redor, entre as portas, quando é iminente um ataque de gases. Isto neutralizará qualquer agente líquido que possa aderir aos sapatos dos homens vindos de áreas contaminadas.

d) *Ventilação* — As pessoas que entram num abrigo, durante um ataque de gases, sempre levam consigo vestígios de gases em seus sapatos ou roupas. Isto é muito perigoso no caso do mustarda, visto que uma concentração pode se efetuar no abrigo, sem que os ocupantes possam perceber. Nos abrigos ou nas trincheiras, devem ser exigidos protetores coletivos (parágrafo 23). Depois de um ataque de gases, pode um abrigo ser esvasiado dos gases, com a abertura das portas e a produção de fogo dentro do recinto. A duração de tempo que é possível ocupar um abrigo, sem ventilação, pode ser julgado pela aplicação da regra pela qual um homem exige um pé cúbico de ar por minuto; no entanto, mais do que isso seria bem desejável.

(Continua no próximo número)

725

**"VOCABULARIO AUXILIAR DA NOMENCLATURA
NOSOLÓGICA VETERINÁRIA"**

Cap. M. BERNARDINO COSTA

(Da Sub-Diretoria dos Serviços de
Remonta e Veterinária)

Como complemento a NOMENCLATURA NOSOLÓGICA VETERINÁRIA, publicada na Revista Militar de Veterinária, ns. 5, de Agosto de 1938; 33, de Julho-Agosto de 1941, e no Boletim do Exército, n.º 3, de 18 de Janeiro de 1941, submetemos a apreciação dos colegas este "VOCABULARIO AUXILIAR" que tem por objetivo esclarecer alguns diagnósticos habitualmente firmados em documentos oficiais, tais como: mapa nosológicos, atestados de óbito e termos de necropsia, enviados para a Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária.

ABCESSO — Indicar a sede e a natureza. Cutâneo? Sub-cutâneo? Pulmonar? Retro-faríngeo? Da bacia? Da mama? Do cérebro? Osseo?	155 — 110 — 122 — 185 204 — 236 — 265
ACAROS — E' vago. Classificar.	35
ACIDENTE — Declarar a natureza.	272 a 290
AGUAMENTO — Preferir.	146 — 147
ALBUMINÚRIA — Declarar a doença que provocou a albuminúria. Nefrite? Intoxicação? Doença infecciosa? Pneumonia? Febre tifoide? Funcional?	
ALCANÇADURA — Sem expressão. Classificar a lesão produzida.	Grupo XVII
ALIFAFES — Preferir...	257 d
ANASARCA — Declarar a doença que provocou este estado.	55
ANEMIA — ANEMIA AGUDA — ANEMIA VERMINOSA — Declarar a doença que provocou este estado. Se a anemia é a causa primária, indicar sua natureza. Quando verminosa é mais importante declarar a helmintíase e como causa secundária a anemia.	66 — 27
ANEURISMA — Em medicina humana a sífilis é a grande causadora dos aneurismas da aorta. Em medicina veterinária, podemos atribuir ao reumatismo articular agudo, febre tifoide, embora raramente. Com frequência helmintíase — estrogilose (aneurisma verminótico).	27 f
ANEURISMA VERMINOSO — Helmintíase — estrogilose (aneurisma verminótico).	27 f

ANEMATOSE — Não foi encontrado este termo. Existe hematóse, oxidação do sangue nos pulmões (transformação do sangue venoso em sangue arterial). Anematopoiése — parada ou perturbação da produção de hemácias e consequente anemia.	66
ANOREXIA — Declarar a causa.	82
APARELHO DIGESTIVO — Sem expressão.	
APOPLEXIA CEREBRAL — E' consequente de hemorragia cerebral.	238
APOPLEXIA INTESTINAL — "Apoplexia — é a suspensão brusca e mais ou menos completa de todas as funções do cérebro, com perda súbita do conhecimento e dos movimentos e com persistência da circulação e da respiração". Em vista da definição...	
ARESTIM — Preferir...	144
ARTRITE — Declarar a séde.	255 — 256
ARTRITE CRÔNICA DEFORMANTE — Artrites crônicas.	256
ASCITE — Declarar a doença que provocou este estado.	
ASFIXIA — Declarar se foi por submersão ou enforcamento.	273 — 274
ASFIXIA POR ENFISEMA PULMONAR — Classificar na doença mais importante que é o enfisema pulmonar.	112
ASFIXIA POR CONGESTÃO INTESTINAL — Mesma observação que a anterior. Ver adiante o que diremos sobre congestão intestinal.	

ASTENIA — ASTENIA GERAL — ASTENIA SENIL — Declarar a doença que provocou este estado.	54 ou 282 a, b, c.
ATONIA GASTRO-INTESTINAL — Atonia é a diminuição da tonicidade normal de um órgão contrátil. Declarar a doença que provocou este estado.	
ATROFIA MUSCULAR —	247 — 249
AUTO INTOXICAÇÃO — AUTO INTOXICAÇÃO RENAL — Não usar estes diagnósticos, declarar a causa que provocou este estado.	
BICHEIRA — Evitar este termo em documento que tenha expressão técnica.	37
BERNE — Evitar o termo.	36
BLASTOMA —	42
BLEIMA — Preferir...	157
BROCA — BROCA DA SOLA — Evitar estes termos roceiros. Empregar queratilocele (parede) ou querácele (na sola).	159 — 160
BRONCO-PNEUMONIA GANGRENOSA — Classificar em gangrena pulmonar.	111
BRONquite — Declarar se a bronquite é aguda, crônica ou capilar.	104 — 105 — 106
CAPEAÇÃO NO JOELHO — Termo de roceiro e não de técnico. Não passa de uma escoriação simples.	

(Cont. no proximo número)

O GENERAL SILVA ROCHA E O ARTIGO "SELEÇÃO DE REPRODUTORES PURO-SANGUE INGLÊS" DO TENENTE HILBERNON M. DA SILVA

A Remonta observa cuidadosa e constantemente não só os resultados da sua criação como também da dos demais criadores brasileiros. Nosso regulamento determina que o acasalamento dos animais se processe rigorosamente de acordo com as leis da genética, evitando inconvenientes da consanguinidade demasiadamente estreita e levando em linha de conta a performance e a aclimação. O presente estudo, feito pelo 1.º ten. vet. Hilbernon Maximiano da Silva, assessor técnico desta Sub-Diretoria, neste particular, demonstra o progresso e adiantamento que estamos tendo na criação e as vantagens da difusão de conhecimentos úteis e práticos aos criadores, de conformidade com os esforços do Governo, no sentido de melhorar o rebanho equino nacional.

Oferecemos, pois, este trabalho aos criadores, ao elemento civil interessado neste setor das atividades da Remonta e à oficialidade do Exército, três importantes fatores das realizações deste Serviço.

Agradecendo ao autor mais um excelente fruto do seu labor profícuo, louvamos-o pelos conhecimentos técnico-profissionais que demonstrou, ao par do seu espírito de colaboração na campanha de soerguimento do cavalo nacional.

General Silva Rocha

A REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINÁRIA E
O ARTIGO "SELEÇÃO DE REPRODUTORES PURO-SAN-
GUE-INGLÊS" DO TENENTE HILBERNON M. DA SILVA

A criação do cavalo no Brasil, que não constitui apenas um problema de ordem econômica mas sobretudo de defesa nacional, tem sido enfrentada com inteligência pela Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária. Os frutos desses esforços já estão se fazendo sentir e são bastante promissores. Obra da observação dos resultados obtidos por este alto Departamento de Administração do Exército, o livro do Tenente Hilbernon Maximiano da Silva, sob o título SELEÇÃO DE REPRODUTORES DE PURO SANGUE INGLÊS é uma obra de cunho rigorosamente científico na qual se retratam, a técnica de um profissional apaixonado pela sua carreira e a segurança dos conceitos emitidos.

Este trabalho tem sobretudo uma grande virtude: não gasta tempo e palavras em rodêios inúteis. Focaliza o assunto com precisão, segurança, objetividade e raro espírito de síntese, dando ao mesmo tempo uma noção exata do quanto é indispensável a atuação da técnica na solução do magno problema de criação cavalар.

É um livro que consegue o milagre raro de enfeixar com clareza um assunto complexo em algumas dezenas de páginas, de conformidade com o espírito que orienta toda a publicidade moderna.

A REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINÁRIA felicita o autor pela publicação referida e recomenda aos seus leitores o livro aludido.

Seleção de Reprodutores Puro-Sangue Inglês

Hilbernon Maximiliano da Silva
1.º Tenente Veterinário

As condições a satisfazer por um garanhão puro-sangue inglês que se destine à reprodução, devem estar intimamente relacionadas com as finalidades imediatas: produção de mestiços de séla ou de puros, para emprêgo no "turi" e posterior utilização na reprodução.

PRODUÇÃO DE ANIMAIS DE SÉLA

Póde ser escolhido indiferentemente um garanhão que pertença tanto ao tipo arabesco, cujos caracteres morfológicos se assemelhem aos do árabe, como ao tipo aperfeiçoado pela velocidade, isto é, que se tenha modificado morfológicamente, de geração a geração, por adaptação a esta modalidade de seleção (considerado como "standard" morfológico).

E' preferível, no entanto, què seja deste último tipo, porque o arabesco, de um modo geral, é hipervegetativo, de temperamento anabólico e menos fértil.

Estabelecida a preferência para o garanhão de tipo selecionado pela velocidade, torna-se necessario considerar sua distribuição, consoante a zona em que vai atuar, de acôrdo com o talhe, porque os ha de talhe pequeno, de talhe médio e de talhe grande.

Os reprodutores de talhe pequeno — 1m,54 a 1m,58 — são mais indicados para as regiões norte e nordestina do país, em face de sua semelhança morfológica com os rebanhos daquelas regiões.

Os garanhões de talhe médio (considerados como "standard" morfológico), mais indicados para as regiões central e sul, onde os rebanhos já vem de ha muito recebendo o influxo de raças melhoradoras, devem todavia, aos 4 anos, ter aproximadamente as seguintes características biométricas:

- altura — de 1m,60 a 1m,64
- perimetro torácico — 1m,75 a 1m,80
- largura do tórax — 0m,36 a 0m,40

- altura do torax — mais ou menos de 0m,75
- membros — mais ou menos de 0,85 a 0m,90
- comprimento — igual à altura
- cernelha — igual à altura.

Além destas características, os garanhões devem ser isentos de vícios redibitórios (manqueira crônica, fluxão periódica, "cornage" ou roncador); de defeitos congênitos suscetíveis de se transmitirem às gerações (monorquidía, articulações mal conformadas, aprumos defeituosos); e de taras duras deformantes, ou móles que impliquem na impossibilidade de longas marchas. Outra condição essencial é que possuam os órgãos genitais perfeitos.

PRODUÇÃO DE ANIMAIS PUROS

Um reprodutor destinado à produção de animais puros, além das características já assinaladas, deve ter o seu **standard** morfológico enquadrado da forma seguinte:

- a) — ser retilíneo;
- b) — ter um peso aproximado de 400 a 430 quilos;
- c) — ser bem proporcionado, longilíneo, isto é, ter o comprimento predominando sobre o tronco;
- d) — possuir membros longos, bem aprumados, dando a impressão dum animal com "mal de croix";
- e) — ter o ventre reduzido;
- f) — ser dotado duma musculatura densa, seca e sem infiltrações aquosa e adiposa.

O que, porém, valorisa um reprodutor destinado ao haras são os seguintes fatores essenciais: genealogia, classe e aptidão reprodutora.

Os dois primeiros são indispensáveis em qualquer reprodutor; o último, todavia, valorisa-o de modo extraordinário, à medida que sua produção vai firmando-se no "turf".

Genealogia — Esta é patenteada pelo valor dos ascendentes constantes do seu "pedigrée" aproximadamente até a 5.^a geração, quer considerando sua potencia hereditária e "performance" individual, quer as aptidões reprodutoras e corredoras de parentes próximos — diretos e colaterais. Daí se conclue a grande importância que têm para a valorização dum reprodutor as suas bases hereditárias individual e de família.

Isto posto, verificam-se em seguida quais as linhagens mais e mvoça, existentes no "pedigree".

Consideremos, para exemplo, os "pedigrees" dos sires da Remonta.

Temos, primeiramente, o pedigrée de "Sea Bequest".

SEA - BEQUEST
PEDIGREEGERAÇÃO : 23.^a

FAMILIA : 4

ÉGUA BASE : Alice Hawthorn

LEGATEE 1 Pal	Gay Crusade	1	Bayardo	10	Bay Ronald	3	Hampton	10
OCEAN LIGHT M5c	Love Oil	1	Gay Laura	2	Beppo	2	Marco	3
OCEAN LIGHT M5c	Sunstar	5	Amadis	1	Love Wisely	11	Wisdom	7
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Paraffine Lass	22	St. Frusquin	22	Lovelorn	11
OCEAN LIGHT M5c	Fota	3	Sundridge	2	Amphion	12	Speculum ou Rosebery	12
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Doris	1	Loved One	1	See Saw	6
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Isinglass	19	Isonomy	19	Sterling	12
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Fota	10	Hampton	10	Isola Bella	19
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Fota	10	Photinia	10	Wenlock	4
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Fota	10	Photinia	10	Malpractice	3
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Fota	10	Photinia	10	Uncas	1
OCEAN LIGHT M5c	Glass Doll	3	Fota	10	Photinia	10	Fair Alice	4

DOSAGENS DO SANGUE (sistema Lottery)

NORMAL	288	351	313	186	140	184	127	95	340	295	420	405	280	260	235	210
Verificada	332	382	300	204	36	246	162	94	452	340	160	432	320	512	96	0
À estabelecer	244	320	326	168	244	122	92	96	228	250	680	378	240	8	374	420

SÉRIE BIRDCATCHER	SÉRIE STOCKWELL	SÉRIE ST. SIMON	SOMA
308	157	928	1.393

Constatamos que no seu ramo paterno tem a linhagem contínua e sólida de Hampton — Bay Ronald — Bayardo — Gay Crusader (triplice coroado em 1914) — Legatee (seu pai). E é a mesma de "El Goualá", outro reprodutor da Remonta.

Essa linhagem é contínua, sólida e vem se repetindo de geração em geração com muita fixidês. Se não vejamos: "Solario", o "cavalo do Século", tem em seu pedigree essa mesma linhagem, através de "Gainsborough" (triplice coroado em 1915) — Bayardo — Bay Ronald e Hampton.

Dessa mesma linhagem é dotado "Duplicate", atualmente o melhor reprodutor da Remonta, através de "Son and Heir" — Son in Law — Dark Ronald e Hampton.

(Continúa)

Gastão Salazar Pessoa Junior

Livros, Instruções Ministeriais do M. da Guerra, Revistas Militares e Regulamentos das Armas e Serviços.

Rua Conselheiro Chrispiniano n.º 404, 8.º andar.—

Sala 801 — Edifício "Rex" — São Paulo.

Falecimentos

DR. LINNEO DE PAULA MACHADO

Causou a mais viva e geral consternação a notícia do desastre de aviação ultimamente ocorrido em S. Paulo, e no qual várias pessoas pereceram.

Uma das vítimas foi o Dr. Linneo de Paula Machado.

O seu nome, na história do turfe nacional, constitue verdadeiro padrão de glória. E a sua dedicação, empregada com inteligência na criação e utilização do cavalo puro sangue inglês, teve ressonância além das nossas fronteiras, conquistando sincera admiração nos mais cultos centros do mundo. A prova mais evidente do que afirmamos é o elevado número de condecorações conferidas ao nosso distinto patricio, ora desaparecido, em atenção aos seus reais méritos, por várias instituições famosas e muitos governos de nações vanguardistas da civilização.

Várias vezes representou o Jockey Clube Brasileiro no estrangeiro, e sempre o fez com brilho inextinguível.

Foi comissionado pelo ex-presidente Washington Luiz, para entender-se com o governo francês, afim de adquirir, no deserto africano, reprodutores equinos para a Remonta do Exército. Desempenhou-se de tal incumbência com inteligência, probidade e patriotismo.

Releva ponderar que Linneo fez tal viagem às próprias expensas, sem quaisquer despesas para os cofres públicos, numa época em que tais comissões eram motivos para gordas ajudas de custo e vantajosos "negócios da China". Muitas solidariedades e incondicionais apoios políticos foram conseguidos em troca de viagens semelhantes; e o mais triste de tudo isto, era que os representantes do Brasil nessas comissões, geralmente não possuíam inteligência, nem cultura, nem linha, e em vez de prestarem serviços à Pátria,

gastavam o dinheiro extorquido ao povo em tributos escorchantes e expunham os brasileiros ao ridículo perante outros povos.

Em matéria de turfe, a contribuição patriótica de Linneo é imperecível porque vai falar à imaginação da posteridade.

Fora das atividades turfistas, Linneo era um exemplo de virtudes cristãs — simples, trabalhador e bom.

Polido e afável, quem privava com o Dr. Linneo ficava cativo pelos encantos da sua fascinante personalidade.

Administrava a sua fortuna com muito cuidado e escrúpulo, mas sempre pronto a amparar material e moralmente os que com ele trabalhavam.

Linneo era um homem rico, mas também era um grande trabalhador. A sua vida fez-me lembrar um comentário interessante sobre certo poema de Kipling: "Our England is a garden an such gardens are not made by singing. Oh! How beautiful! What he meant was that such gardens are made by continuos hard work and not by fine speeches".

Realmente as grandes e uteis realizações são produtos de árduo trabalho.

Na Remonta do Exército, a gratidão que tributamos sinceramente à memória do grande brasileiro desaparecido, é uma questão de justiça, em atenção aos inúmeros e valiosos serviços que ele, sempre com boa vontade, prestou a este órgão do Exército. Não devemos esquecer que possuímos ótimos reprodutores, cedidos pelo Dr. Linneo a preço de verdadeira doação.

À família do ilustre morto transmitimos as nossas sinceras condolências.

J. B. PORTELA

Não podia a REVISTA MILITAR DE REMONTA E VETERINARIA deixar sem um registro, que consubstancia um preito de sentimento e saudade, o inesperado e contristador passamento de J. B. PORTELA, diretor-proprietário de "JORNAL DE AGRICULTURA".

Espírito luminoso e modesto, inteiramente devotado às lides jornalísticas e à publicação especializada que dirigia, era uma lídima expressão da alma idealista e realizadora do brasileiro nortista. Simples e llhano; eficiente e pertinaz; pronto a encetar e manter quaisquer campanhas que, dentro da segura orientação que impunha ao seu jornal, considerasse convenientes à difusão de conhecimentos que pudessem contribuir para o desenvolvimento da agro-pecuária nacional.

Já há vários anos que, decidida e desinteressadamente vinha colaborando na meritória tarefa empreendida pelo Exército, do soerguimento do nosso rebanho equino, fator precípua da economia e defesa na-

cionais. Quantos acompanharam o desenvolver da multiforme e contínua propaganda que, pelas colunas de "Jornal de Agricultura", desenvolveu nesse sentido, são unânimes em reconhecer a valiosa contribuição de J. B. Portela para a consecução de tal objetivo. Já por artigos de caráter técnico-prático, em linguagem simples, ao alcance do nosso homem do campo; já divulgando as facilidades que o Exército oferece aos criadores interessados na melhoria da produção dos seus rebanhos equinos já por palestras nos principais centros criadores que visitava, foi inestimável o seu esforço e apreciáveis foram os resultados conseguintes.

Dirigindo um jornal de especialização limitada, porém de grande circulação e expressão entre os que se dedicam à agricultura e à indústria pecuária, de há muito e até as vésperas de seu falecimento que João Batista Portela, convencido de que se eximia de um dever patriótico, apontava, por todos os meios a seu alcance, a conveniência da constituição de núcleos importantes de equinos nas zonas norte e central do nosso território: e a sucessão dos fatos demonstra-nos quão acertada era essa sua convicção livre e espontânea, que vinha convergir com a orientação seguida pelas autoridades dirigentes da Nação, do Exército e da Remonta.

Muito antes de estar o Brasil envolvido no atual conflito armado, desencadeado pelas ambições imperialistas de meia dúzia de degenerados, "Jornal de Agricultura", sempre mantendo-se no seu setor especializado, batia-se corajosamente pelo panamericanismo, pela democracia, pela liberdade dos povos, numa época em que vários "jornalistas", que agora entoam ditirambos a essas superiores concepções humanas, taxavam de anarquistas quantos pugnavam a favor das mesmas. Felizmente, passou o *pesadelo verde* — como passarão, também, o pardo, o negro e o amarelo — e Portela pôde ver ainda delineada a vitória de suas aspirações, antes de se evolar para melhores mundos.

Caráter rígido, que sobrepunha às questões de interesse pessoal a independência da folha que constituía o seu ideal, nunca Portela consentia que a sua publicação se prestasse aos arranjoslouvaminheiros tão ao goso de certas facções ou indivíduos. Quando louvava, julgava merecido o louvor; e a censura que fazia não trazia segundas intenções: objetivava a correção de uma falha, que apontava no interesse de ver corrigida.

Por tudo isto, mesmo, Portela morre pobre. Deixa à família de que era chefe exemplar apenas um nome ilibado e o patrimônio de seu jornal: folha pequena e modesta, porém sadiamente orientada, cujos conceitos, positivos ou negativos, exprimiam sempre um cunho incontestável de verdade, sinceridade; e si constituíam crítica, eram críticas construtivas, nunca apreciação malevolente.

Traçando as nossas despedidas a esse brihante confrade, vêm-nos à mente alguns versos d'um poema, talvez já esquecido da maioria, mas ainda lembrado por alguns. Após a epopéia dos "18 do Forte", quando a Imprensa se viu livre, apenas por poucos dias, por motivo de eleições, do estado de sítio e da censura que constrangiam a expressão dos verda-

deiros sentimentos nacionais, um grande jornal do Rio publicou tal poema, cujo autor permaneceu incognito. Traçava a atuação desassombrada e o sacrifício desses heróis. E, ao referir-se a Otavio Corrêa, o civil que, de passagem, eletrizado pelo exemplo daquele pugilo de braves, foi com eles morrer"... amortilhado na sua roupa escura de "paísano...", dizia que essa devia ser a morte do homem do povo, do batalhador anônimo e construtivo, que constitui o cerne das nacionalidades:

"Qual, povo, deve ser, humilde e obscura,

"Tua luta pelo Ideal, subindo à morte!..."

Vidrampol Ltda.

Praça Olavo Bilac n.º 136 - Fone 5-4851

São Paulo

Est. de São Paulo

Fabrica de Tubo e Ampolas de Vidro Neutro

Noticiário

GEN. FIRMO FREIRE DO NASCIMENTO

CHEFE DA CASA MILITAR DA PRESIDENCIA
DA REPUBLICA

Foi designado para exercer as funções de Chefe da Casa Militar do Presidente da República o Exmo. Sr. Gen. Firmo Freire do Nascimento.

Figura largamente conhecida nos meios militares e culturais do país, gosando de estima invulgar, não faremos aqui biografia do ilustre militar mas exaltação sincera de seus méritos.

Militar correto em todas as suas atividades, sempre fulgurante nas missões que desempenha, perfeito camarada, o Gen. Firmo Freire do Nascimento sabe conquistar amigos e admiradores não só pelas qualidades militares, mas também — e principalmente — pela nobreza excepcional do seu carater impoluto, pela bondade extrema do seu coração, pela delicadeza no trato, pela afabilidade indistinta.

E' um expoente da nossa sociedade, onde se destaca sempre, já pelas virtudes militares ou atitudes cívicas, já pelas ações filantrópicas, a que jamais se negou.

Estão, pois, de parabens, o Exmo. Sr. Presidente da República, o Exmo. Sr. General Gaspar Dutra, as forças Armadas do País e, em particular, o Serviço Veterinário do

Exército, que se, previu na pessoa do Gen. Firmo, um dos seus melhores sustentáculos.

A Revista Militar de Remonta e Veterinária cumprimenta com respeito o General Firmo Freire do Nascimento.

GENERAL RAYMUNDO RODRIGUES BARBOSA

Transcorreu no dia 18 do corrente, o aniversário do Exmo. Sr. Gen. Raymundo Rodrigues Barbosa, Ministro do Supremo Tribunal Militar.

Por este motivo foi S. Excia. muito cumprimentado pelos ilustres companheiros, colégas e altos funcionários daquele Egregio Tribunal.

A noite, em sua residência, á rua Marechal Trompowsky n.º 95, na Tijuca, reuniram-se inumeros amigos, civis e officiais do Exército e suas Exm.ªs familias, que foram demonstrar quanto o Gen. Barbosa é estimado na alta sociedade carioca e no seio das forças armadas.

Aos convidados foi obsequiosamente servido uma farta mesa de finos doces, tendo nessa ocasião o Major Maggessi, homenageado o aniversariante.

O Gen. Barbosa, um dos mais preparados officiais do nosso Exército deixou em todos os que foram pessoalmente abraçá-lo, uma inesquecível recordação de simpatia e agradecimento.

A nossa Revista, representada pelo nosso Diretor Tesoureiro, 1.º Ten. Dr. Joaquim Marinho Pessoa, na amavel reunião social, apresenta por intermédio de suas colunas os votos mais sinceros pela data festiva por que viu passar o distinto Gen. Barbosa, almejando-lhe todas as felicidades, no decorrer de muitas outras.

MAJOR GERMANO DE OLIVEIRA PONCE

Foi promovido e reformado no posto de Major o nosso coléga GERMANO DE OLIVEIRA PONCE.

Em manifestação de saudades registamos o seu afastamento do nosso meio onde viveu longos anos com abnegação e valor.

Official discreto, temperamento calmo, soube inteligentemente compreender e exercer as funções publicas. O seu coração bom é um característico da sua personalidade ilustre.

ENCERRAMENTO DO ESTAGIO DOS ASPIRANTES DA RESERVA VETERINARIOS

Com grande brilhantismo, realizou-se no dia 24 de Outubro, corrente, no Quartel do 1.º R. C. D. (Dragões da Independência), a cerimonia do desligamento da turma de estagiários, veterinários, que concluíram o estagio regulamentar, para ingresso na reserva do Exército. Essa turma, a maior até agora, das que passaram por essa adaptação, e que teve por instrutores, o Capitão Veterinário JOCELYN DE SOUZA LOPES, coadjuvado pelo 1.º Tenente Veterinário LEVY LARA, teve um aproveitamento apreciavel não só pela perfeita e cabal execução dos programas, mas tambem porque composta de profissionais, alguns de bastante relevo da profissão, muito contribuíram para que se chegasse a esse resultado. Eram 53, os estagiários, sendo alfin todos aprovados, o que bem traduz o grau de aproveitamento de toda a turma.

A solenidade, que foi realizada no 1.º R. C. D. e que constou do oferecimento de um rico quadro finamente trabalhado em madeiras, como moldura da fotografia do grupo, tambem foi uma homenagem aos instrutores, que com abnegação ministraram os conhecimentos tão necessários ao veterinário militar. Tambem nas pessoas dos Srs. Ministro da Guerra, Comandante da 1.ª R. M., Inspetor da Arma de Cavalaria, Sub-Diretor dos Serviços de Remonta e Veterinária, Cmt. do 1.º RCD e Chefe da 2.ª Div. dos S/R. V., foram prestadas as homenagens de honra a que se fazem merecer, figurando em destaque no quadro as fotografias desses ilustres militares. Os aspirantes, realizando essa homenagem, prestam tambem uma expressiva homenagem ao Exército, para o qual ingressam nesta hora bem importante da nossa vida Nacional.

A essa festa de cordialidade e amizade, compareceram altas autoridades civis e militares entre as quais os Srs.



Generais Silva Junior e Antonio da Silva Rocha ladeados pelos Coroneis, atual comandante e ex-comandante dos Dragões de Independência, por ocasião da solenidade de encerramento do estágio da turma de Aspirantes Veterinários do Exército.



Turma de Aspirantes Veterinários tendo a frente o orador oficial da mesma, lendo o seu discurso que publicaremos no proximo numero.

Gen. Silva Junior, Cmt. da 1.^a R. M., Antonio da Silva Rocha, S/Diretor dos Serviços de Remonta e Veterinária, Representantes do Exmo. Sr. Presidente da Republica, Prefeito Municipal e do Inspetor da Cavalaria do Exército, do Cmt. da Escola Veterinária do Exército, Dr. Americo Braga e Dr. Vital Brazil Filho, da Escola Nacional de Veterinária, do Instituto Vital Brazil, etc.. Também esteve presente o sr. Dr. Francisco Leite, representante do sr. Interventor Manoel Ribas, do Estado do Paraná, Cel. Aristoteles Souza Dantas e representante do Sr. General Secretário da Guerra. Inaugurado o quadro no gabinete do Chefe da F. V. R., os presentes encaminharam-se para o salão de honra do Regimento, onde foi pronunciada pelo Capitão Chefe da FVR, Jocelyn de Souza Lopes, a saudação de despedida. Lida a ordem do dia de desligamento, uma vibrante peça em que o Comandante do Regimento se externou de modo relevante á turma, foi com emoção lido o discurso do Aspirante Veterinário Vicente Leite Xavier, o qual externando a já saudade que levavam os aspirantes, fazia um solene penhor do quanto, eram gratos aos instrutores e oficiais do Regimento, por todos os meios postos á disposição dos concluentes, para o perfeito cumprimento do estabelecido no programa.

Após foi servido aos presentes um farto lunch, onde a prodigalidade e finura dos festejantes foi posta á prova em inumeras gentilezas aos presentes.

Laboratorio "Vitex" Ltd.

(SOB DIREÇÃO MEDICA)

C. POSTAL 3584 — TEL. 48-5780 — End. Telegr. ELEVE
RIO DE JANEIRO
BRASIL

REGISTRADO NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Licença N. 23 do Departamento Nacional da Produção
Animal — TÍTULO Do Reg.^a N.º 24, de 13-2-941

"Vigordog" PODEROSO RECONSTITUINTE E
ATIVÍSSIMO RECALCIFICANTE PA-
RA USO VETERINÁRIO (para cães). EUPEPTICO EXCELENTE

Sabão "Fox" PODEROSO INSECTICIDA E
UTILÍSSIMO PARA A LIMPE-
SA E MELHORIA DOS PELOS, COCEIRA, ETC.

CAVALARIA RUSSA

Os despachos recebidos de Leningrado se referem à infantaria russa e cavalaria siberiana que avançaram através de fundo lamaçal, prosseguindo a grande ofensiva do setor dos lagos Ladoga e Ilmen anunciada ontem. Outras informações indicam que dentro de poucas semanas o terreno estará em condições para suportar o peso das unidades mecanizadas.

Nessa ocasião chegará o momento supremo da ofensiva de inverno russa: saber se conseguiu ou não debilitar o poderio do exército alemão e se desgastou suas reservas ao ponto de que a Wehrmacht não possa recuperar as energias que lhe proporcionaram a fama de invencível, antes da atual campanha.

O CÃO NA GUERRA

Todas as nações em guerra utilizam os serviços de cães amestrados, uma de cujas vantagens consiste na extraordinária acuidade auditiva. Os cães percebem os sons a uma distância que o ouvido humano não alcança. Experiências realizadas na Inglaterra decidiram as autoridades a organizar o adestramento intensivo dos cães, e tanto o exército, como a Real Força Aérea possuem escolas de cães de guerra com os seus correspondentes criadores e adestradores. Os animais ensinados constituem uma verdadeira sexta coluna. Durante as incursões da aviação alemã nas ilhas britânicas, os moradores observaram que seus cães mostravam sinais de intranquilidade quando as formações inimigas se encontravam ainda a muitos quilômetros de distância. Essa observação influenciou para que o cão se transformasse numa sentinela excepcionalmente valiosa. Certo animal, chamado Paddy, existente num posto do Corpo de Observadores, em uma localidade inglesa, é considerado pelo pessoal tão eficaz, quanto o melhor homem. Um misterioso instinto permite a Paddy identificar o rumor dos aviões inimigos. O militar procede com um conhecimento científico, mas Paddy tem um sexto sentido com o guia. Sua infalibilidade é assombrosa. Aquietas as orelhas ao perceber o ruído de qualquer avião, e deixa-as cair, se o avião é britânico.

UM PRODUTO QUE HONRA O SEU CREADOR

A Medicina Veterinária acha-se enriquecida com mais um produto, graças a competente e eficiente técnica do 1.º Ten. Veterinário Octavio Campos de Fontes Pitanga.

Trata-se do produto "CLAUDIPAN" de grande utilidade no emprego nas manqueiras, especialmente nas de fundo reumático, onde dá excelentes resultados. As afeções reumáticas, que atacam comumente os solípedes, eram, até pouco tempo, difícil de serem tratadas, em virtude de não ser conveniente a administração do salicilato por via oral.

Claudipan veio, portanto, sanar este inconveniente, facilitando ainda veterinários a administração dos seus componentes nos vários casos em que são indicados. E' também indicado, com êxito, nas hidropelas, artrites e no aguamento.

Mais uma vez, por intermédio do Laboratório de Produtos Químicos (L. P. Q.) da Escola Veterinária do Exército, é lançado um medicamento, que muito vem honrar o bom nome dos nossos oficiais veterinários, no afan de bem servir a especialidade, bem como ao Exército Brasileiro e a Patria de um modo geral.

A Revista Militar de Remonta e Veterinária, apresenta ao 1.º Ten. Otavio Campos de Fontes Pitanga, as sinceras congratulações, fazendo votos para que nunca esmoreça na criação de novos medicamentos veterinários, para que mais alto possa elevar o valor dos oficiais do seu Quadro.

CONDECORAÇÃO

Acaba de ser condecorado, pelo Exmo. Sr. Ministro da Guerra, em nome do Exmo. Sr. Presidente da República, com medalha do mérito militar, o Sr. Major Aluizio Miranda Mendes, DD. oficial de gabinete de S. Excia.

Ao publicar a condecoração do distinto oficial, esta Revista o faz com grande jubilo, apresentando os calorosos parabens pela merecida e honrosa homenagem, que muito eleva e enaltece o estímulo dos oficiais do nosso Exército.

APRESENTAÇÃO DE OFICIAL

Num gesto que muito dignifica a classe dos veterinários da nossa Reserva, apresentou-se a Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, pelo motivo da entrada do nosso País na Guerra, o illustre Cel. Veterinário Severo Barbosa, que deu com essa apresentação, uma demonstração de sadio patriotismo amor, e dedicação ao meio, em que militou por muitos anos.

Esta Revista, muito se sente engrandecida, pelo ato honroso, praticado por um seu ex-Diretor.

PROMOÇÃO DE OFICIAL

Por Decreto de do Exmo. Sr. Presidente da República, foi promovido ao posto de Capitão o 1.º Ten. Veterinário Artur Fernandes da Cunha.

A promoção do Cap. Cunha, nos enche de satisfação, pois trata-se de um oficial que é muito apreciado, pelas suas ótimas qualidades de espírito, competência, inteligência e perfeito conhecimento no ambito de suas atividades profissionais.

Com sinceros votos pelo futuro do illustre Cap. Cunha, queira o

mesmo aceitar a expressão dos mais efusivos cumprimentos da Revista Militar de Remonta e Veterinária.

REGRESSO DO NOSSO DIRETOR

Regressou de Porto Alegre, onde foi por via aérea, em visita a pessoa de sua família, de ordem do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, o nosso digníssimo Diretor Ten. Coronel Dr. João Teles Vilas Bôas.

O corpo Redatorial, apresenta ao seu Diretor, as boas vindas, almejando no anseio de sua família, muita saúde e muitas felicidades.

A T E S T A D O

Atesto que o preparado "TIMBORIL", à base de extrato de Timbó e Retenona, dos "LABORATÓRIOS TIMBOPO", de Belém do Pará, empregado neste Posto consoante as indicações do rótulo, produziu resultados idênticos aos dos preparados usados em higiene. Nas diluições indicadas, foi eficiente na higiene dos alojamentos do Posto e no tratamento de psoríasis e dermatoses de animais particulares apresentados no Posto.

Em face do exposto, julgo que o preparado "TOMBORIL" pôde ser utilizado com vantagem, nos casos previstos, e consoante as indicações da embalagem.

Capital Federal, 5 de Junho de 1942.

Hilbernon Maximiano da Silva

1.º Tenente Veterinário

Adj. da Sub-Diretoria dos S. R. S. e
Encarregado do Posto.

PROIBE A EXPORTAÇÃO DE ÉGUAS

DECRETO-LEI N. 1.117 — De 24 de Fevereiro de 1939.

Proíbe a exportação de éguas, excetuadas as de raça fina registradas nos "Stud-Books" respectivos e as destinadas a corridas no "turf" estrangeiro.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, no uso da faculdade que lhe confere o art. 180 da Constituição Federal e considerando:

- que a tração cavalar cada vez mais se generaliza e tende a substituir a bovina nos transportes rurais;
- que, como fator econômico e de defesa nacional, deve o rebanho equino ser conservado, aumentado e melhorado;
- que nesta conformidade, o governo da República, por seus órgãos competentes, vem adquirindo grande número de reprodutores de fina casta, com o fim de os ceder gratuitamente aos criadores;

— que, por outro lado, a égua é elemento indispensável à obtenção dos objetivos apontados;

DECRETA:

Art. 1.º — Fica proibida a exportação de éguas, excetuadas as de raça fina, devidamente registradas nos "Studa-Books" respectivos e as que se destinarem a corridas no "turf" estrangeiro.

Art.º 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1939, 118º da Independência e 51º da República.

(a) Getulio Vargas
Eurico G. Dutra
Fernando Costa

(Diário Oficial de 28 - 2 - 939).

PROMOÇÃO

Resgistramos com especial agrado a promoção ao posto de 2.º Sargento, o 3.º dito Mario Teles Ferreira, do Contingente do Deposito de Material Veterinário da 3.ª R. M., em Porto Alegre, adido ao D. C. M. V. E. que durante muito tempo serviu como auxiliar desta Revista.

Este ato do Exmo. Snr. Gen. Antonio da Silva Rocha foi feito de acôrdo com a autorização do Exmo. Sr. General Secretário Geral do Ministério da Guerra, dado no officio n. 438 DZC, da Sub-D. S. R. V.

Em 18 de Fevereiro de 1942.

Exmo. Sr. Tte. Cel. Veterinário J. J. Vias Bôas, DD. Diretor da Revista Militar de Medicina Veterinária.

Em resposta ao officio n. 25, de 22 de janeiro ultimo, com o qual V. Excia. me remete os últimos números da Revista Militar de Medicina Veterinária, tenho o prazer de comunicar-lhe que este Governo tomará na devida consideração o pedido constante daquele officio, relativamente à divulgação da citada revista no Diário Oficial do Estado, bem como a tomada de assinaturas da mesma pelas Prefeituras Municipais.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Excia. os protestos de minha alta estima e mui distinta consideração.

Julio Strubing Muller
Interventor Federal

Snr. Ten. Cel. Dr. João Teles Vias Bôas (Presidente) e demais Snrs. Diretores da REVISTA DE REMONTA E VETERINARIA.

Presados Colégas:

Tendo transferido a minha residência de São Paulo para esta Ca-

pital, por motivo de interesse de Família, com profundo pesar sou forçado a deixar, nesta data, a Representação da Revista de Remonta e Veterinária, a qual vinha exercendo já há dois meses.

Aproveitando a oportunidade, agradeço mui penhorado as distinções com que sempre fui tratado e a confiança que me foi depositada, a qual, sempre procurei corresponder, não só elevando cada vez mais o bom nome da nossa Revista, como, ainda, tornando-a mais conhecida naquele Estado.

Com estima e admiração, subscrevo-me como
Coléga, Amigo e Admirador

Dr. Sylvio Ribeiro Tacques,
Ten. Cel. Representante Autorisado em S. Paulo

Rio, 11 VIII 942.
Prezado conterraneo
Cordeais saudações

O problema de equinocultura é de uma relevância pouco comum na Defesa Nacional e o Exército está vivamente empenhado na solução do mesmo, arrematando para isso por intermédio da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária a iniciativa particular de todos os bons brasileiros.

A revista Militar de Remonta e Veterinária órgão de publicidade da Sub-Diretoria dos Serviços de Remonta e Veterinária, vai registrar no próximo número, com grande realce a notícia do prêmio a V. S. concedido pelo alto espírito de colaboração que tem demonstrado na solução do magno problema da criação do cavalo nacional.

A Direção deste órgão de publicidade apela ainda para o patriotismo e alto espírito de sacrifício de V. S. no sentido de honrar-nos com um pedido de assinatura da mesma, bem como de colaborar conosco dentro do possível para que sejam obtidos entre outros criadores dessa zona, outras assinaturas visto que ainda assim está trabalhando para a grande causa pois a Revista Militar de Remonta e Veterinária espelha em suas páginas todas as necessidades e indica os rumos da campanha a qual o senhor tem dado com patriotismo tão decidido apoio.

Antecipadamente grato pela atenção o Am.^o Ob.^o

1.^o Ten. Dr. Joaquim Marinho Pessoa

C A S A S. J O S É**ARTEFACTOS DE COUROS E FABRICA DE
ARREIOS**

Especialistas em sélas mexicanas, campistas, lombilhos
elásticos, sandalias, chinelos, pastas, bolas, cintos,
carteiras, malas e artigos para viagens.



Fabrica-se qualquer tipo de Séla para Equitação
——— Concertos em geral ———

D. R. Almeida & Cia.

Secção vendas: RUA BUENOS AIRES, 187

, Fone: 43-9670

RIO DE JANEIRO

Ofícios

Capital Federal — Em 13 de Agosto de 1942.

Do Ten. Cel. João Teles Vilas Bôas, Diretor.

Ao Sr. 2.º Ten. da Reserva — João Vicente de Araujo Silva.

Assunto: Revista Militar de Remonta e Veterinária.

Referência: Autorisação.

I — O Sr. 2.º Ten. da Reserva JOÃO VICENTE DE ARAUJO SILVA residente em São Paulo á rua Miguel Isara n.º 105 — está autorizado a ser o nosso representante no Estado de São Paulo, com permissão para angariar assinaturas, publicidades e colaborações, bem como fazer recebimentos e pagamentos da Revista Militar de Remonta e Veterinária.

II — Por ser verdade abaixo assino.

João Teles Vilas Bôas

Ten. Cel., Diretor da Revista Militar de Remonta e Veterinária.

Capital Federal — Em 13 de Agosto de 1942.

Do Diretor da Revista, Ten. Cel. Vet.º João Teles Vilas Bôas.

Ao Sr. 2.º Ten. da Reserva — João Vicente de Araujo Silva.

Assunto: Representante da Revista (comunicação sobre)

Referência: Indicação.

I — Levo ao vosso conhecimento, que conforme indicação do Sr. Ten. Cel. Vet.º Silvio Romeiro Taques, autoriso nesta data a vossa pessoa, para representante no Estado de São Paulo, da Revista Militar de Remonta e Veterinária.

II — Ao fazer a comunicação acima, a direção desta Revista se congratula com vossa pessoa, almejando uma eficiente colaboração e uma distinta publicidade, não só na sociedade, como também no comércio desse Estado.

III — Aproveito a oportunidade para apresentar os meus protestos de alta estima e subida consideração.

João Teles Vilas Bôas

Ten. Cel. Vet.º Diretor

Capital Federal — Em 11 de Setembro de 1942.

Do Redator Chefe.

Ao Sr. Redator Tesoureiro.

Assunto: Ordem de Serviço N.º 4.

Referência: Percentagens.

I — Levo ao seu conhecimento que resolvi, de acôrdo com o art. 3.º da Portaria n.º 302 do Exmo. Sr. Ministro da Guerra, publicada no D. O. n.º 29 de 928-XII-938, tendo em vista a dificuldade e o trabalho que o agente de publicidade tem em angariar assinaturas, pagar a título de bonificação, as seguintes percentagens: Nas assinaturas de 30\$000, 15 %; nas de 50\$000, 20 % nas de 100\$000 (cooperação) 40 %.

Aristides Corrêa Leal
Major Vet.º Redator Chefe

Capital Federal — Em 13 de Agosto de 1942.

Do Diretor da Revista.

Ao Sr. Tesoureiro.

Assunto: Designação (comunicação)

Referência: Representante.

I — Conforme indicação do Sr. Ten. Cel. Vet.º Sílvio Romeiro Ribeiro Taques, designei nesta data, para exercer as funções de Representante autorizado no Estado de São Paulo, o 2.º Ten. da Reserva, JOAO VICENTE DE ARAUJO SILVA, residente naquele Estado, á rua Miguel Isara n.º 105 — Pinheiro (Butantan).

II — Pelo exposto acima, fica dispensado, a seu pedido, o Ten. Cel. Vet.º Sílvio Romeiro Ribeiro Taques, que vinha exercendo aquelas funções.

João Teles Vilas Bôas
Ten. Cel. Vet.º — Diretor

Capital Federal, 14 de Abril de 1942.

Do 1.º Ten. Tesoureiro e Chefe de Publicidades da R. M. M. V.

Ao Sr. Major Diretor da R. M. M. V.

Assunto: Movimento da Revista, parte n.º 3.

I — Levo ao vosso conhecimento que, dos 66 oficiais veterinários que servem na Capital Federal, entre os Estabelecimentos Militares, Repartições, Órgãos Provedores, Escolas e Corpos de Tropa, bem assim Unidades Administrativas, apenas 20, até a presente data, satisfizeram seus compromissos com esta Tesouraria.

II — Esta Chefia de publicidades, remeteu cerca de 1.000 exemplares do nosso numero de aniversário e mais de 1.500 numeros dos menos atrasados, mormente os de n.º 26, 28, 30 32, 34 e 35, para todos os prefeitos dos 1.540 municipios dos 20 Estados, do Território do Acre e do Distrito Federal, a titulo de propaganda, cujos comprovantes do protocolo e correspondência registrada, anexo a esta.

III — Em papel apergaminhado, especial, remeti a todos Exm.os Srs. Interventores Federais, Diretores dos Departamentos de Municipalidades, Secretários Geral, Diretores dos Departamentos de Saude e Agricultura dos Estados e Prefeitos das Capitais, cartas circulares de ns. 3 e 4, solicitando assinaturas.

IV — Enviei em porte simples, pelo correio, mais de 200 cartas, aos srs. criadores, remetendo prospectos, cartas circulares e alguns numeros atrasados.

V — Expedi tambem em papel comum, cerca de 1.540 cartas circulares aos Srs. Prefeitos do Interior, fazendo propaganda da Revista e solicitando assinantes, mesmo para os meses restantes, até que nosso Representante em São Paulo, nos envie o numerário dos seus anuncios. Agora que temos representações em Porto Alegre e Curitiba, poderão as mesmas cooperar para os recursos da Revista Militar de Medicina Veterinária, que tudo espera dos novos elementos que agora como nossos intermediários irão elevar mais ainda o nosso Orgão de Publicidades, na sua parte financeira.

VI — Nossa expedição para a Europa foi reduzida, pois sómente foram enviadas para os paises neutros, em número de 36 das 86 insti-
rão elevar mais ainda o nosso Orgão de Publicidades, na sua parte do Continente, foram expedidas regularmente.

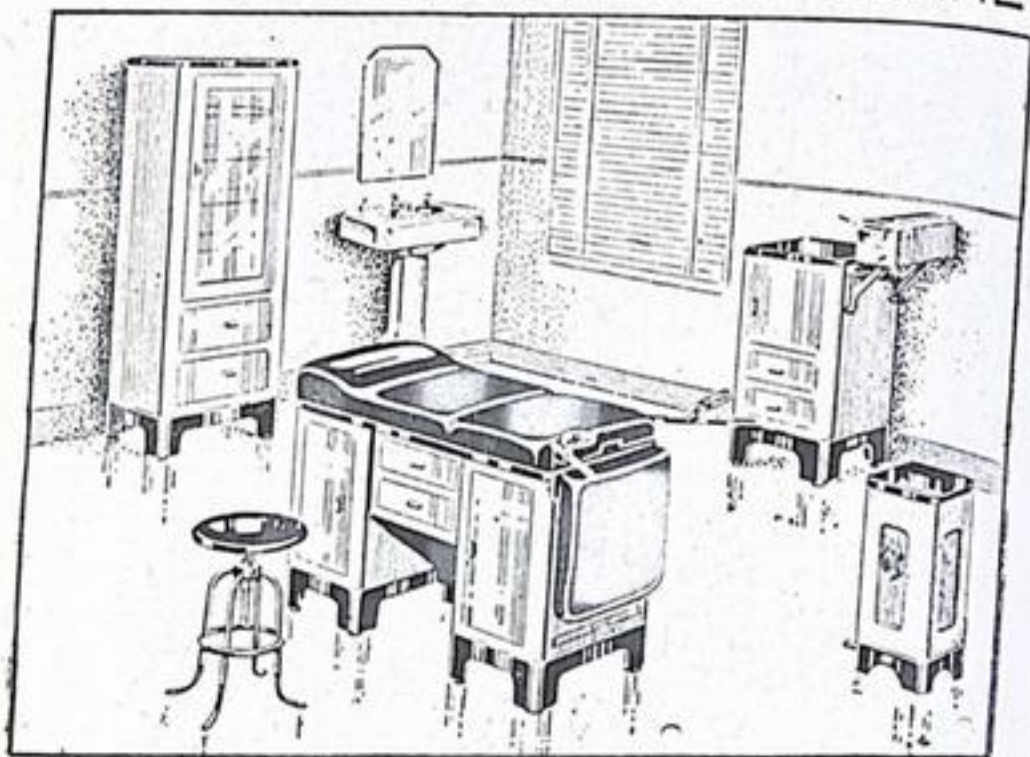
VII — A situação do n. 37 — Fevereiro-Março, com relação a publicação de anuncios é bem igual, ou mesmo inferiores, a do número 36. Os anuncios das Firmas: Casa Lohner e Laminação Nacional de Metais S. A., ainda continuam por conta do adiantamento feito ao nosso ex-representante em São Paulo, cujos compromissos legais de pagamentos, já foram assinados.

VIII — As despesas com o Serviço de Propaganda, confecção de circulares, serviços de mimeiografia, datilografia, compras de envelopes e papel timbrado com a abreviação da R. M. M. V. e etc., têm sido cobertas com a entrada do pagamento das assinaturas e anuncios de acôrdo com o que estabelece com o art.º 3.º da Portaria n.º 303-A de 23-XII-938 do Exm.º Sr. Ministro de Guerra.

XI — Esta tesouraria recebeu no mês de Março de assinaturas cujos comprovantes, talões ns. 937 e 950 inclusive o canhoto anterior de n. 936, consta do balancete de Janeiro; e respectivamente os de n. 028 a 045, o canhoto n. 027 foi incluído no balancete de Novembro de 1941 — soma de 50 assinantes a 24\$000 total — 720\$000.

Joaquim Marinho Pessoa
1.º Ten. Vet.º — Tesoureiro

MODERNIZE SUAS INSTALAÇÕES COM O NOVO CONSULTORIO LUXAL



O CONSULTORIO LUXAL lhe proporciona mais conforto e maior eficiência
— A PRAZO —

Nossos moveis para CONSULTORIO LUXAL que agora oferecemos á classe médica são de linhas artisticas, finas, e acabamento esmerado e cuja beleza de formas impressiona a primeira vista.

São luxuosos e se destacam de todos os que foram até hoje construidos. Com o nosso novo plano de pagamento, de amortizações facéis, é extremamente facil adquirir um CONSULTORIO LUXAL.

Envie-nos, hoje mesmo, o copon abaixo e V. S. poderá, então, certificar-se de como está ao alcance possuir a maravilhosa construção moderna que representa o novo CONSULTORIO LUXAL.

Lutz, Ferrando & Cia. Ltda.

RIO DE JANEIRO

SAO PAULO

LUTZ, FERRANDO & CIA LTDA,
Rua do Ouvidor, 88 — Rio de Janeiro

Envie-me completas illustrações e detalhes de venda do Consultorio "Luxal".

NOME.....

RUA.....

CIDADE ESTADO

MAJOR ALUIZIO DE MIRANDA MENDES

Os Oficiais adjuntos do gabinete do Exmo. Sr. Gen. Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, tendo a frente o Coronel Candido Caldas, chefe do aludido Gabinete, por motivo do aniversário do Major Aluizio de Miranda Mendes que transcorreu ultimamente, prestaram a este distinto oficial superior, grande benfeitor do Quadro de Oficiais Veterinário do Exército, uma justa homenagem que constou de uma manifestação de simpatia, pelos relevantes serviços que vem prestando ao Exército, em particular as suas elevadas funções de adjunto de tão alto Gabinete.

Folheando o Almanaque do Ministério da Guerra até encontrar seu digno nome e sua colocação, com orgulho militar verificamos o registro honroso dos inúmeros Cursos que este brilhante oficial é portador, feitos nas velhas e conceituadas Academias Militares da Europa e Escolas Superiores do Brasil.

"Revista Militar de Remonta e Veterinária" apresenta ao Major Aluizio seus respeitosos cumprimentos pela passagem do seu natalício.

CAPITÃO VET. DR. OSCAR PETERSEN

Por decreto recente do Senhor Presidente da República na pasta da Guerra, foi transferido para a reserva remunerada, o Cap. Vet. Dr. Oscar Petersen. Trata-se de um elemento de escôl, possuidor de uma cultura invulgar, muito sofre o Quadro de Oficiais Veterinários do Exército com o seu afastamento para a Reserva de primeira linha.

Porisso registramos com profundo sentimento essa transferência.

A Revista Militar de Medicina Veterinária deseja ao Cap. Petersen, nas suas novas atividades civis, toda a sorte de felicidades.

HOMENAGEM AO CAP. VET. JOCELYN DE SOUZA LOPES

Um grupo de aspirantes a Oficial Veterinário, da turma de 1942, homenageou ontem, o instrutor da turma, Capitão Veterinário Jocelyn de Souza Lopes, e seus auxiliares, em agradecimento pelas atenções dispensadas pelo mesmo durante o estagio nos "Dragões da Independência" onde o homenageado é o chefe da Formação Veterinária. Essa homenagem constou de um churrasco, que teve lugar no Restaurante do Aeroporto Santos Dumont, tendo comparecido oficiais homenageados e convidados. A comissão composta pelos aspirantes Alberto Carvalho, Moutela Cordfield, José Mussi Sobrinho, Moacir Soledade, Valter Ferreira Agular, Faustino Gomes, Rocha Filho, José Pinto da Costa e Milltom, ofereceu ao Capitão Jocelyn uma lembrança, ao que agradeceu o homenageado.

A Revista Militar de Remonta e Veterinária se fez representar no ato que julgou bem merecido.

Banco Hipotecário

“Lar Brasileiro”

S. A. DE CRÉDITO REAL

Rua do Ouvidor, 90

Telefone: 23-1825

CARTEIRA HIPOTECARIA — Empréstimos a longo prazo para construção e compra de imóveis. Contratos liberais. Resgate em prestações mensais.

CARTEIRA COMERCIAL — Descontos de efeitos comerciais, warrants e contas correntes garantidas.

DEPÓSITOS — Em contas à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: MOVIMENTO, 3% ao ano; CONTA LIMITADA, 5% ao ano; CONTA PARTICULAR, 6% ao ano; PRAZO FIXO, 1 ano, 7% ao ano, 2 anos ou mais, 7 1/2 % ao ano; COM AVISO PRÉVIO de 60 dias, 4% ao ano e de 90 dias, 5% ao ano; A PRAZO COM RENDA MENSAL, 1 ano, 6% ao ano; 2 anos, 7% ao ano.

SECÇÃO DE VENDAS DE IMOVEIS — Residências, Lojas e Escritórios modernos. Ótimas construções no Flamengo, Avenida Atlantica, Esplanada do Castelo e outros bairros valorizados. Vendas a longo prazo, com pequena entrada inicial e o restante em parcelas mensais equivalentes ao aluguel.

ENCARREGA-SE DA VENDA DE IMOVEIS